

play. kiss. dominate. laugh.
sing. tease. touch. open. feel.
breathe. sigh. gasp. moan. vow.
deny. give. think. cry. crave.
do. sob. beg. hold. lie. speak.
consume. pull. submit. caress.
close. pray. **control.** shudder.
weep. tend. soak. revel. fight.
swing. groan. tell. sway. hum.
surrender. stand. ease. offer.
push. carry. take. be. spread.
promise. revel. accept. soothe.



play. kiss. dominate. laugh.
sing. tease. touch. open. feel.
breathe. sigh. gasp. moan. vow.
deny. tease. think. cry. crave.
do. lie. beg. hold. speak.
consume. pull. submit. caress.
close. pray. shudder.
weep. tend. soak. revel. fight.
swing. groan. tell. sway. hum.
surrender. stand. ease. offer.
push. carry. take. be. spread.
promise. revel. accept. soothe.

play. laugh.
sing. tease. touch. open. feel.
breathe. sigh. gasp. moan. vow.
deny. give. think. cry. crave.
do. lie. beg. hold. speak.
consume. pull. submit. caress.
close. pray. shudder.
weep. tend. soak. revel. kiss.
swing. groan. tell. sway. hum.
surrender. stand. ease. offer.
push. carry. take. be. spread.
promise. revel. accept. soothe.

Songs of Submission
Book Four **CD** **Reiss**

Control

Songs of Submission #04

C.D. Reiss

Sinopse:

O que você está quebrando não é algo pequeno, uma união sem sentido. Nós não fomos uma foda casual, e nós nunca seremos.

Não desde a primeira noite. Não desde a primeira vez que eu coloquei os olhos em você. Você foi feita para mim. Neguei isso enquanto pude, mas estávamos destinados a ficar juntos. Você é o mar sob o meu céu. Estamos amarrados no horizonte.

cel

I ♥
Books

A tradução em tela foi efetivada pelo grupo CEL de forma a propiciar ao leitor acesso parcial à obra, incentivando-o à aquisição da obra literária física ou em formato ebook. O grupo CEL tem como meta a seleção, tradução e disponibilização parcial apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausente de qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais contratuais de autores e editoras, o grupo, sem aviso prévio e quando julgar necessário, poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem em qualquer rede social (Orkut, Facebook, grupos), blogs ou qualquer outro site de domínio público, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao disponibilizar a obra, também responderão pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo CEL de qualquer parceria, coautoria, ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal Brasileiro e Lei nº 9610/1998.

Setembro/2013

cel

I ♥
Books

Proibido todo e qualquer uso
comercial

Se você pagou por esta obra,
VOCÊ FOI ROUBADO.

Capítulo Um

Monica

— **F**ique de joelhos.

Mesmo através do telefone, eu poderia dizer que Jonathan estava usando sua voz dominante. Eu fiquei tão nervosa que eu umedeci tanto a calcinha cara que o papel protetor na virilha enrugou e descolou. — Sim, senhor.

De frente para o espelho do provador, fiquei de joelhos. A liga preta e meia que eu estava experimentando parecia como se tivesse sido colado em mim. O cinto de cetim preto pendurado abaixo em meus quadris segurava as tiras que caía nas minhas coxas com anéis de prata.

— Como se parece? — Ele perguntou.

— Eu acho que você vai gostar.

— Como isso faz você se sentir?

— Você realmente quer saber? — Perguntei.

— Estou sentado na parte de trás do meu carro, pensando em você. No tráfego e entre duas paredes. Então, sim, eu quero saber como isso faz você se sentir.

Ouvi mulheres do lado de fora da porta do camarim. Suas conversas suaves e risos foram abafadas pelas roupas estendidas ao redor da sala, lingerie com rendas e fivelas e anéis de metal fixados em cetins exuberantes e elásticos. Cada peça que eu experimentava em mim me excitava, e quando ele ligou, a adição de sua voz combinada me trouxe à beira das lágrimas.

— Como é que eu me sinto? — Perguntei. O tapete cavou meus joelhos, e eu estava com a pele arrepiada com a colisão do ar condicionado, mas não era isso que ele queria dizer. O bojo do sutiã de cetim preto era feito com duas correias que podiam ser movidos para o acesso. Isso faz eu me sentir tão confortável, eu nem sequer sabia que eu podia. As curvas da calcinha acentuava o comprimento da minha pélvis. — Eu me sinto fodida.

Eu o ouvi tomar fôlego. Eu desfrutei do abalo dele. — Enfie o telefone em sua orelha esquerda.

— Feito.

— Pronto?

— Pronto, senhor.

— Coloque sua mão esquerda no espelho. — disse ele. — Se incline sobre ele.

— Sim, senhor. — Minha mão se espalhou no espelho como uma estrela do mar. Iria deixar uma marca.

— Coloque sua mão direita entre as pernas.

— Jonathan...

— Faça isso.

Minha boceta apertou com antecipação. Eu acariciei levemente através do tecido esticado, sugando o ar entre os dentes com o arrepio ao toque.

— Pressione sob o tecido. — disse ele, como se ele pudesse ver que eu não tinha colocado os dedos na minha pele.

— Sim, senhor. — A palavra *senhor* parecia não vibrar apenas para fora, para ele, mas para dentro, para baixo de um nervo espesso ligando minhas cordas vocais ao meu núcleo. Quando coloquei meus dedos sob a calcinha, eu estremei.

— Você esta molhada?

— Tão malditamente molhada. — eu sussurrei.

— Abriu suas pernas?

— Sim.

— Se olhe no espelho.

Eu fiz, e fui recebida por um rosto com excitação, lavada com sexo. — Sim, senhor. — Eu me vi me submetendo a ele, naquela roupa, como se eu precisasse estar mais ligada. Fora da porta, ouvi uma garganta limpar.

— Como você está? — Ele perguntou.

— Parece que eu não posso ficar aqui muito mais tempo sem que venha alguém.

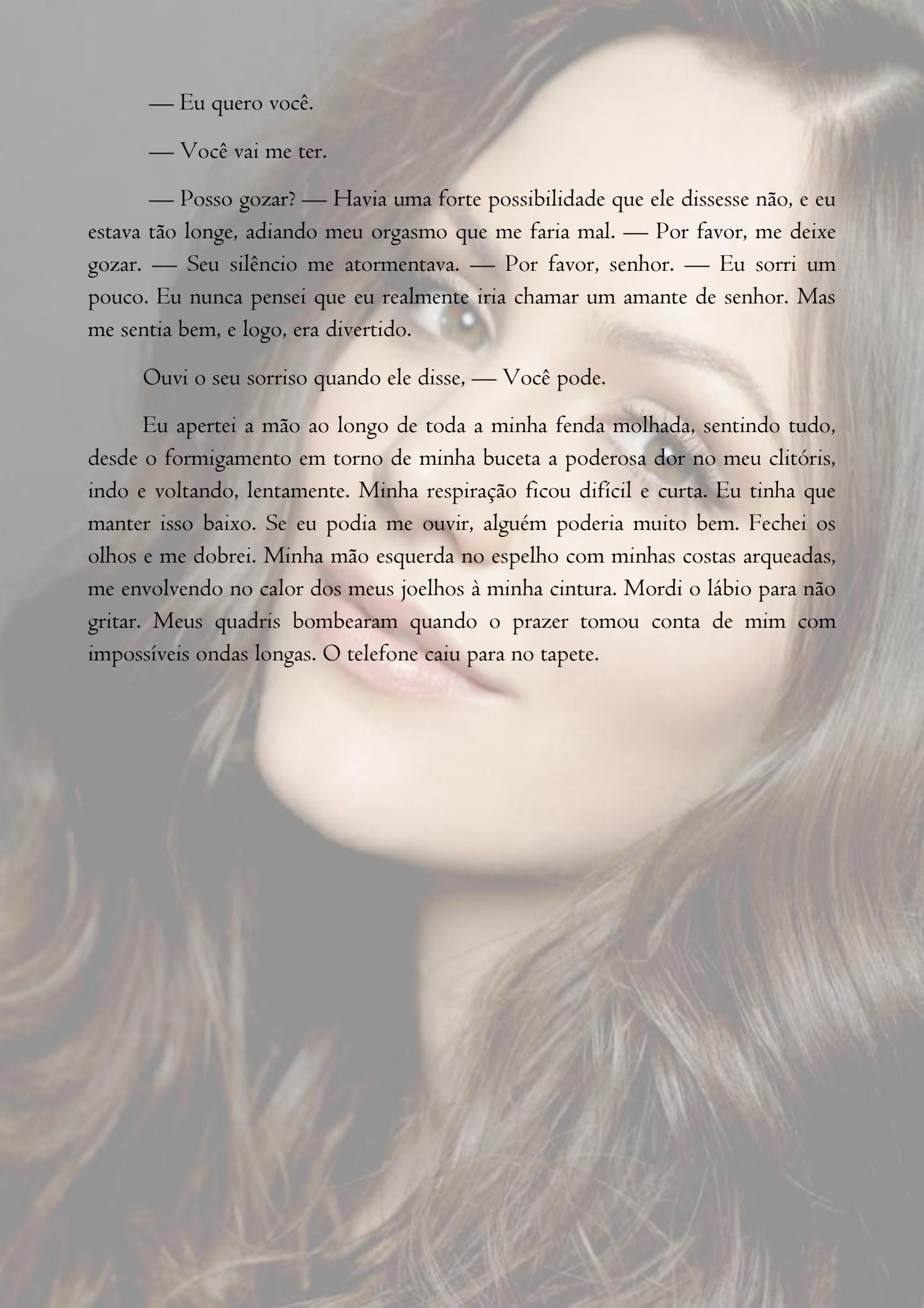
— Você tem esse direito. — ele murmurou. Papéis arrastaram ao seu lado. Ele estava trabalhando enquanto ficava me dizendo para eu me dedilhar. Uma verdadeira multitarefa. — Acaricie seu clitóris e todo o caminho até esse belo buraco. — Eu gemi, meu rosto acariciando o telefone. — Continue. Trabalhe seu clitóris. Contorne-o duas vezes, em seguida, por cima.

Eu fiz, e um suspiro veio tanto do meu toque, quanto pelo conhecimento de obediência a ele. — Oh, Jonathan.

— Coloque dois dedos dentro.

Minha buceta apertou em torno de meus dedos, beijando-os, chupando-os dentro. A palma da minha mão encontrou meu clitóris enquanto eu empurrava meus dedos dentro e fora.

Ele sussurrou: — Amanhã à noite, quando eu te ver, eu vou colocar meus dedos em você e te lambar até você me pedir para parar. Então eu vou apertar o seu clitóris com meus lábios até que você goze.



— Eu quero você.

— Você vai me ter.

— Posso gozar? — Havia uma forte possibilidade que ele dissesse não, e eu estava tão longe, adiando meu orgasmo que me faria mal. — Por favor, me deixe gozar. — Seu silêncio me atormentava. — Por favor, senhor. — Eu sorri um pouco. Eu nunca pensei que eu realmente iria chamar um amante de senhor. Mas me sentia bem, e logo, era divertido.

Ouvi o seu sorriso quando ele disse, — Você pode.

Eu apertei a mão ao longo de toda a minha fenda molhada, sentindo tudo, desde o formigamento em torno de minha buceta a poderosa dor no meu clitóris, indo e voltando, lentamente. Minha respiração ficou difícil e curta. Eu tinha que manter isso baixo. Se eu podia me ouvir, alguém poderia muito bem. Fechei os olhos e me dobrei. Minha mão esquerda no espelho com minhas costas arqueadas, me envolvendo no calor dos meus joelhos à minha cintura. Mordi o lábio para não gritar. Meus quadris bombearam quando o prazer tomou conta de mim com impossíveis ondas longas. O telefone caiu para no tapete.

Capítulo Dois

Jonathan

Ouvi o telefone cair no chão, e o gemido

encheu o carro. Olhei pela janela para o estacionamento também conhecido como o 710 freeway e a imaginei se tocando. Imaginei sua expressão e seu cheiro enquanto ela se contorcia no chão o suficiente para largar o telefone, tudo ao mesmo tempo usando alguma lingerie elástica e cetim. Um arrepio desceu pela minha espinha. Eu me senti ligado a ela quando eu ordenei e ela obedeceu. Foi o mais próximo possível de tocá-la quanto eu poderia conseguir.

— Jonathan? — Ela sussurrou.

— Como você está se sentindo?

— Eu quero me enrolar ao seu lado na cama.

— Eu já te disse o quão incrível você é? Por favor, o inferno fora de mim.

Ela não respondeu de imediato. Minha pequena deusa da Echo Park deve ter sorrido. — Espere até você ver as calcinhas. Eu acabei de fazer uma bagunça nela. Elas vão te agradar muito.

— Compre todas.

A próxima pausa não foi tão agradável. — Eu quero falar sobre isso.

— Podemos conversar amanhã. Vou te buscar as cinco horas.

— Vamos deitar na cama e assistir o Dodgers perder o sexto jogo?

— Você não deveria supor onde um homem está levando você. — Ela resmungou. Minha deusa era uma grande fã de beisebol. Ela provavelmente pensou que eu não tinha notado ou tinha esquecido.

Depois que ela saiu na manhã do dia anterior, quando eu caí no sono com seu cantarolar e acariciando meu cabelo, eu me inclinei para trás em minha cadeira de escritório, olhando pela janela e pensando nela. Horas mais tarde, eu liguei para ela e a pedi para sair em um encontro.

— Um encontro real? — Ela perguntou. — Como um jantar ou um filme ou algo assim?

— Eu conheço um lugar agradável. Nós vamos tomar um pouco de vinho. Boa comida. Você sabe, como as pessoas fazem. — Eu olhei para fora ao longo da Hollywood Hills. Eu tinha que vê-la novamente. Eu sentia saudade dela e os telefonemas e sms dela não me satisfaziam. Tudo começou no momento em que ela saiu e eu já contava as horas a níveis incontroláveis desde então.

— Bem, isso é ótimo e tudo, — ela disse — mas só para você saber, eu não transo no primeiro encontro.

Eu estava rindo quando minha assistente entrou. Eu indiquei que ela devia se sentar e peguei o horário que ela me ofereceu. — Eu preciso que você consiga algo para vestir. — eu disse ao telefone.

— Ah, de novo não.

— Uma e outra vez. Eu estou em uma reunião. — Olhei minha agenda para o dia seguinte. — Posso mandar um sms para você?

— Você está evitando a minha recusa.

— Eu não vou chegar atrasado. Então esteja pronta. *Vestida* e pronta.

— Obrigado pelo esclarecimento.

— De nada.

Joguei meu telefone de lado, olhei para a minha agenda, e olhei para Kristin. — Eu tenho uma reunião com a minha ex-esposa às seis e meia?

— Você disse para aceitar qualquer reunião que ela quisesse.

— Eu disse. Cancele a reunião e cancele a ordem de pedidos permanentemente. Ela entrará na programação como todo mundo. — Kristin balançou o pé e acenou com a cabeça rapidamente, parecendo abalada emocionalmente. Ela era tão transparente, eu não tinha ideia de como tinha chegado através de Vassar sem essas cadelas a comendo viva. — Sim?

— Você ainda vai almoçar com Eddie amanhã, ou você quer se encontrar com Gerald Deritts do Conselho 12? Ele ligou e tive uma abertura na agenda dele.

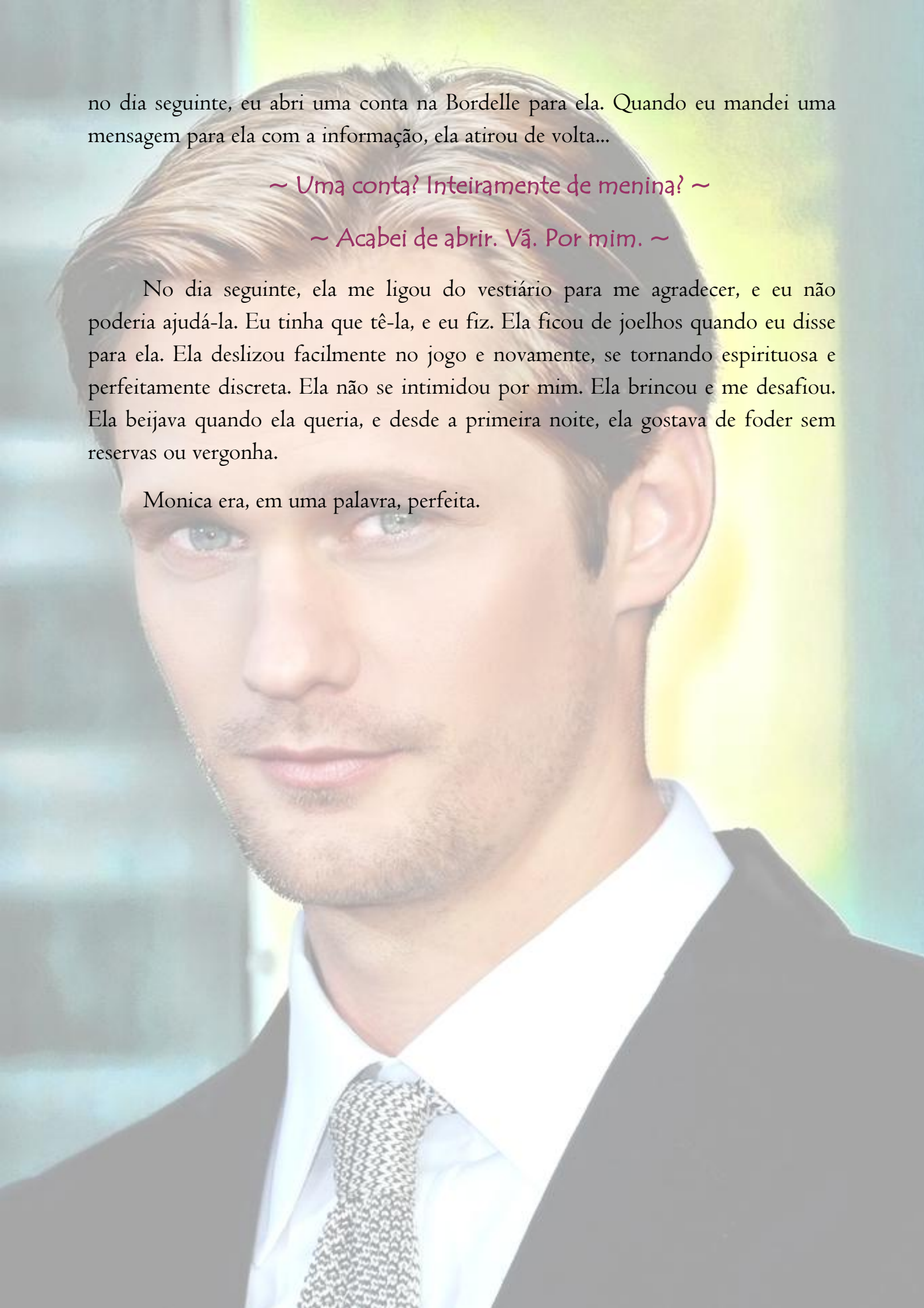
— Cancele Eddie.

— Sheila está presa na 405. Ela adicionou isto à agenda. — Ela me entregou uma pasta.

— Ah, o nosso fundo. — eu murmurei enquanto eu o folheava. Quando ficamos noivos, eu criei um fundo para Jessica que previa tudo o que ela precisava. Embora tivesse gosto e posição social, ela não conseguia gerenciar um dólar. Quando nos divorcíamos, eu tinha a intenção de revogar seus benefícios, mas nunca o fiz. Eu tinha sido tão covarde. Eu disse a mim mesmo que ela não tinha tomado um centavo de mim porque eu precisava acreditar. Os saques não me machucavam, mas ela continuava a tirar dinheiro do fundo, e eu possuía o edifício onde estava seu estúdio e não cobrava o aluguel. Houve outros incidentes que eu provavelmente os esqueci. — Diga a Sheila que quero rever todos os meus envolvimento financeiros com minha ex-esposa. Quero o livro para a próxima semana.

Kristen franziu os lábios. Eu poderia ter perguntado a ela o que estava em sua mente, mas não valia a pena uma conversa. Sua atração era simpática quando eu a contratei, mas foi ficando menor. Eu disse não, eu não queria dormir com ela. Mais outra conversa sobre isso, ou por que eu não iria voltar atrás e ver Jessica mais, seria improdutivo.

Depois de dispensar Kristin, eu tentei voltar a trabalhar, mas meus pensamentos foram consumidos com Monica. Na expectativa de nosso encontro



no dia seguinte, eu abri uma conta na Bordelle para ela. Quando eu mandei uma mensagem para ela com a informação, ela atirou de volta...

~ Uma conta? Inteiramente de menina? ~

~ Acabei de abrir. Vã. Por mim. ~

No dia seguinte, ela me ligou do vestiário para me agradecer, e eu não poderia ajudá-la. Eu tinha que tê-la, e eu fiz. Ela ficou de joelhos quando eu disse para ela. Ela deslizou facilmente no jogo e novamente, se tornando espirituosa e perfeitamente discreta. Ela não se intimidou por mim. Ela brincou e me desafiou. Ela beijava quando ela queria, e desde a primeira noite, ela gostava de foder sem reservas ou vergonha.

Monica era, em uma palavra, perfeita.

Capítulo Três

Monica

Eu carregava uma bolsa enquanto eu caminhava para o café. Jonathan tinha ligado para Bordelle e disse a eles para embrulhar tudo o que eu tinha colocado no provador. Então eu fui para a Nordstrom e comprei o meu próprio maldito vestido. Eu esperava que ele gostasse porque me colocou de volta para duas semanas atrás, quando um monte de dinheiro para algo que iria usar acabou drapeado sobre a cadeira em sua varanda. Mas eu precisava me sentir bem comigo mesma. Eu o aceitei como um dominante na cama, e funcionava muito bem para nós. No mundo lá fora, eu era a minha própria mulher.

Exceto para os oitocentos dólares em lingerie.

Corri até a entrada do Terra Café. Yvonne se sentou em uma mesa de pátio com uma criança de um no meio de idade, escavando sorvete para fora de um copo.

— Garota, — ela disse enquanto nós nos abraçamos — onde diabos você foi fazer compras? E o que são esses sapatos?

Eu me virei para o meu pé pra ver a sola visivelmente vermelha. Eu usava os sapatos que eu tinha comprado na Barney com mais frequência do que eu deveria, mas deixar ele sentado no fundo do meu armário parecia um crime. Yvonne olhou

para mim de soslaio, enquanto ela pegava um sorvete. Seu cabelo afro estava penteado no sentido oposto e era quatro vezes o tamanho de sua cabeça, seus olhos estavam pintados de dourado, e seus lábios pintados com a cor de chocolate que exaltava sua pele. Ela estava simplesmente linda.

— Você gostou deles? — Perguntei.

— Eu sei quanto eles custam, então eu sei onde você conseguiu. Então, se eu gosto ou não deles, depende.

Eu sentei e pedi um chá verde e um bolo com alguma coisa de chocolate. Aaron, em sua camisa listrada e macacões, se sentou com a boca aberta. Sorvete de baunilha escorria dos cantos da boca como se ele fosse um vampiro de laticínios.

— Sinto muito sobre sua amiga. — ela disse. — Você estava perto?

— Ela era como uma irmã para mim. — Eu senti um pouco de engate na minha garganta, um soluço empurrando para cima do meu estômago. Eu o engoli. Eu não chorava em público. Em particular, nos últimos dias tinham sido uma onda de lágrimas e tristeza batendo de volta. — De qualquer forma. Está tudo bem. Estou lidando com isso. Ainda não limpei o quarto dela. Mas de qualquer maneira... como vai a escola? Esse é o último ano, né?

— Tentando fazer que minha tese seja aceita. Pensando em fazer gênero em vez de correr. Algo como corpos e política das mulheres.

— Cruzamentos sexuais. — Meu chá veio.

— Oh, isso é bom. — Ela raspou o fundo do copo. — Agora, eu não te chamei para almoçar para falar sobre UCLA.

— O clima, então?

— Meu chefe? Seu ex-chefe? O filho da puta quente? Vinte e seis anos? Construção mediana? Cabelo acobreado em cima... e lá embaixo?

— Não na frente do bebê.

— Ouvi dizer que ele é uma aberração. — Eu cuspi meu chá. — Bem, — ela continuou — a palavra fica ao redor. Então... — Ela deslizou em sua cadeira. — Aquele. O. Fodão?

— Yvonne, realmente. Totalmente inadequado. — Eu olhei para ela por cima do meu copo, desejando uma morte rápida e indolor. Eu sabia que ela queria me perguntar sobre Jonathan, mas eu não sabia que ela estava consciente de suas tendências.

— Ele é muito privado sobre quem ele é... — Ela se deteve. — ... Com quem ele está gastando o tempo. Mas tudo o que vi foi sua foto do show do L.A Mod no jornal. E não era nenhum segredo no velório da sua amiga.

— Eu não sei o que você chamaria de nós neste momento. — eu respondi. Aaron fez um longa som aaaaaahhh de puro deleite. Ele chutou debaixo da mesa e os talheres saltaram. — Ele é fofinho, esse bebê. Você cria ele?

— Eu e aquele canalha. Não se pode negar que ele é um canalha de boa aparência.

— Ele ainda está perseguindo você?

— Os policiais tiveram que vir na semana passada. Ele colocou a câmera na janela do meu quarto para me ver dormir. Isso não é doce? Ah, e ele tem informações da minha conta bancária - para colocar “Aaron no apoio à criança” de bem ali e para me poupar o trabalho de ir ao banco. Eu disse, cara, eu espero que transtorno de personalidade narcisista não seja genético.

— Eu sinto muito em ouvir isso.

— Eu liguei para você para que você pudesse me ajudar com um pouco de fuga, e até agora você foi uma grande falha.

Eu sabia o que ela ia perguntar, e eu tinha limites preparados, mas ela imediatamente quebrou-os para baixo, revelando o rumor da aberração. A coisa era, eu queria dizer a ela. Eu não tinha ninguém para conversar. Darren não queria ouvir sobre isso. Gabby estava morta. Debbie e Jonathan eram amigos. Eu sabia que algumas das minhas amigas eram melhores do que Yvonne, mas nenhuma delas tinha me perguntado sobre o homem bonito ao meu lado no velório de Gabby. Elas levantaram as sobrancelhas e se apresentaram. Eu recebi telefonemas, perguntas indiretas, e convite para festas e reuniões. Recusei todos, mas Yvonne, provavelmente porque ela estava muito na frente exigindo informações.

— Nós estamos tendo relações sexuais. — eu disse. — Amanhã à noite, temos um encontro, o que não fizemos ainda.

Ela colocou um livro de bordo em frente de Aaron e se inclinou para mim, cruzando os braços, longos e finos. — Você está *fazendo sexo*? Quem é você, vovó? Vamos. Ouvi dizer que ele usa chicotes e correntes.

Eu pressionei meus lábios entre meus dentes. Eu teria que lidar com os rumores em algum ponto. — Eu nunca o vi segurar ou usar um chicote ou uma corrente. Nem tenho observado qualquer uma dessas coisas em sua casa ou em seu quarto. No entanto... — Eu deixei minha voz morrer e bebi o chá, levando Yvonne junto. — Eu não vou negar que pode haver alguma verdade esses rumores.

— Garota. — ela disse com nenhuma emoção.

Dei de ombros, querendo me desligar disso, mas Yvonne tinha chegado a razão. Ela não estava saindo com generalizações e admissões vagas. — Como é isso? — Ela perguntou.

— Isso é estranho.

— Me conta. — Ela sussurrou rouca com antecipação.

— Eu não posso. — eu sussurrei de volta. — Não é cinematográfico. Não é emocionante, a menos que você esteja com ele. Ele conversa comigo. Ele me diz o que eu quero antes de saber e antes que eu possa negar a mim mesma. Eu sou livre com ele, mas não da maneira que você pensa. — Eu virei minha xícara de chá em torno do pires.

Eu parei. Eu poderia ter dito mais. Eu poderia ter dito a ela que ele me dominou, e eu me apresentei com o desapego de tudo o que eu esperava de mim mesma. Eu cedi todo o controle, todas as emoções, todos os limites físicos e, ao fazer isso, achei a honestidade sexual. Eu me senti mais perto dele do que sentia com qualquer um, porque ele viu partes de mim que eu não via. As palpitações, as fraquezas, partes que tinha medo e neguei existência, ele trouxe e acariciou. Pensar em suas demandas me fez querer ele de novo. Eu cruzei as pernas, Yvonne não entenderia.

Sua expressão me disse que eu estava certa. Seu rosto ainda estava, desembaraçado do drama em torno das minhas aventuras com um homem rico. Ela não estava exatamente preocupada tanto quanto apreensiva. — Então, para onde isso está indo? Sério? Coisa constante? Apenas sexo?

— Eu não sei.

— Como você se sente sobre isso?

Ela definitivamente não iria receber uma resposta honesta para isso. — Levando devagar. Eu gosto de estar ao redor dele. Estou tentando não ficar muito ligada, mas eu não sei se ficar isolada está funcionando.

Aaron se mexeu, e Yvonne o puxou para fora de sua cadeira. Ele descansou a cabeça em seu ombro. — Você mesma que comprou esses sapatos e calcinhas? — Ela perguntou.

— Claro que não. Os sapatos sozinha... — Apertei meus lábios. Eu não gostei para onde ela estava indo, e eu não tenho coragem de bater nela jeito que eu tive para bater no Darren.

— Eu vou te perguntar uma coisa, porque eu gosto de você. Você pode começar a se torcer em suas calcinhas em uma torção, se você quiser, mas você não deve.

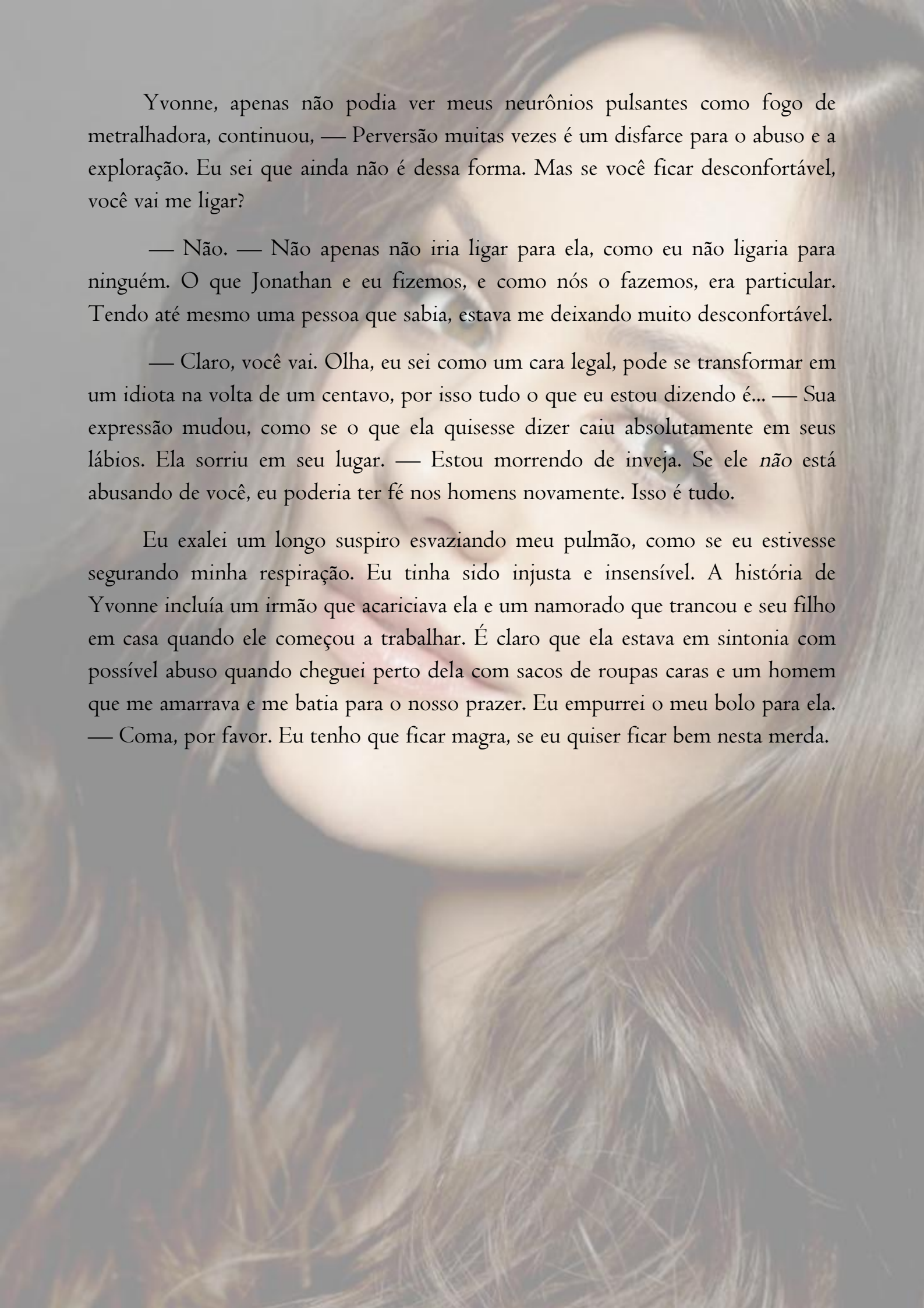
— Pode ser que eu não queira responder.

— Ele abusa de você?

— Não! — Eu chorei. — Deus, Yvonne, que parte do que eu disse que te faz pensar em *abuso*?

Minha reação foi de ofensa, não para mim, mas para Jonathan. Ela não o conhecia. Ela não sabia como era nós juntos.

Mas eu não conseguia segurar isso pelo meu nível de lealdade. Raiva tecia em meu peito me surpreendendo, no entanto. Era raiva causada por sua implicação de que Jonathan era um abusador? Ou porque eu acabei de descobrir que ele tinha uma reputação?



Yvonne, apenas não podia ver meus neurônios pulsantes como fogo de metralhadora, continuou, — Perversão muitas vezes é um disfarce para o abuso e a exploração. Eu sei que ainda não é dessa forma. Mas se você ficar desconfortável, você vai me ligar?

— Não. — Não apenas não iria ligar para ela, como eu não ligaria para ninguém. O que Jonathan e eu fizemos, e como nós o fazemos, era particular. Tendo até mesmo uma pessoa que sabia, estava me deixando muito desconfortável.

— Claro, você vai. Olha, eu sei como um cara legal, pode se transformar em um idiota na volta de um centavo, por isso tudo o que eu estou dizendo é... — Sua expressão mudou, como se o que ela quisesse dizer caiu absolutamente em seus lábios. Ela sorriu em seu lugar. — Estou morrendo de inveja. Se ele *não* está abusando de você, eu poderia ter fé nos homens novamente. Isso é tudo.

Eu exaleei um longo suspiro esvaziando meu pulmão, como se eu estivesse segurando minha respiração. Eu tinha sido injusta e insensível. A história de Yvonne incluía um irmão que acariciava ela e um namorado que trancou e seu filho em casa quando ele começou a trabalhar. É claro que ela estava em sintonia com possível abuso quando cheguei perto dela com sacos de roupas caras e um homem que me amarrava e me batia para o nosso prazer. Eu empurrei o meu bolo para ela. — Coma, por favor. Eu tenho que ficar magra, se eu quiser ficar bem nesta merda.

Capítulo Quatro

Jonathan

Long Beach era absolutamente o último

lugar que eu queria estar. O céu era da cor de um punhado de moedas. Sem o sol para aquecer o ar, o vento do oceano batia frio e duro.

Eu tinha que ser rápido. Eu tinha uma reunião com o vice-prefeito em Century City, em duas horas, e então eu tinha um encontro. Um encontro real, onde eu usaria um terno e me comportaria.

No Porto de Long Beach, a *Mina de Carvão Faulkner* foi ordenada para ser catalogada, embalada e enviada para um armazém na Europa, para nunca mais ser vista novamente. Eu comprei na noite do show Eclipse. A mostra Eclipse ocorreu há uma semana, assim que o minuto do show fechou, meu negociante, Hank, tinha uma equipe para coletá-lo.

Wainwright foi surpreendido, mas a seleção desmarcada bem. Ele apareceu no encerramento para conversar com o meu representante, tentando vender mais trabalho. Porra de traficante. Óbvio como ele a pegou na cama.

Lil dirigiu até o armazém. Hank saiu para me conhecer. Ele tinha 1.86 cm de altura, mais ou menos sessenta anos, careca e vestindo um terno de quatro mil dólares. Ele poderia dizer desaforos de chocolate, negociar um acordo, ocupar espaço em um leilão, e determinar o verdadeiro valor do hype. Mais importante

ainda, ele entendeu o meu gosto, que era por isso que ele estava tão surpreso que eu queria essa peça.

— Jaydee. — Ele estendeu a mão. Ele estava com alguns anéis grandes e um relógio desajeitado, e sua linguagem era carregada como Nova York. Ele parecia mais um motorista de caminhão do que um negociante de arte, e é por isso que eu gostava dele. Ele se esgueirava com as pessoas pelo seu conhecimento e erudição, e pelos artistas do tempo e agentes perceberam que não estavam lidando com um caipira, eu tinha o que eu queria.

— Hank. — Nós andamos através do armazém. Minhas empresas utilizaram o espaço como uma logística para manter materiais de construção e alimentos importados. Os cargos para o povo de roteamento por todo o mundo estavam dentro do armazém também.

Hank acenou o braço com desdém. — Que porra de pedaço de merda que você comprou? Você quer algo para gastar o seu dinheiro, eu tenho uma menina em um estúdio em Compton. Lágrimas em seus olhos. Lágrimas.

— Você me ligou. E não foi para questionar o meu gosto, eu presumo.

— Eu questiono o seu gosto todos os dias.

— Sério? Nunca teria imaginado.

Hank parou em frente a porta da sala de conferências. — É um bom trabalho, sem dúvida. Mas eu não sei muito do que você viu antes de pagar mais enquanto eu não estava olhando.

— Quase nada.

— Fan-maldito-tástico. Não podemos mais fazer isso?

— Eu tenho meus motivos.

— Tudo bem. — disse Hank, obviamente irritado. — Tudo está aqui. Toda a documentação, os esboços, inspiração, toda a história e trabalho que foi para a instalação. Isso é o que você comprou, a visão invisível.

— Podemos ir agora?

Hank permaneceu em frente da porta. — Olha, os artistas são loucos. Eu nunca conheci alguém que não fosse um pouco embaralhado. Talvez eles todos tenham sido mordidos por um rato de merda quando eram bebê. Este? Eu tenho por trás dessa porta? Estou pensando em chamar a polícia de Los Angeles apenas para que eles possam ter um registro disso. Mas eu preciso do seu ok em primeiro lugar.

— Você realmente intrigou o inferno fora de mim, Hank.

Ele abriu a porta. A sala estava equipada com uma longa mesa e cadeiras pretas de escritório para reuniões improvisadas com a equipe de logística, importadores e funcionários aduaneiros. Cada superfície foi coberta com esboços e minúsculos, maquetes tridimensionais. Alguns recortes, algumas colagens, alguns montados, todos numerados para corresponder ao catálogo.

— Deixei as coisas boas sobre a mesa, a baixo do preto fosco. — disse Hank.

Mudei a cartolina preta. Era do tamanho de um roteiro, mas ele escondia algo maior do que seu tamanho real.

Na parte superior do esboço estava feito alguns rabiscos com caneta de pena em forma de espaguete, e só de olhar para ele com cuidado eu podia discernir uma mulher com a garganta cortada e um pau esguichando sangue. A mulher tinha cabelos escuros. Eu sabia quem era.

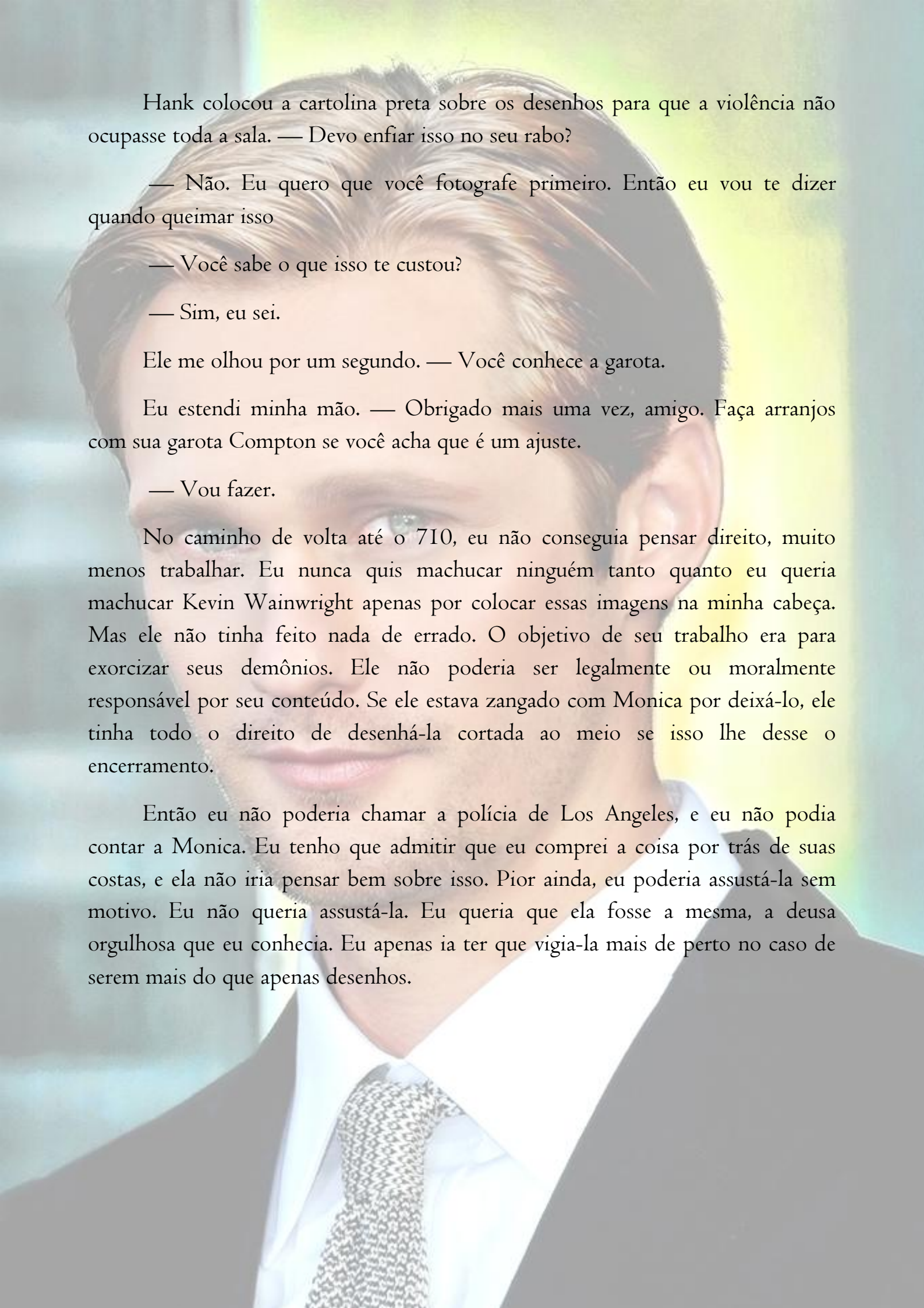
Em seguida empilhado: seu rosto dividia ao meio com um alvo dentro.

Uma arma a arrebatava. Uma dúzia de facas a imobilizava contra a parede. Mãos a sufocava. Seios espremidos azuis. Sua vagina arrancada para fora. Ficou pior. As coisas que ele fantasiava fazer ao seu corpo era repugnante.

— Este sangue é real? — Eu perguntei.

— Seu palpite é tão bom quanto o meu. O catálogo diz que é “técnica mista”.

— Obrigado por me mostrar isso.



Hank colocou a cartolina preta sobre os desenhos para que a violência não ocupasse toda a sala. — Devo enfiar isso no seu rabo?

— Não. Eu quero que você fotografe primeiro. Então eu vou te dizer quando queimar isso

— Você sabe o que isso te custou?

— Sim, eu sei.

Ele me olhou por um segundo. — Você conhece a garota.

Eu estendi minha mão. — Obrigado mais uma vez, amigo. Faça arranjos com sua garota Compton se você acha que é um ajuste.

— Vou fazer.

No caminho de volta até o 710, eu não conseguia pensar direito, muito menos trabalhar. Eu nunca quis machucar ninguém tanto quanto eu queria machucar Kevin Wainwright apenas por colocar essas imagens na minha cabeça. Mas ele não tinha feito nada de errado. O objetivo de seu trabalho era para exorcizar seus demônios. Ele não poderia ser legalmente ou moralmente responsável por seu conteúdo. Se ele estava zangado com Monica por deixá-lo, ele tinha todo o direito de desenhá-la cortada ao meio se isso lhe desse o encerramento.

Então eu não poderia chamar a polícia de Los Angeles, e eu não podia contar a Monica. Eu tenho que admitir que eu comprei a coisa por trás de suas costas, e ela não iria pensar bem sobre isso. Pior ainda, eu poderia assustá-la sem motivo. Eu não queria assustá-la. Eu queria que ela fosse a mesma, a deusa orgulhosa que eu conhecia. Eu apenas ia ter que vigia-la mais de perto no caso de serem mais do que apenas desenhos.

Capítulo Cinco

Monica

Eu usava uma das minhas novas ligas, uma

roxa tão escura que poderia ser preto. Acabei usando o vestido de renda preto que eu tinha comprado na Nordstrom. A saia caía pouco acima dos joelhos e o forro de cetim parava logo acima da bainha. O decote era modesto, e as mangas cobriam meus braços. Ele era forrado, mas confortável e elegante. Ele poderia me levar a qualquer lugar. Eu era apenas uma puta por baixo do vestido.

Eu trancei meu cabelo. Eu tentei fazê-lo especial, mas eu simplesmente não tinha a habilidade de Gabby, e os meus braços doíam pela terceira tentativa. Eu fiz o meu melhor, no entanto, era igual a todos os dias desde que ela morreu. Eu usava o meu cabelo como uma lembrança dela, como se eu pudesse voltar atrás, chamá-la e sussurrar em seu ouvido *eu te amo*.

Eu não tinha uma companheira de apartamento para atender a batida na porta. Momentos como esse me fazia sentir uma solitária torção no estômago. Eu corri para fora, enrolando uma faixa ao redor da parte inferior da trança. Mesmo que eu soubesse que era Jonathan, eu tinha que olhar para fora da janela para verificar primeiro. Ele se inclinou sobre o canto da varanda, olhando para a abertura da porta. Sua jaqueta de couro marrom pendurada sobre um terno e gravata, e sua expressão era séria.

— Você vê algo que gosta? — Eu perguntei quando eu abri a porta.

— Sua base está escorrendo.

— Você já reparou o morro? E a gravidade? Como eles conspiram?

Ele olhou para mim sem mover o corpo. Foda-se, ele estava lindo. — Eu posso arranjar alguém para consertar isso. Eu sou um empreendedor imobiliário, você sabe. Eu tenho rapazes.

Caminhei até ele e coloquei minhas mãos em suas costas. Ele olhou para a base de forma crítica, como se ele estivesse fazendo cálculos em sua cabeça. Ele olhou para mim de novo, e eu coloquei meus dedos em seu cabelo. Ficamos assim por um segundo enquanto eu o bebia.

— Você é lindo. — eu disse.

— Eu estava prestes a dizer isso. — Ele se virou e se apoiou no corrimão com as pernas. Entrei na abertura. Ele deslizou seus dedos até minhas coxas, pela minha bainha, deixando minha pele formigando em seu rastro. Quando chegou ao topo da renda da minha meia, ele colocou as mãos debaixo da minha bunda e me acariciou delicadamente.

Me inclinei até que o meu nariz o tocou, ofegando enquanto ele acariciava entre as minhas pernas levemente. — Jonathan... — eu sussurrei — o que você está fazendo?

— Eu só quero saber quais as barreiras que eu estou lidando aqui.

— Você sempre coloca a mão debaixo da saia de uma garota no primeiro encontro?

Ele acariciou o interior das minhas coxas, mantendo o toque macio. — Eu não me preocupei com um encontro real por cerca de nove anos. — Ele inclinou o rosto para que seus lábios encontrassem os meus. Eu coloquei minhas mãos em seu pescoço e o beijei. A ponta de sua língua encontrou a minha, e teceu nossas bocas juntas até que eu era uma bola de calor e desejo.

— Eu odeio quebrar isso, — ele disse — mas temos hora marcada.

Eu gemi. Eu não tinha ideia de como eu iria fazer isso durante o jantar.

— E você tem que ter uma muda de roupa. — ele disse. — Jeans e uma jaqueta.

— Por quê?

— Você pode deixar um cara te surpreender? — Ele bateu na minha bunda e apontou para a porta da frente. — Vá.

Ainda sorrindo da deliciosa picada na minha bunda, eu peguei roupas, e as enfiei dentro de uma sacola, e corri de volta para a varanda. Ele estacionou o Jaguar na minha garagem, bem atrás do meu pequeno Honda preto. Ele abriu a porta do passageiro para mim e a fechou quando cheguei dentro e então ele se dirigiu para a IOI, eu coloquei minha mão sobre a dele, acariciando a parte superior da mesma.

— Você trabalha amanhã? — Ele perguntou. — Porque eu tenho o dia de folga.

— Trabalho, então Frontage.

— Sem a sua parceira? — Ele perguntou, em seguida, acenou com a mão. — Sinto muito. Obviamente.

— Yeah. Eu queria que ela na peça comigo e os meninos também. Mas, merda, eu sinto falta dela.

— Que meninos e que peça?

— Estou colaborando com Darren e Kevin.

O carro deu uma guinada longe demais, e ele quase causa um acidente. A buzina soou e um dedo médio foi levantado. Jonathan acenou em desculpas. — Você estava dizendo? — Ele perguntou.

— Não cause um acidente. — Ele estendeu a Los Feliz Boulevard. — Para onde estamos indo? — Perguntei.

— Um lugar pequeno nas colinas. — Ele virou para Griffith Park.

— Você não está me levando para sua casa, não é?

— Não, não apenas para a minha casa. Eu tenho coisas planejadas, e que incluem a minha casa. Inicialmente. — Ele olhou para mim. — Eu não quis

sugerir um encontro para que eu pudesse te levar de volta para o meu quarto e te prender na cama.

— Vamos assistir ao jogo da sua cama?

— Não.

— Droga. Brad Chance está lançando.

— Por que se incomodar em assistir? Ele vai usar o seu excessivo desgaste maluco do cotovelo na terceira rodada.

— É divertido assistir caras balançando. Especialmente Den Adler. Ele praticamente cai. — Eu ri.

— Então, — ele disse definitivamente, parando em um semáforo — você evitou essa coisa “peça” por exatamente três minutos, e eu fui muito bom nisso.

Eu coloquei minhas mãos em meus joelhos. — Kevin me convidou para colaborar em uma coisa com ele para o BC Moderna. Estamos em um prazo apertado. Eu trouxe Kevin e Gabby para dentro — A luz mudou para verde, e eu fiquei aliviada do peso de seu olhar.

— Por quê? — Ele perguntou.

— Porque eles são família, e eu gosto de trabalhar com eles.

— Não há uma relação registrada entre você e Kevin?

— Não. — Eu não tinha certeza se eu menti para ele ou para mim.

Ele puxou o carro para um amplo espaço ao lado da estrada e o colocou em um parque. Ele me encarou. — Por que você concordou em trabalhar com ele depois do que ele fez no show Eclipse?

Camadas de emoção mascaravam seu rosto. No início foi uma calma fria, um entendimento beirando o paternal. De acordo com isso, algo mais selvagem, mas focalizado e poderoso, empurrando para a superfície. Eu tomei uma respiração nervosa. Ele estava chateado, e eu nunca tinha visto isso antes. Arrepios subiram nos meus braços, e eu esfreguei meus polegares contra meus dedos indicadores. Eu me perguntava se ele podia ouvir o barulho do meu coração.

— Ter música no BC Modern poderia fazer minha carreira. Todo mundo vai ouvir. Todo mundo vai analisar. Era como ter recebido um presente, e se eu tivesse recusado, eu teria me arrependido pelo resto da minha vida.

— Sua ambição supera o seu sentido.

Tentei combinar sua raiva com a minha, mas eu me senti fraca e injustificada. — Nós ficamos bem claros que o meu trabalho é o meu trabalho. Isso não mudou. — Eu mantive o meu nível no olhar com o mesmo peso que eu senti no seu olhar. Ele não gostava de Kevin. Eu sabia disso, mas eu não iria abdicar do meu direito de viver minha vida como eu quisesse.

— Tudo mudou, Monica.

— Não isso.

Com essas poucas palavras, senti duas vontades pressionadas um contra o outro, duro, reto, ainda. Nada se movia. Não foi criada fricção entre elas. Suas mãos apertaram o volante, e as minhas estavam enroladas em punhos. Eu não poderia suportar isso. Eu toquei o topo da sua mão.

Ele agarrou a parte de trás do pescoço e puxou meu rosto para ele, me afogando em um beijo tão duro e quente, quase me esqueci o que eu tinha visto em sua expressão. O que ele tinha visto na minha? Que meu coração pode ser quebrado? Que eu estava me apaixonando por ele, e se eu tentasse parar, a inércia me quebraria em dois? Eu puxei meu rosto dele.

Eu disse, — Eu sei que você não gosta de Kevin.

— Eufemismo do ano.

— Ele é inofensivo. E eu sou confiável.

— Este último, eu acredito. Mas os homens conhecem outros homens. — Ele acariciou minha bochecha. — Você não pode ficar sozinha com ele. Você pode me prometer isso?

Era pedir muito. Darren estava envolvido, mas quem sabe que situações surgiriam? Eu cobri sua mão com a minha. Ele precisava de mim para fazer um esforço honesto. Eu poderia fazer isso. — Sim.

— Obrigado. — Ele me beijou e voltou para Los Feliz Boulevard. Nós fizemos o resto da viagem em silêncio, de mãos dadas. Seja qual for a raiva que se manifestou em seu rosto foi empurrada para longe. Ele me puxou para sua garagem, e a porta se fechou atrás de nós com um som estridente. Ele contornou o carro e abriu a porta. Eu nunca tinha visto a sua casa à luz do dia, nunca vi a madeira art déco nas janelas ou o detalhamento das telhas. Ele pegou minha mão e me levou até a varanda. A porta da frente estava aberta, e ele entrou, esperando que eu o seguisse. Mas eu parei no limiar.

— O quê? — Ele perguntou. — O gato comeu seus pés?

— Eu nunca entrei em sua casa com as minhas roupas antes.

— Ah. Bem, primeira vez para tudo. — Ele puxou minha mão até que eu cruzei sua casa. A sala de estar era o que sempre tinha sido, mas banhada em luz do sol se pondo. Se a sala poderia ficar mais quente, mais convidativa, eu não sabia como. Ele olhou para mim e para a luz do sol saiu correndo as pontas dos seus cílios quando ele me puxou através de sala e para o quintal.

A piscina era de uma enorme extensão em forma de feijão no centro do pátio. Perto da casa, um jardim de flores, formado pelos caminhos de lajes, estendendo-se da casa principal para a casa da piscina. Áreas acolhedoras menores com bancos forrados, com cobertura direita e à esquerda, portas deslizantes de vidro abertas para a sala de estar, onde eu tinha chá.

Aling Mira se aproximou de nós em um terno preto modesto, carregando uma bandeja de vinho branco.

— Oi. — eu disse quando peguei um copo. Ela assentiu com a cabeça e caminhou em direção a uma pequena mesa posta para dois. Um homem de meia-idade acendeu a última vela em um dos caminhos da calçada e, em seguida, os dois na mesa. Eu disse a Jonathan: — Você tem um bom quintal.

— Venha caminhar comigo. — Ele estendeu o braço e eu peguei. Fomos em direção à piscina no caminho de velas alinhadas. — Aling Mira cozinhou uma especialidade Filipina para você chamado kare-kare. Ele é feito de...

— Rabo de boi ensopado?

— Você já comeu isso?

— Eu moro em Los Angeles.

Ele sorriu e apertou minha mão. — Ela viu que você dormiu no meu quarto. Então ela está muito impressionada com você.

— Há quanto tempo ela trabalha para você?

— Há muito, muito tempo. Ela já viu de tudo. Ela quer que eu seja feliz, tanto quanto a minha própria mãe. Bem, talvez uma tia ou algo assim.

Caminhamos ao redor da piscina enquanto o pessoal arrumava o jantar. O sol estava se pôs rápido, e as velas que revestiam todos os caminhos se tornaram mais visíveis com o céu escurecendo.

— Você viveu aqui com sua esposa?

— Sim. Por quê?

— Naquela? — Eu me encolhi. — Isso foi...?

Ele riu. — Nova cama, não se preocupe. Você é a única mulher que eu tive nela, na verdade.

— Eu me sinto como uma pioneira.

— Você quebrou alguns pontos, algumas coisas.

— Como assim? — Eu virei para encará-lo.

— Este encontro?

— E?

— E, me exibindo no L.A. Mod.

— E?

— E, cuidando de você. E querendo te ver de novo e de novo. E te vender os olhos.

— Você está me fazendo sentir muito, muito bem. — Eu o beijei suavemente e respirei seu cheiro de serragem e couro que era escolha sua, não a sua ex-esposa. — Eu tenho que falar sobre você me vestir.

Ele colocou seus braços em volta da minha cintura e me puxou para perto. — Sim?

— Fico desconfortável quando você me compra coisas caras.

Ele beijou meu queixo e pescoço, como se para desmentir o meu desconforto e transformá-lo em calor. — Mas o diamante estava tudo bem?

Apertei meus lábios. — Não, não estava, mas antes que eu pudesse pensar nisso, coisas aconteceram. Então você me tem sob uma teia. Não deixe que isso aconteça novamente.

Ele colocou os lábios no meu ouvido e disse: — Eu tenho um piano. Um Steinway. Será que você tocaria para mim, depois do jantar?

Eu o beijei e sussurrei: — Eu adoraria.

— E você cantaria para mim?

— Sim. — Eu arrastei meus lábios em sua bochecha, o ouvindo respirar e senti suas mãos na minha cintura. A ideia de fazer música para ele era tão íntima, tão excitante, eu não acho que eu seria capaz de fazer isso durante o jantar.

— Quando nos conhecemos, você disse que não iria. — ele disse.

— As coisas mudaram.

— Então, você pegaria esse talento, superdotado que você tem de nascença, e poderia usá-lo como uma expressão de como você se sente por mim?

Eu me afastei. — Você não é engenhoso.

— O dinheiro é uma ferramenta sem corte de expressão. É vulgar em relação à arte, eu concordo, mas é tudo que eu tenho. Eu quero que você aceite. Isso poderia me fazer feliz.

Eu não sabia como argumentar sem fazer seu dom natural de algum modo parecer grosseiro e feio, enquanto o meu era interessante o suficiente para dar. Ele realmente tinha me encurralado. — Você fez um número em mim. — eu disse.

Ele fez uma reverência. — O Capitão da equipe de debate em Loyola.

— Ah, uma boa educação jesuíta. — eu disse, indo apesar disso. — Eu suponho que agora eu tenho que usar toda a minha roupa nova sem culpa.

Ele agarrou minha mão e me puxou de volta. — Você disse que era católica, então você tem culpa em algum lugar.

— Só até a oitava série. Eu executei “Invictus” para o meu recital de formatura e ganhei minha fuga da escola paroquial. Entrei na Los Angeles Unified livre de culpa.

Ele me tomou em seus braços e me beijou. — “Invictus”. Clássico. Fizemos isso na sexta. Oitava série foi na Kipling.

— Oh, isso é longo.

— Eu tive que recitá-lo com *sentimento*.

Eu sorri. — Sim, eu também. — *Fora da noite que me cobre, Negra como o poço de polo a polo...*

Ele completou a estrofe. — *Eu agradeço aos deuses podem ser, minha alma invencível.* — Ele pegou a base da minha trança e puxou meu cabelo quando ele chegou com a boca na minha. Ele era tão doce. Seus beijos eram duros e apaixonados, a falta controlada de restrição em cada movimento de sua língua, cada aperto de seus dedos. Eu me empurrei para ele, sentindo sua ereção contra mim. Ele se afastou com o som de um pigarro.

Aling Mira estava atrás de mim. — Sinto muito interromper. Você disse que eu deveria deixar você saber quando o jantar estivesse pronto.

— Obrigado. — disse Jonathan. Ele sacudiu algo em Tagalog. Aling Mira acenou para cada um de nós e voltou para o homem de meia-idade que estava em uma área isolada.

— O que você disse? — Perguntei.

— Eu a agradei e lhe dei o resto da noite de folga. — Ele colocou a mão nas minhas costas. — Eu sou perfeitamente capaz de servir a você um ensopado. E eu gostaria.

Nós caminhamos lentamente para um jogo de mesa com prata e porcelana. Na mesa do lado estava um cenário completo com guisado em uma tigela de prata. Aling Mira e o homem foram para a porta traseira.

— Quem é o cara?

— O marido dela, Danilo. Eles vivem na casa de trás.

O portão de metal estalou atrás deles, e nós estávamos sozinhos no quintal. Jonathan puxou uma cadeira para mim. Eu estava na frente dele, entre ele e a mesa. Eu estava pronta para me sentar, mas eu queria outro beijo. Inclinei meu rosto para ele, até que eu senti sua respiração no meu rosto, e abri meus lábios.

Ele estendeu a mão para mim, e eu pensei que ele iria colocar os braços em volta da minha cintura. Em vez disso, ele pegou meus lábios com os seus e se inclinou para mim. Em uma onda de seu braço, ele puxou a toalha da mesa, derrubando os pratos da mesa. Eles batiam em todos os lugares, quebrando e girando. Seu peso continuou em frente, jogando mais pratos debaixo de mim, até que ele me prendeu à mesa.

Abri minhas pernas, envolvendo-as em volta dele enquanto nos beijávamos. Meu vestido chegou até minha cintura. Eu me empurrei para ele. Seu pênis estava tão duro, como um punho apertado contra mim. Ele gemeu em minha boca, em seguida, empurrou o punho de um pau em mim novamente. Ele tocou sob a cinta-liga, torcendo os dedos nela.

— Eu quero que você use isto todo o tempo. Sob o jeans. Na cama quando eu não estiver lá. Eu vou comprar mais. Você esteja com quem quiser, quando não estamos juntos, mas sob suas roupas, este é o lembrete de que você é minha. Entendeu?

— Sim.

Ele abriu suas calças. Um calafrio passou pela minha espinha enquanto eu o observava tirar o pau para fora. Minha calcinha não era mais do que uma sequência

de umidade em minha virilha, e ele a empurrou para fora do caminho, me manipulando grosseiramente. Seus dedos sondaram a minha abertura encharcada. Ele enfiou dois dedos em mim. Gritei de prazer e espalhei minhas pernas mais longe, chutando uma tigela e a enviando para o chão.

— Você está pronta. — ele rosnou, deslizando seus dedos para fora e me tocando em todo o caminho. Ele passou o dedo em toda a parede da frente do meu buraco até que eu senti um arrepio que eu nunca tinha sentido. Ele empurrou, acariciando, curvando o dedo sobre um nódulo duro de nervos dentro de mim enquanto pressionava a palma da sua mão no meu clitóris. Eu perdi as forças, com uma radiação de prazer.

— Você quer isso? — Ele perguntou.

— Sim, Jonathan. Por favor, me fode. — Ele tirou os dedos e apresentou o seu pau em mim. — Oh, Deus. — eu disse, pouco coerente.

Ele mudou de posição em cima de mim, cada movimento seu atingindo cada alvo, trazendo respirações de gratificação. Ele colocou seus dedos na minha boca, e eu os chupei, provando a mim mesma. Seu pau me espalhava, empurrando contra o meu clitóris, à beira da minha abertura e enviando ondas de choque através de mim quando seus impulsos encontraram seu ritmo. Ele tirou os dedos e puxou minha perna sobre o ombro. Ele foi tão profundo, eu gritei. Eu o empurrei para frente, querendo-o dentro de mim, uma parte de mim. Eu estava tão perto, e como se ele pudesse sentir isso, ele abrandou.

— Acalme-se um pouco deusa.

— Oh, eu não posso. Eu estou quase gozando.

— Não, espere.

— Eu não posso. — Eu estava desesperada, à beira de um penhasco, uma corda amarrada ao meu tornozelo com um pedregulho. A pedra foi tombada a beira do precipício, e gostaria de segui-la até o fundo da fenda.

— “Invictus”. Segunda estrofe, Monica. — Ele se inclinou, ainda movendo seus quadris. — Faça isso. — “*Sob as garras cruéis das circunstâncias...*” — Devagar e com sentimento, ou você começa de novo. — Sua voz era um farol de

controle e sentido no caos de sua cada curso, cada centímetro de um fusível queimando em uma explosão.

— Você está brincando. — eu engasguei. — Eu não posso recitar “Invictus” agora.

Ele se inclinou e chupou meu mamilo, deixando um rastro de saliva quando ele olhou para cima e disse: — Você pode.

Oh, Deus, como ele poderia esperar que eu me recordasse de algo da oitava série, enquanto era fodida em uma mesa de jantar? Eu tinha que olhar através da pressão para ceder ao meu orgasmo, o segurando de volta para me lembrar. — *“Sob as garras cruéis das circunstâncias, eu não tremo e nem me desespero. Sob os duros golpes do acaso”*. — Oh merda, Jonathan...

Ele prendeu minhas mãos sobre minha cabeça e começou na linha seguinte. — *“Minha cabeça sangra... e sem pressa, baby.* — Seus impulsos ficaram mais rápido, mais profundos, com mais desejo.

Eu continuei — *“mas continua erguida. Mais além deste lugar de lágrimas e ira, Jazem os horrores da sombra. Mas a ameaça dos anos...”*

— Ah, Monica. Continue. Faça isso. — Seu rosto estava vermelho com o esforço. Ele queria gozar também, e juntamente com suas marcantes estocadas, enviou a pedra sobre a borda.

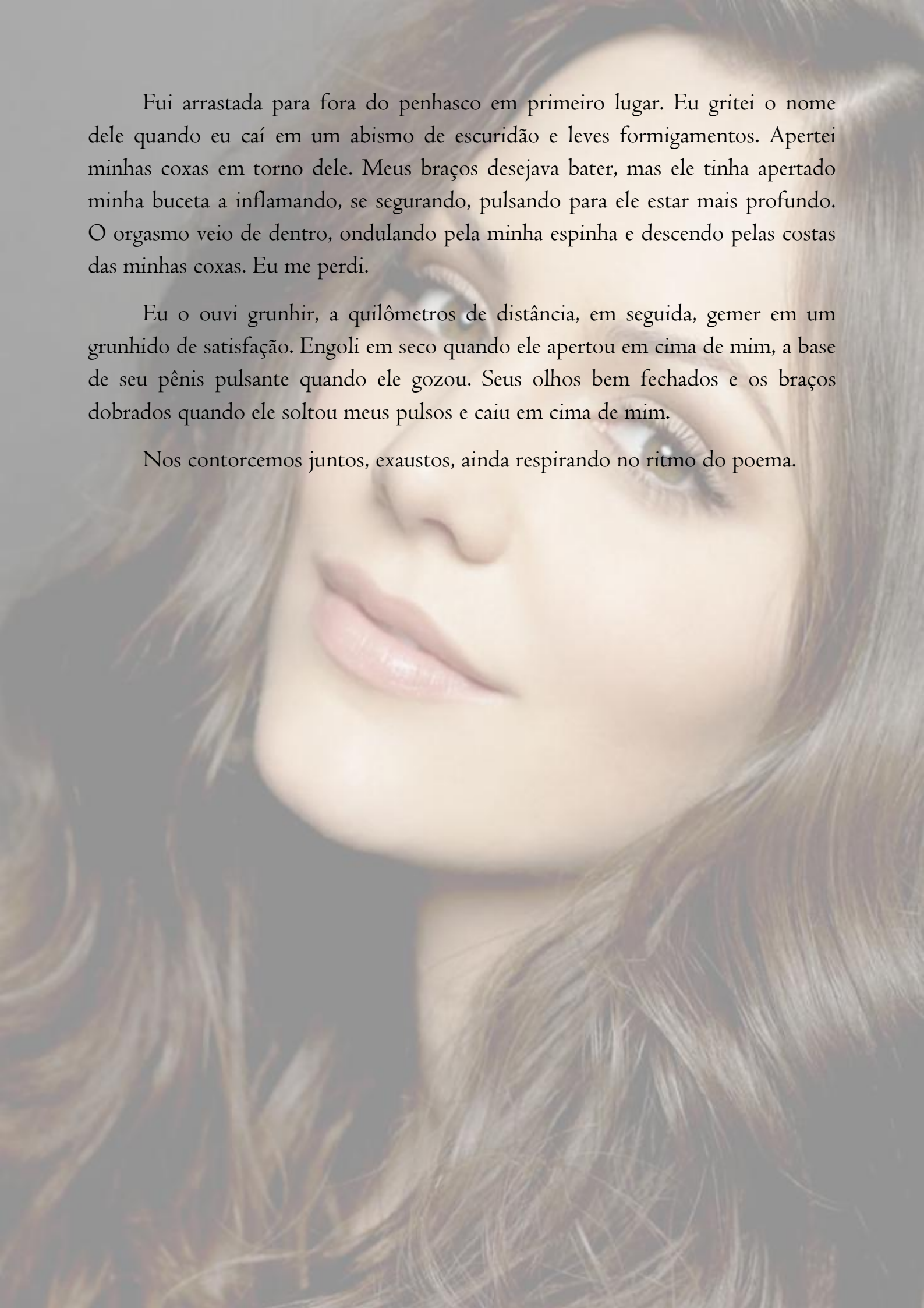
— *“Me encontra e me encontrará, sem medo”* — Eu chorei para os céus. Ele movia em ritmo poético, enquanto eu continuava, observando a rocha diminuir distância.

— *“Não importa quão estreito o portão, quão repleto de castigo e sentença”*.

Ele disse que a última estrofe comigo. — *“Eu sou o senhor de meu destino. Eu sou o capitão de minha alma.”*.

— Sim, Monica.

— Sim!



Fui arrastada para fora do penhasco em primeiro lugar. Eu gritei o nome dele quando eu caí em um abismo de escuridão e leves formigamentos. Apertei minhas coxas em torno dele. Meus braços desejava bater, mas ele tinha apertado minha buceta a inflamando, se segurando, pulsando para ele estar mais profundo. O orgasmo veio de dentro, ondulando pela minha espinha e descendo pelas costas das minhas coxas. Eu me perdi.

Eu o ouvi grunhir, a quilômetros de distância, em seguida, gemer em um grunhido de satisfação. Engoli em seco quando ele apertou em cima de mim, a base de seu pênis pulsante quando ele gozou. Seus olhos bem fechados e os braços dobrados quando ele soltou meus pulsos e caiu em cima de mim.

Nos contorcemos juntos, exaustos, ainda respirando no ritmo do poema.

Capítulo Seis

Jonathan

Vou aprisioná-la para ter muito sexo, em

grande parte com variedade “selvagem”. Admito que tenho memórias que batem na imaginação da maioria dos homens. Eu vou te dizer que eu tive belas mulheres, exatamente como eu digo a elas, mas tenho saído do controle. Mas isso? Essa era uma nova classificação de merda.

— Jonathan. — ela sussurrou debaixo de mim. Ela proferir o meu nome me trouxe para os meus sentidos. Eu puxei meu rosto de seu pescoço e a beijei na clavícula.

— Monica.

— Você está bem?

— Não. — eu disse.

— Sério?

Eu coloquei meu nariz no dela. — Brincadeira. — Meu peso deslocou fazendo meu pau sair de dentro dela.

— Ah. — ela gemeu como se tivesse perdendo. — Eu deveria usar o banheiro.

— Vou preparar o jantar na cozinha.

Ela sorriu, e meu mundo ficou em chamas. — Vamos comer desta vez.

Desci e ela se sentou. Seu cabelo estava soltando de sua trança e a bainha de seu vestido estava agrupada em torno de sua cintura. Um sapato tinha caído. Eu o encontrei e o coloquei de volta em seu pé, em seguida, eu a ajudei na mesa.

— Obrigada. — ela disse.

— O prazer é meu. — Eu a beijei porque eu não tinha escolha. Enquanto ela caminhava em direção a casa, toquei seu pescoço como se eu precisasse amarrar ela a mim por um segundo. Eu trouxe as coisas no aparador para a cozinha e pus a mesa. Eu tinha um punhado de talheres e parei.

Garfo na esquerda, colher à direita.

Ou se fosse uma colher de sopa, ela é que ficava à direita?

Se ela percebesse que eu tinha feito errado, ela me provocaria. Eu gostei o suficiente para jogá-la sobre a mesa novamente, o que não era o que eu queria fazer. Nós não temos a noite toda, e eu queria realmente compartilhar uma refeição com ela. Eu coloquei as colheres à direita e coloquei a terrina entre as taças.

Eu gostava dela. Ela era ótima. Excelente. Linda e inteligente. Todas essas palavras pareciam baratas, no entanto. Minha rejeição a elas me assustava, porque elas não eram boas o suficiente. Eu estava perdendo o controle, e eu precisava descobrir o porquê.

A falta de um preservativo foi definitivamente algo, mas apenas parte da história. O fato de que fomos longe o suficiente para sentir a pele um do outro falou mais alto. Seus olhares eram algo também. Ela era linda, mas não era o meu tipo. Eu costumava ir para loiras, então, talvez não. Seu canto naquela noite no Frontage marcou alguns pontos para mim, mas eu tinha fodido outras artistas desde Jessica. Monica era honesta, real, e honrada. Aqueles eram atributos que eu não via todos os dias, e aquelas eram palavras dignas dela, porém essas qualidades não seduziam a mente ou acalmavam o meu coração do jeito que ela fazia.

Eu esqueci onde os guardanapos estavam. Foda-se. Onde estava Aling Mira quando eu precisava dela?

O problema com Monica era óbvio, mas eu não me permitia pronunciar certas palavras, mesmo na minha mente. Certos compromissos e sentimentos eram simplesmente inacessíveis e precisava ficar desse jeito. Eu rejeitei a minha esposa, mas as paixões eu tinha jogado fora, estavam mortas. Lamentei isso, entristeci com a perda, porque se alguém merecia sentimentos verdadeiros e profundos, era Monica.

Um homem honrado teria se rendido antes que ela se apaixonasse, escolhendo uma pequena mágoa sobre uma maior mais tarde. Mas eu não era tão honroso. Eu a queria mais do que eu queria alguma coisa há muito tempo, e eu gostaria de tê-la até que ela não pudesse me suportar por mais tempo.

Eu me senti como um animal.

Eu a ouvi trotando pelo corredor nesses sapatos sexy. Quando ela entrou na cozinha, eu suspirei. Seu cabelo estava solto, com exceção de uma trança fina na lateral da cabeça. Ela estava bem, mas ela parecia como se alguém tivesse fodido a merda fora dela. Eu estendi minha mão e ela aceitou.

— Eu estou morrendo de fome. — disse ela.

Puxei a cadeira para ela. Ela olhou para a arrumação e não disse nada. Em vez disso, ela inclinou a cabeça para ver o que estava dentro da terrina. O que me fez pensar que ela se importava onde colheres de sopa estavam? Ela me faz inseguro sobre as coisas mais simples.

Ela estava sentada. — Isso parece bom.

Eu coloquei o seu guisado, e depois o meu. Ela colocou o guardanapo no colo e esperou por mim para sentar antes que ela pegasse uma colher e assoprasse sobre ela.

— Sinto muito. Eu acho que está muito frio. — eu disse.

— Oh, bom, ela usou flores de bananeira. — Ela apontou a colher para um prato menor. — É pinakbet¹?

¹ Prato típico da Filipina feito pelos indígenas. Pinakbet é feito de vegetais cozidos e misturados com molho de peixe ou camarão.

— Sim. — Eu espetei um pedaço de quiabo e o segurei nos lábios dela. Ela separou os lábios, permitindo o garfo entrar em sua boca, e deslizou para fora, seus dentes mal raspando o talher de prata.

— Isso está bom. — ela disse, mastigando.

— Você já foi para as Filipinas? — Eu perguntei.

Ela sorriu. — Eu fui para o México.

— Nada mais longe? — Eu coloquei outra garfada de pinkabet antes dela.

— Não. — Ela pegou a comida que eu ofereci.

Eu derramei vinho para nós. — Eu estou surpreso. Você parece mais... mundana do que isso.

Ela encolheu os ombros. Notei um pouco de vermelhidão ao redor das orelhas. — Eu não sou resguardada. Lá estão muitas maneiras de entrar em apuros em um raio de trinta milhas.

— Não diga. — Ela encolheu os ombros e lhe dei uma colherada de ensopado. — Vamos. — eu disse. — Nós vamos fazer uma troca. Eu vou te dizer uma coisa que vai fazer você fugir, se você me disse como entrar em apuros em Los Angeles. — O jeito que ela olhou para mim me fez pensar que tinha algo mais do que uma troca inofensiva de histórias em sua mente. Ela, obviamente, não percebeu a profundidade e a amplitude das histórias que eu poderia contar, sem tocar nas coisas que eu não quero que ela saiba.

— Fechado. — ela disse.

— Primeiro as damas.

Ela tomou um gole de vinho e endireitou os ombros, como se estivesse me desafiando a pensar menos dela. Então ela engoliu um pouco demais, e eu sabia que no fundo, ela tinha medo que eu poderia. Tentei permanecer impassível, mas eu estava saltando para fora da minha pele.

— Uma vez... — ela disse, depois parou.

— Vá em frente.

— Eu usei heroína.

Tentei não engasgar com o meu vinho. — Como foi?

— Incrível.

— Sério? E apenas uma vez? Eu não consigo uma história inteira? Apenas seis palavras e um adjetivo?

— Estou avaliando sua reação.

— Eu fui para escolas particulares. Meus amigos financiavam comerciantes e produtores para garantir o seu próprio fluxo de produto. Então, — eu servi mais vinho, — como é que uma bela garota católica acaba com uma agulha em seu braço?

— Fiz o teste por causa disso, você sabe. Eu estou limpa.

Eu não disse uma palavra. Eu estendi outro pouco de pinkabet, que ela tomou. Eu ia alimenta-la até que ela me contasse sobre essa pequena fresta de sua vida.

— Ok, bem. — Ela engoliu em seco. — Foi, como o núcleo de uma risada. Você sabe que a sensação boa ondula dentro de você antes que o riso venha de fora? Mas a risada é uma versão desse sentimento, e quando se termina de rir, ele vai embora. Então, sem rir, a liberação fica enorme. É o tipo de começo em meu coração e trabalhou para fora como uma supernova e ficou lá. Imagine que esse sentimento, esse feliz sentimento antes de você rir, ser grande e *ficar*. Eu estava deitada, mas eu estava voando, ao mesmo tempo. Bem, no início era apenas o bom sentimento pré riso, mas, em seguida, a tensão chegou e eu queria que isso acabasse, porque era doloroso. Emocionalmente doloroso. Como, se a tivesse muita tensão, se quebrasse, saindo tanta tristeza.

Ela fez uma pausa e tomou um gole de vinho, sem olhar para mim. — Quando eu desci, eu vomitei e eu me senti um lixo. Quero dizer, quem não sente, né? Mas eu sabia que a primeira vez é a única que não é grande coisa, e eu não queria acabar como alguma viciada doente. Nem mesmo ser a Janis Joplin.

— Mas por que fazer isso em primeiro lugar?

— Kevin... Eu sei que você não é seu maior fã. Ele e eu costumávamos fazer coisas só para experimentar. Só para ver, você sabe, se houvesse algo para ele, ou se pudéssemos traduzi-lo para o nosso trabalho. Então fazíamos algumas coisas estúpidas.

— Mas ele nunca te amarrou numa cabeceira de cama?

— Não.

— Ele é um homem triste.

Ela riu. — Nós corremos com nossos olhos fechados. Andamos pelo centro da cidade com os pés descalços. *Dormimos* no Skid Row todo fim de semana.

Eu acho que eu deixei o silêncio ir um pouco longo demais. Eu estava pensando nela amontoada na imundície sob um viaduto, vidro quebrado por baixo dela, e estranhos, pessoas instáveis ao alcance dos braços.

— O quê? — Ela perguntou, tomando um gole de vinho.

— Será que ele dormia? Quando vocês estavam no Skid Row?

— Eu acho.

Eu peguei a mão dela. — Eu não conseguiria dormir sabendo que você não estava cem por cento segura. Eu não podia levá-la em perigo ou ver alguém colocar uma agulha cheia de drogas em seu braço. Eu não conseguiria descansar.

— Bem, bom, porque o cheiro de mijo me acompanhava e eu estava com fome. Falando nisso, eu vou comer mais de ensopado, e você vai me dizer algo que me faz querer sair. Só que eu não vou.

Ela pegou uma colher de ensopado e olhou para mim, tão certa que seus sentimentos poderiam sobreviver a qualquer revelação. Eu tinha tantas histórias maravilhosamente suculentas que nem sequer metade ia cutucá-la para fora da porta. Tantas outras exigiriam uma discussão que iria estragar a noite.

Eu perguntei — Você já teve aventuras sexuais em cima da mesa?

— Claro. — Ela olhou em sua tigela. Talvez tenha sido uma má ideia. Eu não quero que ela se sinta ofendida. Se ela me contou uma história como que eu pretendia dizer a ela, que eu fiquei irritado.

— Tem certeza que você tem certeza?

— Contanto que sua esposa não esteja lá.

— Por quê? Além do fato de que ela não é o tipo de aventura?

— Eu não vou fingir que sua ex-mulher é a minha pessoa favorita de sempre. Mas para mim, o que se passa sexualmente em um casamento, você não fala. Assim... — ela colocou as mãos sobre os ouvidos — la la la, não quero ouvir isso.

Nos cinco minutos que eu tinha que decidir o que dizer a ela, eu tinha preparado uma história de cama com três mulheres ao mesmo tempo. Era absolutamente verdade, terrivelmente sexy e engraçado ao mesmo tempo. Mas ela tinha me lançado respeito a uma mulher que tinha mentido para ela e lhe causado dor, honrando uma promessa que não tinha tido de nenhuma das partes. Monica merecia mais do que uma história enlatada que eu contei cem vezes no clube.

Tomei-lhe os pulsos e puxei as mãos de suas orelhas. Ela sorriu para mim.

— Eu concordo. — eu disse. — Você está a salvo do meu leito conjugal. Mas não do resto. — Eu levei minhas mãos e peguei meu copo de vinho, tomando uma respiração profunda. — Há uma diferença entre um dominante e um porco.

— Sério?

— Meu pai, — eu disse, me inclinando para frente, — é um porco. — Ela parecia que estava pronta para sufocar com seu ensopado. — Você está bem? — Perguntei.

— Eu estou bem. Sinto um exemplo vindo?

— Eu atingi a puberdade precocemente. — eu disse. — Aos treze anos, eu estava feito. Perto do meu aniversário de quatorze anos, meu pai queria saber por que eu não tinha feito sexo ainda.

Ela mordeu, então olhou para mim com aqueles grandes discos de chocolate.
— Ok?

— Ele me colocou em um encontro com uma garota. Mulher. Rachel. Ela era dois anos mais velha que eu. Essa foi a minha primeira vez. E adivinha o quê? Acontece que ela era sua amante.

Ela engoliu em seco. — Quantos anos ela tinha?

— A matemática que você fez na sua cabeça estava correta.

— Uau. Ele prostituiu a sua amante menor de idade?

— Para seu filho menor de idade. Como eu disse. Porco. E você deveria ver o olhar em seu rosto. — Seu coração era praticamente inaudível. Ela empurrou comida ao redor e eu trabalhei para controlar meus nervos.

Ela suspirou profundamente. — Honestamente, eu não esperava que você mesmo tivesse uma história como essa.

— Você acha que as pessoas ricas não têm merdas doentes em suas casas?

Ela ergueu as sobrancelhas e rodou a colher em seu ensopado. — Algo como isso.

Eu ri. Em parte porque eu estava nervoso sobre expressar um fragmento da história, e em parte porque eu estava aliviado que ela não tinha fugido. Ainda não, pelo menos.

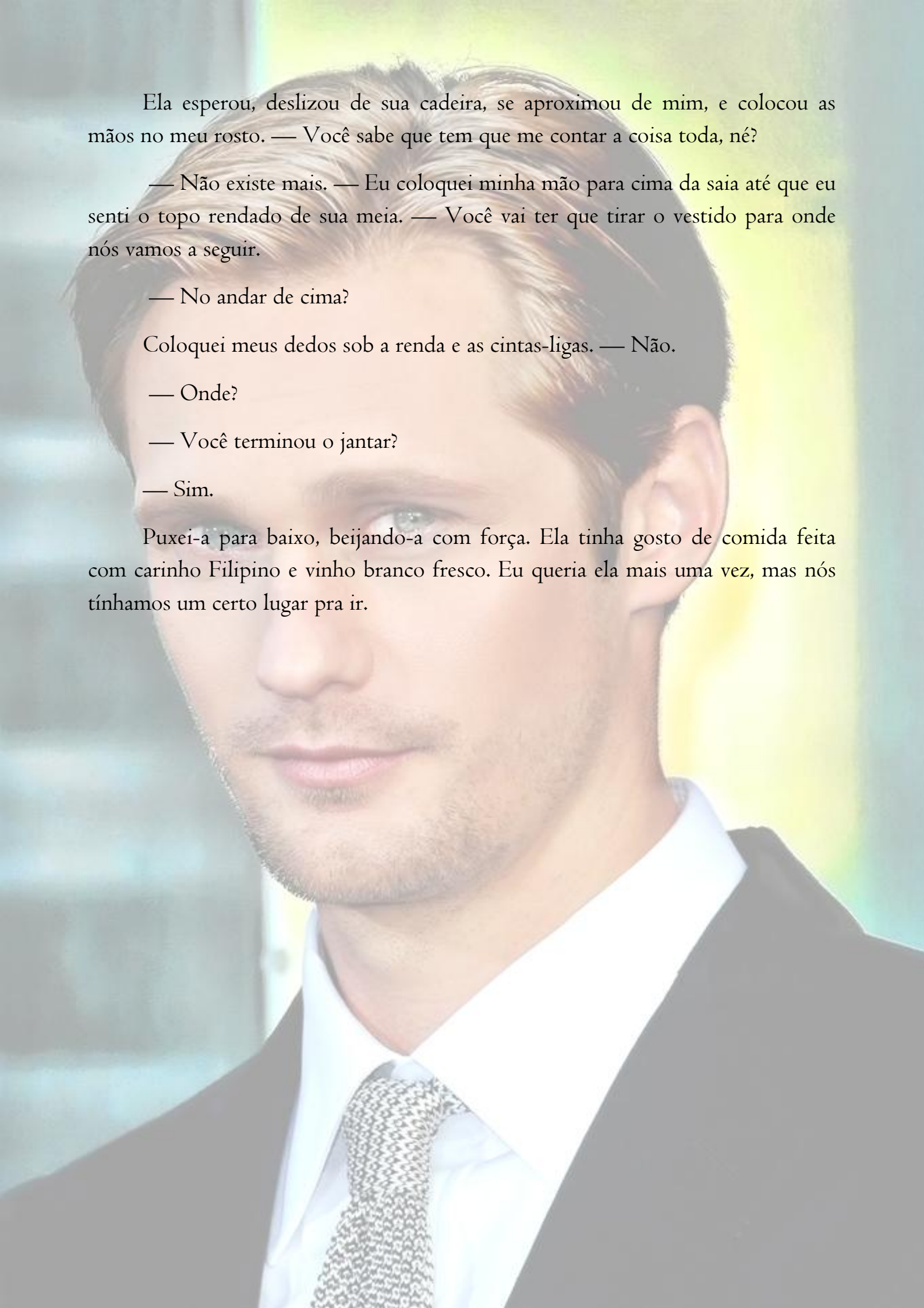
Ela colocou a colher e tomou um gole de vinho. — Você a viu de novo?

— Eu vi, mas em termos diferentes. Foi confuso por um tempo. — Eu limpei minha garganta. — Ela morreu.

— Oh, eu sinto muito. Como?

— Acidente de carro. Eu tinha uns dezesseis anos quando isso aconteceu.

Eu deveria ter me calado no caminho antes de mencionar o acidente. Se ela procurasse por isso, eu estava profundamente fodido. Então eu parei de falar. Apenas parei.



Ela esperou, deslizou de sua cadeira, se aproximou de mim, e colocou as mãos no meu rosto. — Você sabe que tem que me contar a coisa toda, né?

— Não existe mais. — Eu coloquei minha mão para cima da saia até que eu senti o topo rendado de sua meia. — Você vai ter que tirar o vestido para onde nós vamos a seguir.

— No andar de cima?

Coloquei meus dedos sob a renda e as cintas-ligas. — Não.

— Onde?

— Você terminou o jantar?

— Sim.

Puxei-a para baixo, beijando-a com força. Ela tinha gosto de comida feita com carinho Filipino e vinho branco fresco. Eu queria ela mais uma vez, mas nós tínhamos um certo lugar pra ir.

Capítulo Sete

Monica

Vesti meu jeans, mantendo minha

calcinha extravagante. Eu me senti obscena, sexy, sensual com ligas em jeans. Quando cheguei ao hall de entrada da frente, eu encontrei a porta aberta e um forte estrondo na garagem.

Jonathan montou em um foguete preto fosco de uma motocicleta, com toques vermelhos no aro da roda. O banco traseiro era suspenso por nada, além do ar e a promessa de velocidade.

— Bem, — eu disse enquanto batia os pés descendo as escadas da varanda nos meus saltos — esta é nova, ou é alguma coisa velha que você encontrou no fundo da garagem?

— Eu me liberei da Mercedes e vi isso. — Ele me entregou um capacete no mesmo preto fosco como a moto. — Você já andou antes?

— Yeah. — Eu escorreguei no capacete. Eu andei com Kevin nas Sequoias até lama me cobrir os joelhos e eu andava como um cowboy voltando para casa a partir de uma semana como uma égua mal-humorada. Uma vez, no primeiro ano, Ivan Ikanovitch me levou para Ventura em sua nova BMW. Desnecessário dizer que, eu tive que tomar um táxi para casa.

— Vamos então, pequena deusa. Esta viagem normalmente leva 40 minutos, e nós temos trinta e cinco.

Eu deslizei para o banco de trás e coloquei meus braços ao redor de sua cintura. — Você deveria me deixar recitar “Invictus” tão rápido quanto eu desejo. Nós estaríamos no tempo.

O portão se abriu, como se por suas ondas de pensamento por si só, e decolou, minhas pernas apertando o assento e os braços segurando sua cintura. Quando paramos no sinal, ouvi sua voz na minha cabeça.

— Você está cortando minha circulação.

A clareza da voz dele foi chocante, e ele se virou para mim, batendo o capacete.

— Há microfones aqui? — Ele acenou com a cabeça. — Extravagância.

A luz mudou, e nós partimos. Nós não falamos muito enquanto ouvíamos o som do vento, girando para a rodovia I10. Tentei não gritar quando ele foi muito rápido uma vez que ele podia me ouvir. Em vez disso, me inclinei sobre ele, apreciando a suavidade de sua jaqueta de couro e o jeito que rangia contra a minha. Mesmo que fosse o início de novembro, o ar estava quente batendo sob minhas roupas.

Outra peça do quebra-cabeça se encaixava. Ele tinha quatorze anos quando seu pai lhe emprestou sua amante. Sua primeira experiência sexual foi revestida em laços familiares e desconforto. Ele foi para a instituição quando tinha dezesseis anos, certamente quando ela foi morta. Ele tinha me dado uma parte da história. Seu tempo na instituição tinha algo a ver com a promiscuidade e inclinação de seu pai para meninas, assim como suas expectativas absurdas de virilidade do seu filho.

Ainda estava faltando algumas peças do quebra-cabeça. Algo muito sério estava de fora, mas a sua explicação era um começo, e eu senti uma espécie de alívio saber que, eventualmente, quando ele estivesse pronto, ele preencheria os espaços em branco.

Viajamos a 130 km por hora pelo horizonte passando pela indústria de montar brinquedo e shoppings com suas telas cegamente brilhantes, muito altas,

explodindo nos altos bairros ainda queimando com as badernas, e de volta a uma zona residencial de classe média.

Coloquei minha mão em sua jaqueta, então sob sua camisa. Eu senti o estômago tenso e os pelinhos sobre ela, o calor de sua pele me fazia sentir segura e cuidada.

— Você está me assediando sexualmente? — Ele perguntou na minha cabeça.

— Não a esta velocidade.

— Tudo bem, porque eu terei você em algumas horas.

— Eu sei. — Eu coloquei minha cabeça em suas costas. — Você é um grande homem.

— Só para você, nos dias de hoje.

Eu esperava que o meu suspiro não fosse audível através do microfone. Eu sabia que estava escolhendo acreditar nele, e que a escolha foi consciente e, portanto, falível. Eu sabia que ele poderia me deixar a qualquer momento, por qualquer motivo. Se ele realmente estava a procura de uma esposa, ele poderia procurar uma companheira mais permanente com quem tivesse mais coisas em comum, como o dinheiro e posição social, amigos e interesses semelhantes.

Mas eu escolhi, talvez imprudentemente, acreditar que ele me queria por mais do que um curto período de tempo, pois isso me fazia feliz em pensar assim.

Eu estava ferrada.

Ele virou na freeway em Carson, e depois de alguns eixos mais rápidos, ele desacelerou na frente de um gramado, campo iluminado onde um dirigível estava estacionado.

— Nós conseguimos. — ele disse, seguindo para a cerca de arame em torno do perímetro do campo. Um homem em uma camisa branca e uma jaqueta de vinil se aproximou de nós com uma prancheta. Jonathan tirou o capacete. Seu cabelo estava um desastre completo, parecendo um estudante selvagem iluminado pelos holofotes. Seus dedos o escovaram e ele enfrentou o homem com a prancheta.

— Senhor Drazen?

— Sim.

— Você conseguiu. Estacione a moto no estacionamento à esquerda. Divirta-se.

— Como eles estão indo? — Perguntou Jonathan. Tirei o capacete. Eu só podia imaginar como meu cabelo parecia. Um grupo de cordas quebradas na mesma iluminação, sem dúvida. E a pequena trança que eu tinha deixado, provavelmente parecia um dreadlock.

— Derrubaram duas no segundo. Tendo problemas para obter homens na base. — o homem com a prancheta disse.

Jonathan sacudiu a cabeça e ligou a moto novamente. Nós cruzamos para o centro do terreno e estacionamos em um trailer de chapa de metal sustentada por uma base de concreto. Ele colocou o estribo lateral para baixo e inclinou-se para a moto mais até que ela se manteve estável.

— O que foi isso? — Eu perguntei, descendo primeiro. — O jogo? Eles estão perdendo já?

Ele saiu e colocou a moto em linha reta. — Aparentemente.

— Nós vamos no dirigível?

— Se for bom para você.

— E nós estamos indo para Dodger Stadium? Pode ser? Eu não quero supor, mas o segundo dirigível sempre vem com o quinto tempo de ataque. — Eu estava tentando manter minhas merdas juntas, mas eu tinha vivido toda a minha vida no quintal do Estádio e nunca tinha encontrado um caminho para chegar até lá em um jogo de playoff. Quando eu sabia conheci as pessoas certas, a equipe tinha estado no porão. Durante bons anos, eu estava saindo com pessoas que não “eram certas” porque atividades esportivas de equipe eram organizadas sem criatividade, não civilizado e grosseiro.

— Sim, — disse Jonathan. — Nós estamos indo ver o jogo a partir do céu, se você mexer essa bundinha bem apertada. Eles não vão esperar.

Eu pulei em cima dele. Eu não poderia ajudá-lo. Eu apenas sou feita de carne e sangue, e meu sangue azul é Dodger. Eu beijei seu rosto e envolvi minhas pernas em volta dele. Ele me pegou, me puxou para cima pela parte de trás dos joelhos, e arrancamos para o dirigível. O ruído branco era ensurdecador, e, antes que ele se decepcionasse, eu lhe disse ao ouvido: — Obrigada.

Ele pegou minha mão, sorrindo como se ele ficasse satisfeito ao ver-me tão feliz, e nós corremos pela grama para a enorme máquina. Era maior do que eu imaginava. Massiva. Avassaladora. O nome de uma empresa de pneus estava escrita sobre ela em letras duas ou três vezes a minha altura. Eu não conseguia ouvir nenhum dos homens que nos cumprimentou, mas eu coloquei o meu sorriso cliente no rosto. Neste caso, não poderia ter sido mais verdadeira.

Fomos empurrados em uma gôndola com seis bancos voltados para frente. Os dois, no para-brisa eram piloto e copiloto. Jonathan e eu fomos guiados para trás deles, e atrás de nós estavam dois homens que pareciam ser homens de negócios. Nós estávamos cercados por janelas, mas Jonathan fez com que eu tivesse o banco mais próximo de um ponto de vista.

Eu pulei dentro. Eu queria falar com ele, mas era demasiado alto. O copiloto nos deu fones de ouvido com microfones sobre eles.

Ouvi Jonathan dizer: — Você pode me ouvir?

— Sim, — eu respondi. — Você pode me ouvir?

— Alto e claro.

— Baby. — eu disse, sorrindo até que eu senti meu rosto estalar em dois, — Eu sou uma coisa certa hoje à noite.

Todos na cabine riram. É claro que todos podiam me ouvir. Jonathan colocou o braço em volta de mim e me puxou para ele, beijando minha testa enquanto ele ria. Eu enterrei minha cabeça em seu peito.

— Não se preocupe, senhorita. — disse o piloto, sua voz alta e clara. — Nós temos muito isso. — Depois de uma pausa, ele continuou. — Eu sou o Larry. Este aqui é meu copiloto, Rango. Nós estaremos caminhando para East Los Angeles em poucos segundos, programado para chegar no Dodger Stadium, em

cerca de 40 minutos. Segure-se, a decolagem pode ser um pouco chocante para iniciantes. Ponham os cintos.

O barulho ficou ainda mais alto. Eu encontrei as minhas fivelas e alça. Jonathan me ajudou a fechá-las, em seguida, ele pegou minha mão. Segundos depois, senti como se eu estivesse sendo lançada de um foguete. Larry virou um conjunto de volante de madeira entre seu assento e do Rango.

— Eu vou ter o jogo ganho, — Rango soou dentro. — Estamos no fundo do quarto contra o New York Yankees. Cashen está lançando para os ianques enquanto nós falamos.

Fechei os olhos e ouvi a voz de Jonathan. — Abra os olhos. Estes voos são difíceis de conseguir, até mesmo para mim.

Eu os abri e olhei para ele na cabine escura. Ele tocou meu rosto e sorriu, e eu me sentia protegida e segura. Mesmo que fosse uma ilusão, sabendo que ele estava lá me fazia sentir menor como se eu fosse atirada de um canhão e mais como eu estivesse em uma viagem divertida, eu nunca teria sonhado isso para mim.

A cidade se espalhava abaixo de nós em um manto de luzes feitos de uma manta de ruas, estradas e parques iluminados. Eu não conseguia tirar os olhos. Nós estávamos baixos o suficiente para ver os carros e as pessoas, mas grandes o suficiente para transformá-los em pontos de velocidade e intenção. Todo mundo estava indo para algum lugar, e nós estávamos acima, passando o vento.

O jogo não estava indo bem para a minha equipe. Eu escutei, sem discussão quando um outro turno passou com três homens presos na base, um lançador jogava as bolas que estavam sujos até que eu sabia que ele devia estar exausto, e um golpe de cabeça que pode ter deixado o astro rebatedor Jose Inuego com uma concussão.

Senti Jonathan se inclinando para me ver pela janela. Ele apoiou o queixo no meu ombro, em seguida, seus lábios pousaram no meu pescoço. Inclinando-se lá, olhamos pela janela juntos. A gôndola refrigerava a medida que os minutos que passavam, e mesmo tendo nossas jaquetas, eu coloquei minha mão sobre a dele e encontrei seus dedos gelados. Mudei uma das mãos entre os joelhos para aquecê-lo e dobrei a outra na minha. Ficamos assim, olhando para fora da janela, com o peito

nas minhas costas, com o queixo no meu pescoço, e suas mãos aquecidas pelo meu corpo, até que eu vi Elysian Park. Eu provavelmente poderia ter escolhido minha casa fora de lá.

— Olha! — Eu parecia uma criança. — Eu consigo ver!

Pareceu demorar tanto tempo para superar o estádio a partir do momento que eu vi como que levou para nós chegarmos a Los Angeles a partir de Carson. Outro dirigível passou por nós, afastando-se do jogo. Larry e Rango acenaram para os pilotos. Eu estava cheia de contentamento e um sentimento de retidão, de ser parte de algo maior do que eu. Eu só senti isso durante a prática da orquestra na faculdade, e só quando tudo estava indo bem. O percussionista era local, o condutor falou em uma linguagem manual, fácil de entender como a palavra escrita, e todos nós o seguimos como se levantado pela mesma maré.

Conforme o sentimento sumiu, eu não queria nada mais do que recapturá-la. Tirei meus fones de ouvido fora e enfrentei Jonathan. Seus olhos eram visíveis nas luzes do painel de controle do piloto. Ele puxou o microfone para fora do caminho. Eu beijei ele, e eu não me importava quem via. Eu moldei meus lábios nos dele e lhe dei a minha língua. Ele pegou sua mão de entre os joelhos e a colocou em minha bochecha, aquecendo do meu corpo, suave ao toque. Eu estendi a sensação de retidão por mais um minuto, até a gôndola pareceu brilhar com a luz.

Abri os olhos. Estávamos bem em cima do estádio. Tomei um último olhar para Jonathan e murmurei as palavras, *coisa certa*.

Ele murmurou de volta, *eu sei*, e eu sorri.

Eu nunca tinha visto um jogo assim antes, e eu achei desconcertante inicialmente. Eu estava acostumada a televisão, onde eu podia ver cada movimento e gesto do lançador, e jogos ao vivo da arquibancada, onde eu poderia dizer a direção da bola a partir do som que fazia saindo do golpe. A partir do dirigível, os jogadores pareciam flores brancas sobre um gramado perfeito.

Eu coloquei meus fones de ouvido em volta e me inclinei para a janela. O locutor estava falando sobre a contagem e homens na base do passo, e eu ouvi os

caras da gôndola fazendo a mesma coisa. Os ianques foram para cima. Homens em primeiro e terceiro. Um fora. Harvey Rodriguez estava no convés.

Larry desligou o motor e o ruído reduziu. — Nós vamos pairar até um comercial, então aquecer novamente.

Jonathan colocou seus lábios ao meu ouvido. — Rodriguez é um canhoto. Eles estão indo para um jogo duplo. Assista o campo interno. — O shortstop² e a terceira base deram dois passos em direção a primeira. — Eles passaram em direção a área certa, porque um canhoto puxa assim, e para a frente para pegar a bola no salto para que eles possam colocá-la para segundo no jogo em vigor. E eles estão jogando um pouco para a frente, porque não é um cara de terceiro que pode ir para o roubo em um campo selvagem ou um saco mosca.

— Mas e se o lançamento for superficial? Eles vão perder, e isso vai ficar uma bagunça. O campo externo apenas chegou por pouco também. Quero dizer, Rodriguez mal teve que trabalhar para sair com o cara de dentro.

— Você tem sua hipótese. Eles estão abaixo por dois, por isso, se um cara gira na base e lança no campo externo, é uma falha, porém não há muita diferença no meio do jogo entre estar dois ou três pontos para baixo. Tem como ganhar mais com uma jogada dupla.

Rodriguez andou. As bases estavam carregadas. Alguns momentos de bola no jogo são mais importantes do que outros. Eles não eram um Grand Slams ou ricos, sacudiam a cabeça com os erros nas interrupções. Eles estavam carregando a base, só um homem ia para fora momentos antes de alguém marcar ou alguém seria detido. Eles eram imprevisíveis, incontrolláveis, e muitas vezes silenciosos como a morte. Como a bola de falta extra que teria sido uma terceira greve. Ou o lançador de pegar o carro de linha que teria enviado um homem ou dois para casa. Ou uma caminhada para carregar as bases.

— Eu não posso ver. — Eu cobri os olhos. Eu não conseguia ver nada lá de cima de qualquer maneira. Eu só via pontos se movimentando e ouvia a transmissão. Mas Jonathan chegou por trás de mim e pegou meus pulsos, puxando-os para baixo.

² Jogador que ocupa a posição entre a segunda e terceira base.

— Vamos lá. Joga comigo. Não fique no impasse.

— Sim, senhor, — eu disse, brincando em seu uso da palavra *jogo*. O campo interno correu em seus caminhos, praticamente de onde a poeira encontrava a grama, e os braços de Jonathan se apertaram. Suas mãos, agora quentes, envolviam meus braços cruzados. — Eu sei que eles estão jogando para pegar o cara na chapa de casa se conseguirem. — eu disse.

— Sim. — Ele beijou meu pescoço uma vez, duas, três vezes, cada uma mais suave do que a anterior. Cada um demorou mais tempo do que o último. Eu vibrava toda, e levou todo o meu autocontrole para não dobrar a cabeça para trás e me inclinar para ele. Eu parecia exatamente com o que eu era: uma mulher no cio.

Fomos interrompidos pela trinca de um bastão através dos fones de ouvido que tínhamos tirado. As flores brancas corriam pelo gramado. O shortstop conferiu a bola e alinhou, conseguindo a segunda, e, em seguida, Val Renault, um fielder imponente conhecido por sua batida, pegou a bola da mão dele e primeiro rapidamente e com precisão suficiente para completar o jogo duplo.

Mais tempo de ataque.

Uma hora e meia depois, o jogo terminou com o Dodgers vencendo por uma corrida e forçando um sétimo jogo. Os seis passageiros do dirigível comemoraram até não aguentarem. Nós batemos um toca aqui, aplaudimos e voltamos para Carson.

Capítulo Oito

Monica

Eu estava um pouco vacilante ao sair do

dirigível, mas Jonathan colocou o braço em volta de mim e me puxou para perto quando enquanto voltamos para a moto. Agradecemos aos funcionários que passaram enquanto eles tinham o dirigível de volta no lugar com cordas e roldanas. Se suas atitudes eram qualquer indicação, gerenciar o dirigível de uma empresa de pneus era o trabalho mais gratificante do mundo.

Nós nos aproximamos da moto de mãos dadas. — Obrigada. — eu disse. — Esse foi provavelmente o meu encontro top cinco de todos os tempos.

— Top *cinco*?

— Top quatro, talvez.

Ele me encarou. — O quê?

Eu dei de ombros. — Foi um elogio.

Ele apertou os lábios entre os dentes. Antes que eu pudesse decidir se era raiva ou para suprimir o riso, ele se abaixou e empurrou para frente, me jogando por cima do ombro. Eu gritei e chutei, saltando enquanto corria. Ele me empurrou contra a lateral vertente do metal com um som estridente, apertando meus ombros para a parede.

— Nome do seus três primeiros Tops. Eu vou vencê-los.

— Com o quê? — Eu perguntei.

— Vou te levar para a maldita lua e fazer você voltar a tempo para a cama.

— Oh, Jonathan. A lua? Sério? — Revirei os olhos.

Ele apenas sorriu, todos os dentes e alegria. — Você está buscando umas palmadas hoje à noite.

— Beije-me em primeiro lugar. — eu disse. — Talvez você consiga estar entre os três primeiros.

Ele pegou minhas mãos e puxou-as sobre a minha cabeça, então me beijou. Ou, para ser mais exata, ele me atacou com seu corpo. Ele prendeu minhas mãos e empurrou seu pau contra mim, rangendo os lábios contra os meus. Sua língua me encheu sem delicadeza, como se ele estivesse fodendo minha boca. Eu me empurrei contra ele em um ritmo até que eu gemi. Eu tinha que tê-lo. Ele empurrou de volta contra mim como se estivesse tentando me ter, por meio de nossas roupas, para pedir por ele.

— Olá? — veio uma voz. Jonathan deixou meus braços e olhou em volta. Era um dos caras que tinha prendido o dirigível no chão. — Estamos fechando aqui em cima.

— Obrigado. — disse Jonathan sem um pinga de constrangimento ou vergonha. Ele bateu o capacete fora da moto e me entregou. Um sorriso se espalhou por seu rosto como um derramamento incontável de óleo. Segurei o capacete com o mesmo sorriso.

A volta para casa passou com poucas palavras. Eu só descansei contra ele com a mão sob a camisa dele, sentindo seu calor. Eu não derramei ou o acariciei a oitenta quilômetros por hora, embora a tentação estivesse me distraindo.

Ele puxou a moto na minha garagem. Era meia-noite, ou próximo disso, e eu estava toda dolorida. — Você vem? — Eu perguntei, girando o meu dedo. Ele me puxou para ele.

— Vamos jogar? Ou vou apenas te derrubar e te foder?

As duas opções chamava a minha atenção. Algo quente e suado diante de um colapso total no esquecimento seria bom, e eu estaria fresca e brilhante na parte da manhã para o trabalho. Mas quando ele disse que “jogar”, eu senti condensar a umidade entre minhas pernas, e um arrepio subiu pela minha espinha. Eu deixei minha mão cair do dele e coloquei meus braços para os meus lados. Eu queria estar sob seu controle, sob o seu domínio, sob ele. Eu queria esquecer de mim e esquecer a vergonha de o querer tanto isso.

— Eu gostaria de jogar de novo. — eu disse, e acrescentei: — Senhor.

— Vá até a varanda, então, espere por mim. — Quando me virei para ir, ele bateu na minha bunda com força. Engoli em seco e caminhei até os degraus.

Jonathan saiu do carro e em vez de vir até a varanda, ficou na calçada. Ele olhou para a casa, em seguida, atravessou a rua e fez o mesmo. Ele correu de volta e veio a cerca de arame. — Você está totalmente aberta para a rua.

— Senhor?

— Isso significa que você tem que manter suas roupas até chegarmos lá dentro.

Minha rua, em parte por causa da colina e em parte por causa do bairro, era morta durante a noite. Se duas pessoas passassem entre meia-noite e as oito da manhã, seria um evento interessante. Eu tinha a sensação de que não importava. Ele olhou para mim, calculista. Eu conhecia aquele olhar. Ele estava construindo o jogo.

Ele ficou na rua e eu, pés plantados na minha varanda, e disse: — Passe por aqui, minha pequena deusa.

Eu fiz isso, o coração batendo com antecipação. Minhas costas davam para a rua.

— Desabotoe seus jeans.

Eu disparei nele.

— Abra o zíper, por favor.

Eu fiz, mostrando minha cinta-liga e o topo da minha lingerie já batizada de novo. Ele acariciou minha barriga, seu dedo passando no topo da renda.

— Se toque.

Ele viu a minha mão dentro das minhas calças. Entre as doces carícias secretas no dirigível, e o passeio de moto para casa, eu estava pronta para ele. Eu tremi quando meus dedos encontraram a minha inchada buceta, já encharcada. Eu me curvei com o prazer, e ele segurou meu queixo.

— Levante-se. — Ele colocou uma pressão sobre meu queixo, forçando minha coluna reta e minha visão para cima. — Quanto molhada você esta?

— Muito molhada, senhor.

— O que você quer que eu faça?

— Eu quero que você me foda, por favor.

— Levante a mão.

Deslizei minha mão para fora da minha calça e a segurei em cima. A umidade em meus dedos brilhavam. Ele beijou as pontas dos meus dedos, em seguida, os colocou na boca. Engoli em seco quando ele deslizou a língua sobre eles, sugando tudo. Os lábios dele poderia muito bem ter sido a minha buceta, e eu quase me dobrei novamente.

— Você é deliciosa. — disse ele.

— Obrigada.

— Agora, você se lembra da sua posição?

— Sim, senhor. — Gostaria de saber quantas vezes mais eu poderia chamá-lo de *senhor* sem espontaneamente gozar.

— E a sua palavra segura?

— Tangerina, senhor.

— Vá para dentro, tire a roupa, e me espere na posição. Fique disponível em qualquer cômodo que você desejar. Eu vou encontrá-la. — Um sorriso tocou sua boca. — Você tem 60 segundos, e é melhor você estar pronta.

Abri a porta e entrei na casa. Aonde ir? Eu queria participar do jogo. Surpreendê-lo. Faça-o ganhar. Assim, o quarto foi o primeiro lugar que eu descartei. O banheiro não estava em condições. Isso estava fora. A sala tinha um bom sofá macio, e eu poderia estar pronta na mesa de café.

Isso seria bem legal, mas a sala estava bem na porta da frente, e onde estava o divertimento se ele praticamente tropeçasse em mim quando ele entrasse?

Me despi enquanto eu caminhava pela casa, deixando minha blusa no cesto e chutei meus sapatos em um canto. Não. Eu recuperei os sapatos.

Acendi as luzes indiretas da sala e todas as lâmpadas quentes. Ele preferia esse tipo de iluminação, se a sua casa e escritório fossem qualquer indicação. Eu arranquei minha calça e coloquei meus sapatos de volta no momento em que ouvi a porta de tela ranger.

Me agachei no chão da cozinha, atrás do balcão, joelhos e bochecha no tapete de borracha, minhas mãos entre as minhas pernas, até que tocasse meus tornozelos. Eu tinha uma vista maravilhosa sob o balcão. Não sexy. Virei o rosto para a mesa da cozinha. Melhor.

Ouvi Jonathan fechar a porta da frente, em seguida, os pés no chão da sala, no corredor, para o quarto, onde eu não estava. Seu cheiro impregnava o ar quase imediatamente, e eu o bebia, esperando minha melhor chance, farol de excitação.

Seus passos se aproximaram. — Na cozinha. Pequena deusa, você é linda. — Suas botas vieram em meu campo de visão. — Cozinha. — ele repetiu pensativamente. A porta da geladeira abriu e sua luz embebeu o cômodo. — O que você come?

— Eu como no trabalho. Eles nos alimentam. E eu peço comida fora.

Ele resmungou. De seu ângulo, eu não podia vê-lo, mas eu senti a dor de seu descontentamento, apesar disso. Ele fechou a geladeira, e o cômodo foi novamente aceso pelos dois corredores de cada lado. Ele assobiou, e apesar de no começo eu

não reconhecer a melodia, ela veio a mim no coro. “Under My Skin”, a canção que eu cantei na noite que ele me surpreendeu no Frontage.

Eu ouvi algo estalando e batendo, gaveta abrindo, e sacos plásticos amassando. Meu coração aprendeu. Sacos plásticos? Talvez algo havia neles que ele estaria administrando? Ou talvez ele estava movendo alguma coisa fora do caminho? Ou enchendo um?

Eu simplesmente não conseguia ver sem sair da posição, e eu estava dominada pelo pânico, eu não estava pronta para desistir do jogo. Mas o pânico não era divertido. — Jonathan?

Uma pausa, então, — Monica?

— Você não vai colocar um saco na minha cabeça, não é?

Outra pausa. Ele entrou no meu campo de visão, olhando para a minha cara de seis pés acima. — Nunca.

Eu imediatamente relaxei. — Obrigada, senhor.

Percebi, desde a mudança de vibrações da minha garganta, que, tanto quanto Jonathan tinha uma voz dominante, quanto eu tinha uma submissa. Eu costumava ter consoantes duras suavemente articuladas e ofegantes, vogais aspiradas. Eu me senti boba, de repente, em tal posição no chão da cozinha, bunda em saltos agulha, as mãos nos meus tornozelos, enquanto o meu completamente vestido de certa forma namorado idiota estava ao redor com as coisas na minha cozinha. Eu sabia que a pausa no clima era minha culpa, mas eu não poderia ter tolerado um segundo de medo.

Suas botas vieram em meu campo de visão novamente. Elas eram marrom, para combinar com sua jaqueta, e ridiculamente sexy com seus jeans. — Vamos falar sobre a posição. — Ele se ajoelhou ao meu lado e acariciou minhas costas e bunda, deixando as pontas dos dedos passarem na minha fenda. — Isso... — Ele bateu na minha bunda e eu engasguei de surpresa. — Esta não é a posição. — Ele me espancou novamente. Meu rosto explodiu em calor e formigamento, que ele exacerbado acariciando onde ele tinha atingido. — Erga-se. — Ele espancou a parte inferior, onde a carne encontrava a coxa. Arrumei minhas pernas. — Mais.

— Eu pensei que ele iria me bater, mas ele acariciou outra vez, arrancando um gemido que se transformou em um grito quando ele me bateu duro.

Eu empurrei meus quadris para cima, não porque eu queria que ele parasse de me espancar, mas porque eu queria fazer a coisa certa. Minha vulva estava totalmente no ar sobre o dorso arqueado. Minha respiração arfava. Vi-o na borda da minha visão, ajoelhado ao meu lado em sua camisa de manga comprida e calças de terno, com a mão na minha bunda e se afastando para outro tapa que eu senti como um cinto de couro. O ar deixou meus pulmões, deixando o prazer na esteira da dor.

— O ponto disso — ele disse, — é que você está completamente pronta para mim. Eu deveria ser capaz de ver que a sua buceta está molhada. Entendeu?

— Sim, senhor.

Ele correu um dedo nas minhas costas, pela minha rachadura, e para minha fenda, circulando meu clitóris antes de voltar novamente. — Se você ficar agachada, eu não posso vê-la.

Eu não conseguia formar palavras.

— Sinto muito, Monica, eu não ouvi. — Ele deu um tapa nas costas de minhas coxas, logo no meu ato. Doeu, e depois prazer floresceu como milhares de flores.

— Sim.

Ele me bateu lá novamente. — Desculpe?

Eu gritei.

— Shh. Comporte-se.

— Sim. — eu engasguei.

— Sim, o quê?

Eu sabia qual era esse jogo. Se eu quisesse que ele continuasse, e eu fiz, eu sabia como fazê-lo. — Apenas sim.

Ele me deu um tapa novamente, caindo bastante a mão no meu ato de me fazer morder de volta um outro grito. — Monica, há algo que você quer?

— Faça isso de novo, por favor. — Eu não sei como eu consegui suspirar as palavras, mas eu consegui.

Ele fez. E então, novamente, mais duro e mais acentuada era a dor, o mais requinte prazer. Minha bunda deve ter ficado vermelha no terceiro tapa, mas minha buceta queria mais. Ele me acariciou no meio, para acentuar o formigamento de dor, então conteve seus tapas, até que eu pensei que eu ia morrer com antecipação. Quando eles cessaram, tudo entre as minhas pernas floresceu com o prazer. Eu pensei que eu ia ser esmagada com ele, consumida, mas ele parou, se mudou atrás de mim, e tomou cada bochecha com a palma da mão. Ele beijou minha bunda toda, suavemente, criando pequenas picadas de dor com os lábios. Ele abriu minhas bochechas além, enquanto seus polegares acariciaram entre a minha fenda encharcada.

— Como você se sente, pequena deusa?

— Maravilhosa.

— Bom. — Ele pegou um punhado de meu cabelo e gentilmente me puxou para uma posição ajoelhada. Ele deu a volta para me encarar e ficou de joelhos, uma bola de saco plástico em seu punho. — Seus pulsos.

Eu os coloquei para fora. Os sacos de plástico havia sido esticados e amarrados juntos em alça. Quando ele me tocou para amarrar minhas mãos, eu senti excitação e alívio. Seu toque era certo e gentil, sua voz cantarolando uma velha canção de Sinatra que sempre me faz pensar nele.

Quando meus pulsos estavam amarrados, ele me aliviou de volta, puxou meus braços sobre minha cabeça, e enrolou com o plástico ligando a um puxador de gaveta. Ele se inclinou sobre mim, trabalhando o nó. Tão perto, eu o respirei através de sua camisa. Aquele cheiro misturado com o fato de ficar amarrada e foder se tornou o cheiro de liberação completa, de uma orquestra conectada pelos movimentos simples de um condutor experiente. Quando ele terminou, desenhrou as mãos pelos meus braços, a minha caixa torácica, seus polegares acariciando meus mamilos, e me esticando pelo chão até que meus braços estavam em linha reta.

— Perfeito. — ele disse, mais para si mesmo do que para mim. Ele puxou meus joelhos e os espalhou até que eles foram para os lados dos meus seios. Se inclinando para trás ele olhou para o seu trabalho. Eu vi sua ereção em suas calças, e eu queria estender a mão e tocá-lo. Eu estava amarrada, e ser esticada adicionou à sensação de estar sendo exposta.

Jonathan puxou sua camisa, e eu queria tocá-lo ainda mais. Eu queria correr meus dedos por seu cabelo do peito, pela barriga, e seguir a linha do cabelo até seu pau. Quando ele tirou as calças, ele bateu para fora, que coisa maravilhosa. Eu esperava que ele o colocasse em minha boca. Eu queria comê-lo, levá-lo na minha garganta com as mãos amarradas no puxador de gaveta. Eu queria estar de baixo dele e vê-lo gozar, vê-lo jogar a cabeça para trás em sinal de rendição.

Ele pegou algo fora do balcão antes de se ajoelhar entre as minhas pernas.

— Deusa, isso foi feito tantas vezes antes, que é quase chato. — Ele levantou uma lata de creme chantilly. — Você e eu somos muito bons para isso. Mas duas semanas para sua data expirar, nós precisamos conversar sobre o conteúdo de sua geladeira.

— Sim, senhor.

— Abra.

Eu abri minha boca, e ele esguichou um pouco dentro. Ele me beijou antes que eu pudesse engolir. O creme misturado entre nossas línguas escorria pelo meu queixo. Ainda me beijando, ele colocou o produto frio no meu mamilo, enviando arrepios de prazer pelo meu corpo. Ele se afastou e se ajoelhou entre as minhas pernas. Ele esguichou em cada mamilo, me cobrindo como um bolo, conseguindo fazer um som *kkkkkkt*. Ele o lambeu, em seguida, sugou cada mamilo, mordendo no final. Engoli em seco e joguei as pernas para cima. O agarrei, considerando a lata.

— Esta ponta está interessante, na verdade. — ele disse.

— Só você acharia isso interessante.

Ele colocou a ponta do aplicador no meu esterno, o dente pontudo cavando minha pele. — Desculpe-me?

— Só você, senhor. — Eu tentei não sorrir e piscar. Nós não precisávamos quebrar o clima duas vezes em uma sessão.

A lata tinha uma ponta de plástico pontiaguda que fazia o chantilly sair em um tubo estriado. Quando colocado contra a pele sensível do peito e abdômen, e, lentamente, arrastado, na distribuição do produto, criou-se mais do que um doce, uma textura decorativa. Ele coçou, abrindo as terminações nervosas de modo que quando o creme frio me atingiu, a sensação irradiou para fora. Fria. Macia. Mais do que apenas o creme sobre a pele. Algo multiplicado por uma ordem de magnitude. Quando ele seguiu com sua boca, o resultado foi delicioso para nós dois. Ele virou o quente e o frio, e com a parte superior texturizada de sua língua, ele fez a maciez áspera.

Jonathan arrastou a lata abaixo do meu umbigo para a ponta da minha fenda, sua língua logo atrás. A antecipação me fez suspirar, que se transformou em um pequeno guincho. — Shh, agora. Vai ser bom. — ele disse em voz baixa.

Ele trouxe a lata, a sua borda afiada, e sua língua quente, áspera dentro da minha coxa. Eu estava um latejante, inchada, uma bagunça quente no momento em que ele colocou a lata para baixo e colocou a ponta de sua língua entre minhas pernas. Ele se moveu lentamente para cima e para baixo na minha fenda, uma provocação que me deixou ofegante, empurrando, puxando contra os sacos de plástico que me ligava.

Trazendo a língua de volta ao meu abdômen, ele pousou na minha boca para um beijo. Eu abri minha boca para ele, provando a mistura de creme e sexo em sua língua.

— O que você quer? — Ele perguntou.

— Eu quero você.

— Você me tem.

— Eu quero o seu pau em mim, — eu disse.

— Quando?

— Por favor, senhor, — eu respirei — a qualquer momento após este momento é bom.

Ele sorriu e se ajoelhou em cima de mim, espalhando minhas pernas. Ele arrastou seu dedo para cima e para baixo em minha buceta. Meus quadris engatados, e joguei meus joelhos mais distantes, implorando para ele sem dizer uma palavra. Com uma mão no meu armário da cozinha e outra guiando seu pau, ele deslizou dentro de mim, empurrando e balançando antes de retirar. Ele fechou os olhos e gemeu. Vê-lo sentir prazer trouxe a minha mente e meu corpo para o mesmo foco. Ele empurrou dentro de novo, mais forte que o tempo, e um som deixou meus pulmões, mesmo quando eu tentei ficar quieta.

— Como você quer, Monica?

Eu poderia pedir? E como? Não era o que eu queria exatamente o que me assustou mais?

— Eu quero agradá-lo. — eu sussurrei, dizendo a verdade, mas evitando a resposta real. Minha buceta estava quase no comando e me fazendo falar. Enquanto eu tinha essa última lasca de controle, eu não tenho que admitir nada.

— Você me pede por favor. — ele disse, se movendo dentro e fora de mim em um ritmo lento e forte. — Como eu posso agradá-la? Diga. Diga o que você quer.

Eu estava perto, na orla. Atiçando o fogo em brasa, onde o pau dele e meu corpo conhecemos, eu não conseguia decidir o que dizer. Ele acelerou um pouco, e as palavras saíram de mim não filtradas antes que eu tivesse a chance de estar com medo. — Me possua. — eu sussurrei. — Me use.

Ele levou um empurrão lento para iniciar me batendo, profundo e duro. Rápido. Como se seu único objetivo fosse terminar. Ele colocou a mão no meu peito e o apertou. As costas das minhas coxas, com a dor de espancamento, sofria com cada impulso quando sua pele batia na minha. Estar com ele, presa, objetivada, eu perdi todo o medo. Com Jonathan, eu me sentia segura. Eu senti uma perda de controle tão completo, uma rendição tão honesta que se tornou uma indulgência de luxo.

— Jonathan, eu estou... — Eu não tinha palavras. Ele estava fodendo o ar de dentro de mim.

— Vai. — Ele mal conseguia deixar as palavras saírem. — Sim.

— Oh...

Se ele tivesse me dito para ficar quieta, eu não teria ouvido o comando sobre o meu próprio grito. O som sem palavras, nem mesmo definido por uma vogal, atirou-se a partir da base da minha espinha e para fora da minha boca. Eu apertei suas costas, torcendo. Ele me segurou em linha reta, ainda me batendo com seu pau, quando eu gozei em uma série de explosões que pareciam as batidas de um tambor batendo duro, repetidamente, até que ele estava quente com o atrito e resistência.

Seu nome saiu dos meus lábios mais e mais. *Jonathan, Jonathan, Jonathan.*

Ele diminuiu a velocidade e caiu em um ritmo. Ele ainda não havia gozado, e eu queria que fizesse. Eu queria ter o orgasmo dele do jeito que ele pegou o meu.

— Senhor. — eu disse. Ele colocou seu rosto perto do meu. — Use-me para o seu prazer. Por favor. Tenha a mim. — Deus, o que eu me tornei? Essa prostituta que, quando ele sorriu com o pensamento do que ele pretendia, eu senti uma onda de prazer em agradá-lo.

Ele me beijou, em seguida, chegou até o balcão e pegou uma faca. Eu ainda estava sem fôlego quando ele me cortou o punho da gaveta. Minhas mãos, no entanto, ainda estavam amarradas. Ele olhou para mim com um sorriso diabólico, quando ele se levantou.

— De joelhos, pequena deusa. — Eu não podia com as mãos atadas, pelo menos não rápido o suficiente. Ele me puxou pelo bíceps. Minha buceta latejava, e quando cheguei a uma posição ajoelhada, senti um gotejamento líquido quente na minha perna. Diante de mim, seu pau liso diante da minha buceta e na frente dos meus olhos, era meu mestre. Ele era a dor entre as minhas pernas, o desejo na minha barriga, o formigamento na minha pele, a própria encarnação da minha satisfação.

Senti sua mão na parte de trás da minha cabeça, pegando um punhado de cabelo e empurrando meu rosto para frente. Eu abri minha boca, e ele se mexeu, guiando seu molhado pau em mim. Eu provei a sutileza do meu arrebatamento nele. Lentamente, o comprimento dele desceu pela minha garganta, e ele gemeu, inclinando a cabeça para trás na mesma posição de rendição, que ele teve a primeira

vez que meus lábios tocaram seu pênis. Eu respirei e o levei de novo, lentamente, a minha língua o percorreu. Ele empurrou um pouco, em seguida, se empurrou para dentro, todo o caminho, até que o meu nariz tocou seu estômago. Seu eixo, completamente rígido encheu minha boca. Eu gemia, vibrando com a cabeça.

— Olhe para mim.

Lancei os olhos para cima. Seu rosto estava lento com a excitação. Eu me inclinei para trás, ainda olhando para ele, deixando seu pau escorregar pela minha boca.

— Eu possuo você. — ele disse. Ele agarrou a parte de trás da minha cabeça mais forte, puxando o cabelo dolorosamente, e empurrou de volta para dentro. Seus olhos se fecharam um pouco, e um longo suspiro escapou de seus lábios. — Ah. Isso é certo. Eu. Possuo. Você.

Vimos um ao outro quando seus impulsos ficaram mais curto e mais rápidos. Eu tive que respirar pelo nariz e me concentrar em não perdê-lo, não olhando para longe, abrindo para ele totalmente enquanto ele fodeu minha boca.

— Monica — ele sussurrou. Seus olhos caíram mais baixo e sussurrou novamente — Monica, Monica, estou chegando, baby. Pegue-o. Ah.

Levei-o mais profundo, deixando que ele viesse até a minha garganta, a base de seu pênis pulsando no meu lábio inferior.

— Foda-se — ele sussurrou como uma oração, dobrando em súplica e soltou. Seus olhos se fecharam, e depois de um engate final em sua respiração, ele puxou para fora, sua última ereção lisa, com saliva e sexo.

— Como está, senhor? — Eu estava sorrindo. Ele amarrou minhas mãos e forçou o ritmo, mas o orgasmo era meu. Ele estendeu a mão para a faca de novo, e eu segurei minhas mãos para cima. Cortando minha ligação, ele se inclinou para me levar em seus braços. Ele me levantou, e eu envolvi minhas pernas em volta dele, descansando minha cabeça em seu ombro. Ele me levou para fora da cozinha como se eu fosse uma criança.

Capítulo Nove

Jonathan

Eu não sei como um homem pode sentir

se rasgado e inteiro ao mesmo tempo.

Sob seus cobertores, do meu lado, e de frente para ela não estava perto o suficiente. Eu torci minhas pernas nas dela, toquei o rosto dela enquanto ela falava, e estendi a mão sobre o colchão.

Quando eu a levei para fora da cozinha, ela estava toda pegajosa na parte de baixo de sua frente. A trança era um bagunça de nó. Sua bunda estava rosa e dolorida. Sua garganta estava revestida com meu orgasmo.

Eu a levei direto para o banheiro para que pudéssemos tomar banho. Nós nos ensaboamos, e nos beijamos, e rimos, mas ela estava exterminada. Seus olhos caídos, e suas mãos trabalhavam sobre seu corpo preguiçosamente. Quando terminamos, eu coloquei uma toalha em volta dela e escovei seus cabelos. Ela insistiu em uma trança, então eu coloquei uma frouxa pelas costas, apenas para acabar logo, e a levei para a cama.

— Sinto muito pela quebra do humor com os sacos de plástico. — ela sussurrou.

Eu acariciava seu rosto. — Está tudo bem. Eu não quero asfixiar você, Monica. Essa é a maneira, passa o meu limite.

— Eu estava com medo.

— Eu sei. E eu não quero que você fique com medo, também.

— Eu deveria ter feito uma lista.

— Nós vamos fazer uma nova lista. — Toquei a testa e tracei os dedos para baixo, forçando seus olhos fecharem.

— Você é meu rei, Jonathan. — Ela abriu os olhos, mas pareciam pesados. Beijei-os mais e mais, pálpebras, bochechas, nariz, lábios, pálpebras, novamente, forçando-os fecharem mais e mais. Quando seus olhos permaneceram fechados, eu sabia que ela estava dormindo, e eu pude descansar.

Mas não o fiz. Eu repassei mentalmente, a noite toda na minha cabeça enquanto olhava para fora da janela. Os cães latiam. A sirene de polícia desapareceu pelas montanhas a fora. Ela cantarolou um pouco em seu sono, e então parou. Ela pensou que eu iria sufocá-la. Ela pensou que eu iria colocar um saco plástico sobre sua cabeça até que seu corpo paralisasse.

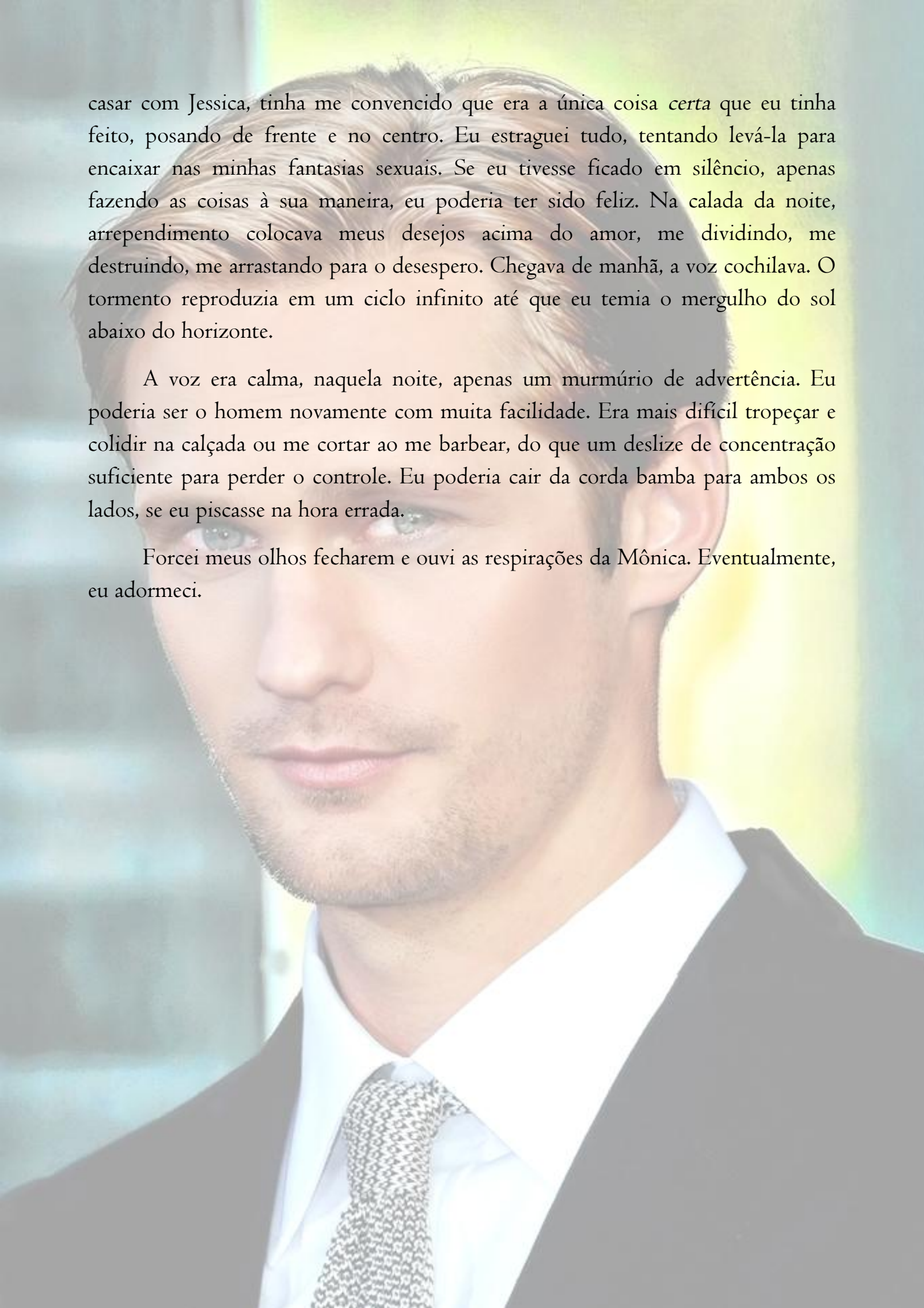
Para excitar.

Obviamente, ela não confiava em mim ainda. Seria preciso tempo e paciência. Eu não tinha dado tanto a uma mulher desde Jessica porque eu lhe dei muito. Meu relacionamento com Monica só poderia ir a um só lugar. Eu, me expondo a ela, cru nas bordas, estragando uma reunião de acionistas. Chorando como...

Eu não podia me deixar terminar esse pensamento.

Na calada da noite, quando todos dormiam, foi quando aconteceu. Eu nunca fui muito de dormir, no máximo quatro horas por noite desde que terminei minha adolescência. Ter negócios na Ásia ajudou. Eu poderia fazer chamadas e enviar e-mails. Levar um monte de mulheres para a cama ajudou um pouco com as vozes, mas as horas mortas da noite ainda eram gastas sozinho. E então, isso tomava o controle.

Era a voz do meu pai. A voz me dizendo que as coisas que eu tinha feito de errado eram irreversíveis. Meus erros foram oprimidos. Eu poderia quebrar sob isso ou me tornar forte o suficiente para puxar, mas não poderia ficar abalado. Me



casar com Jessica, tinha me convencido que era a única coisa certa que eu tinha feito, posando de frente e no centro. Eu estraguei tudo, tentando levá-la para encaixar nas minhas fantasias sexuais. Se eu tivesse ficado em silêncio, apenas fazendo as coisas à sua maneira, eu poderia ter sido feliz. Na calada da noite, arrependimento colocava meus desejos acima do amor, me dividindo, me destruindo, me arrastando para o desespero. Chegava de manhã, a voz cochilava. O tormento reproduzia em um ciclo infinito até que eu temia o mergulho do sol abaixo do horizonte.

A voz era calma, naquela noite, apenas um murmúrio de advertência. Eu poderia ser o homem novamente com muita facilidade. Era mais difícil tropeçar e colidir na calçada ou me cortar ao me barbear, do que um deslize de concentração suficiente para perder o controle. Eu poderia cair da corda bamba para ambos os lados, se eu piscasse na hora errada.

Forcei meus olhos fecharem e ouvi as respirações da Mônica. Eventualmente, eu adormeci.

Capítulo Dez

Monica

Acordei às 5:16hs com dor em todos os

lugares. Meus pés doíam como se cortado com estiletes. Meus joelhos de terem sido ajoelhados no chão da cozinha. Minha buceta por ter sido fodida duro, duas vezes. Minha bunda da surra. Meus peitos das mordidas e puxões. Eu queria Jonathan novamente. Eu tinha cerca de um centímetro do meu corpo, em algum lugar, que não estava latejando e dolorido. Ele precisava encontrá-lo e foda-se.

Eu ouvi a sua voz de longe, e eu percebi que ele não estava ao meu lado. Ele estava no pátio lateral, de frente para a calçada e falando ao telefone. Depois de usar o banheiro e entrar em um roupão e chinelos, me juntei a ele do lado de fora.

Ele se sentou na pequena mesa que eu tinha encontrado na esquina da Avenida Echo Park em Montana. Seu cotovelo estava no vidro enquanto ele escrevia algo em seu notebook e rapidamente outra coisa em seu telefone.

— Bom dia. — eu disse.

Ele estendeu a mão para mim, me puxando para o seu colo. — Bom dia. — Eu vacilei quando minha bunda tocou a superfície dura de seu joelho. — Desculpe. — ele disse quando me viu me abaixar lentamente. — Quero dizer, eu não...

— Eu também não. — Eu me inclinei por causa da dor e me sentei em sua perna.

— Eu tenho que ir a Washington dentro de alguns dias. Eu poderia ficar fora por uma semana. A congressista de Arkansas não me quer construindo hotéis no exterior. Tenho um compromisso para beijar sua bunda.

Ele não estava apenas me dizendo que ele tinha que partir. Ele estava se desculpando. Beije-o longo e duro, correndo os dedos pelo cabelo. — Eu sabia que você viaja muito, mesmo antes de te conhecer.

— Você vai se manter ocupada sem mim? — Ele perguntou.

— De todas as maneiras mais chatas.

Ele enfiou a mão entre minhas pernas e acariciou dentro da minha coxa. — O que você vai fazer?

— Eu vou te ligar à noite. — eu sussurrei.

— O que mais? — Seus dedos tocaram uma pouco a minha boceta, apenas como uma ameaça de mais.

— Eu vou te mandar um sms cada vez que eu pensar em você. Tipo, o tempo todo. — Eu abri minhas pernas para ele.

— Uh huh.

— Eu vou para o trabalho.

— Sim. — Ele soprou no meu pescoço, o dedo tão perto de me encontrar dolorida, molhada, e pronta.

— Eu tenho que trabalhar na peça B.C. Mod. Estamos muito atrasados.

Sua mão parou. — Quando eu estiver longe?

Eu me encolhi um pouco por dentro. Merda. — Você vai estar muito longe. Devo parar de trabalhar?

— Talvez eu devesse levar você comigo em todos os lugares.

Me levantei e me joguei na outra cadeira. — Você acha que eu vou fugir e foder alguém tão logo você dê as costas? Que tipo de pessoa você acha que eu sou?

Ele colocou o cotovelo no braço da cadeira e esfregou os olhos. Eu tinha, uma raiva em ebulição interna arrefecida apenas por lembrar do que sua esposa fez. Ele precisava de confiança, e não defensiva. Mesmo que ele não pudesse me amar, pensar que ele não tinha sentimentos ou levar isso na bagagem era imaturo.

Ele disse: — Eu confio em você. Eu não confio *nele*.

Eu me inclinei para a frente e suavizei a minha voz. — Poderia ser enorme para mim. Kevin é muito importante...

— Eu não quero ouvir esse nome.

— Como é que vamos falar sobre isso? Quero dizer, você confia em mim, mas você não confia nele. Você acha que ele vai me estuprar? — Eu cruzei as pernas.

Ele deu uma longa pausa, olhando para mim. Eu teria apostado dicas de duas semanas que ele estava decidindo se devia ou não dizer algo, ou revelar um pedaço de informação, mas ele olhou para o lado e bateu seu notebook. — Você acha que a sua peça Eclipse não te disse nada sobre como ele vai tratá-la?

— Ele é Kevin Wainwright. Ele começa com as emoções óbvias, então fica frio, em seguida, libera o que ele não pode usar no vaso sanitário. Então esse pedaço? Eu nunca vi a documentação, mas o meu palpite é que alguém acabou de comprar um monte de desenhos de uma mulher de cabelos escuros se a merda bateu para fora dela.

— Como ele está começando este pedaço com você? Qual é a documentação inicial que se parece?

Seus olhos não vacilaram do meu, então ele deve ter visto minha reação. Meus ouvidos começaram a ficar quentes e meus braços tensos, porque o estúdio de Kevin tinha sido preenchido com desenhos de sexo atrevido. Era isso que ele pretendia trabalhar comigo? Estávamos falando sobre o amor, sexo ou a intersecção de ambos? Se eu tivesse sido ingênua e tola?

— Você não pode ficar no caminho do meu trabalho, Jonathan.

— Ele quer te machucar, Monica.

— Ele não sabe como.

— Você está errada. Muito, muito errada.

Eu cruzei meus braços para combinar com minhas pernas. — Existe algo que você quer me dizer?

Ele engoliu em seco, me observando. Eu o olhei de volta. A tensão fez meu coração bater, minha palma da mão suar. Meu pescoço irrompeu em arrepios, mas eu não iria vacilar.

— Eu tenho algo para lhe dizer. — ele disse.

— Ok.

— Quando eu digo que eu possuo você, é apenas uma maneira de falar. Isso não significa que você não tem a sua própria vida, ou você é uma posse que eu posso jogar fora quando eu estou entediado. Isso significa que eu sou diretamente responsável por seu bem-estar. Se eu sentir uma ameaça para a sua saúde ou a sua felicidade, eu vou intervir para protegê-la, mesmo que você não me queira.

Essas palavras, tão frias e práticas, sem uma frase florida ou hipérbole, fez o meu lábio inferior tremer, e uma pressão molhada de inchaço coletar nos meus olhos. Foda-se.

— Você não pode me impedir de trabalhar. — eu disse, respirando com dificuldade, tentando esquecer as lágrimas que ameaçavam cair. — Você tem a minha palavra. Eu sou sua. Você é o único homem que eu quero. Eu sei o que aconteceu com você antes.

— Monica, você não está me ouvindo.

— Eu estou ouvindo você. Você acha que Kevin quer me machucar, e eu estou te dizendo que ele só pode me ferir se eu lhe der o meu corpo e isso eu não vou fazer.

Ele se inclinou para frente como se quisesse me tocar, mas não o fez. — Você mesma disse que ele fica cru, então ele fica frio, e então ele faz a peça. Talvez você seja a peça.

Vi minhas mãos ficarem inquietas. — Eu não posso parar a minha carreira por “talvez”. — Meus olhos se voltaram para ele. — Quando eu digo que você é um rei, você é. Você governa o mundo. Você tem tudo. Você pode fazer o que quiser. Eu não sou ninguém. Não tenho nada para chamar de meu. Eu poderia morrer amanhã, e eu estaria esquecida em um ano. Como Gabby. Se eu não gravar sua música, ela vai desaparecer, e se eu deixar você me impedir de fazer o que eu tenho que fazer para fazer meu trabalho, eu vou desaparecer também.

Eu estava chorando com pequenos e grandes soluços, encharcada de lágrimas. Ele estendeu a mão para o seu bolso, e eu sabia que ele iria sair com um de seus lenços caros. Eu odiava que era a segunda vez que eu chorava na frente dele. Eu não tinha o hábito de chorar. Eu odiava. Eu não encontrei nenhuma aversão nele, apenas os olhos doloridos e vergonha. Eu peguei sua mão antes que ele pudesse deixar o seu bolso. — Não deixe que meu choro estúpido fique no caminho daquilo que você quer dizer.

— Eu queria dizer “explodir”.

— Não há necessidade. — Eu limpei minha garganta, inclinei a cabeça e apertei os cantos dos meus olhos. Então eu sorri um sorriso de serviço ao cliente. — Está vendo? Tudo feito.

Ele pegou meus pulsos e me puxou para ele, me recolheu em seu colo, e coloquei meus braços ao redor de seu pescoço. — Você acha que eu iria te esquecer tão facilmente? — Ele disse, com o rosto tão perto que eu podia ver as manchas de azul em seus olhos verdes.

— L.A. está cheio de meninas bonitas. Você encontraria uma outra. — Ele começou a dizer alguma coisa, algo pequeno, suficiente tranquilizador, mas que me faria sentir ainda mais insignificante. Eu coloquei meus dedos em seus lábios antes que ele pudesse dizer uma palavra e sussurrei: — Shh. Comporte-se.

Ele sorriu em minha mão, depois a beijou. — Vamos esquecer todos. Cada um de nós. Mesmo artistas e homens ricos. Eventualmente.

— Minha voz poderia sobreviver.

— Mas, com que significado? Neste momento, aqui? Neste pequeno pátio? Isso nos faz quem somos, e em uma semana, vai ser alguns pedaços de memória. Em um ano... se foi, e tudo, muda.

— Você é um niilista³, Jonathan? — Eu acariciava o pelo sem sua bochecha enquanto eu o provocava com meu tom.

— Eu acredito em riqueza. Você, por exemplo. Sua lealdade a sua amiga. A maneira como você cuidou dela e ainda cuida. — Ele beijou meus lábios e manteve seu rosto tão perto do meu que eu sentia sua respiração. — Você vai me deixar cuidar de você?

— Até certo ponto.

— Eu quero conseguir alguém para colocar comida em sua geladeira.

— Não.

— Sua trava está quebrada. Naquele dia, quando eu disse que a porta estava destrancada, não estava. Abri a trava da maçaneta da porta com um cartão de crédito. A trava não foi sequer colocada direito.

— Vou corrigir isso.

— Eu vou conseguir alguém. — Seus dedos encontraram o seu caminho entre as minhas pernas novamente, acariciando dentro de minhas coxas.

— Jonathan, eu coloquei a primeira. Eu posso fazer isso novamente.

— Oh, é por isso que funciona tão bem? — Apertei meus lábios. Ele puxou minha mão de seu rosto e a segurou. — Eu não estou questionando a sua competência, mas eu não acho que você está conseguindo pôr sua capacidade de colocar uma trava. Ou você vai se tornar a primeira serralheira cantora em LA?

Eu descansei minha cabeça em seu ombro. — Tudo bem. Você pode conseguir alguém para me trancar.

³ É aquele que afirma que a vida é sem sentido objetivo ou propósito.

— Em todas as portas. — Seus dedos encontraram um lugar entre as minhas pernas, onde a umidade se reuniu em resposta ao seu toque e sua respiração.

Eu suspirei. — Se isso vai te fazer feliz.

— Isso seria manter infelicidade encurralada. — Ele arrastou seu dedo até minha boceta e no meu clitóris. Minha respiração engatou a partir da dor e do prazer. — Abra suas pernas para mim.

— Outra vez? — Eu murmurei.

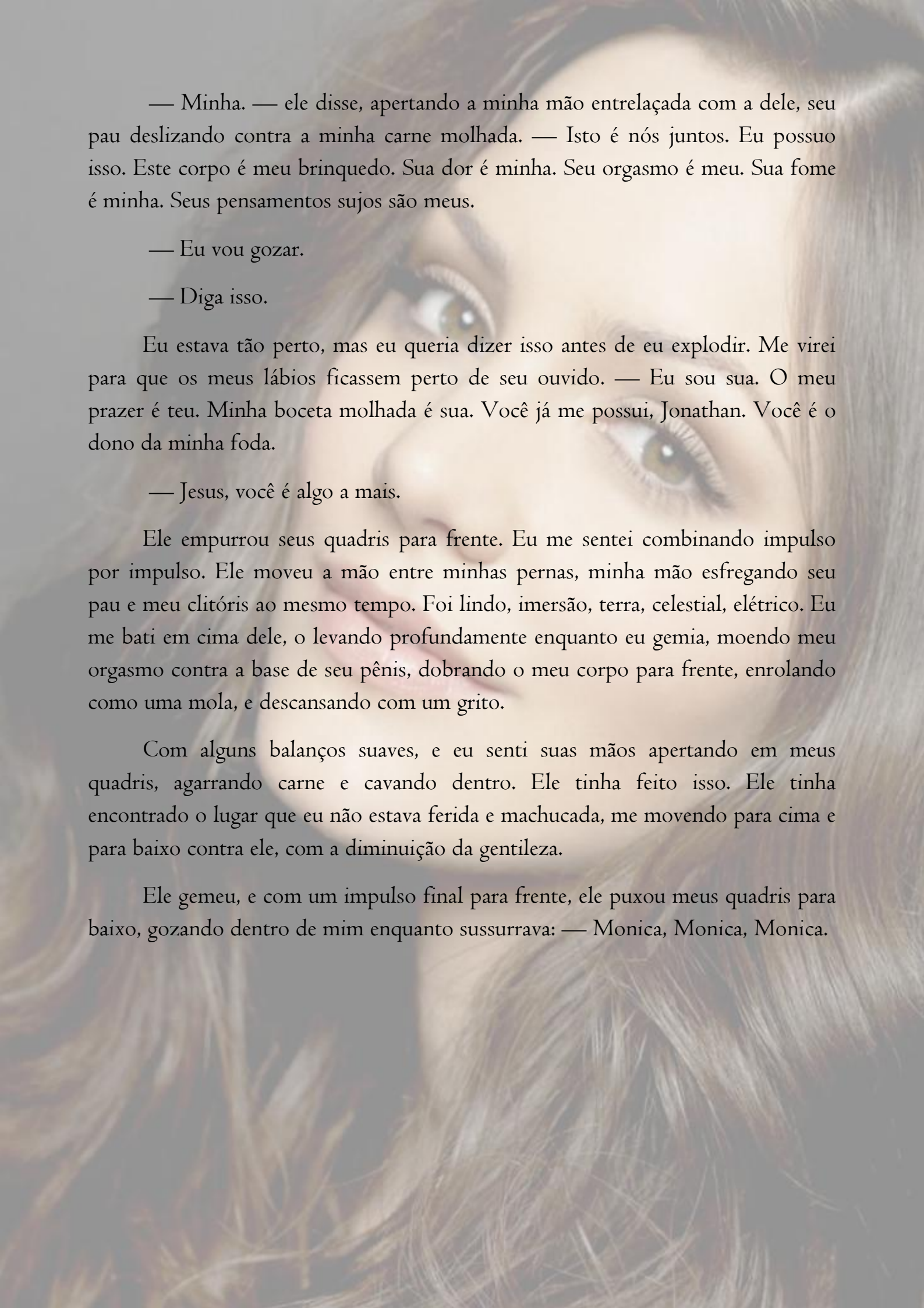
— Sim.

Nós nos deslocamos e então eu estava de costas para ele. Ele se soltou com o tilintar de uma fivela de cinto e o ronronar de um zíper. Eu coloquei minhas mãos em cima da mesa quando ele chegou em volta e puxou minhas pernas mais afastadas.

— Todo o caminho, — ele disse. — Eu quero que você me sinta. — Ele me estendeu para além do ponto de dor, então tirei meu roupão. Mais uma vez, eu me encontrei nua contra seu corpo vestido, exposta e vulnerável a ele. Seu pau levantou contra a minha bunda encontrando minha fonte de umidade. Eu coloquei meu peso sobre ele e gemi com a profundidade que ele chegou, a forma como a dor picou, e como a pele da minha boceta se sentiu abusada e amada.

Nossas mãos se encontraram entre suas pernas, sentindo quando nos unimos, nos revezando em tocar meu clitóris, e acariciando seu eixo quando fiquei exposta com a sensação entrando em mim. Eu esfreguei suas bolas por suas roupas. Nossas mãos foram à loucura, com os dedos amassando, esfregando as palmas das mãos. Ele passou a mão úmida até a minha barriga e segurou meu peito, torcendo o mamilo entre dois dedos. Eu era louca por ele, um círculo de fome e desejo. Ele me puxou em sua direção até que a parte de trás da minha cabeça estava em seu ombro, e ele sussurrou em meu ouvido: — Você é minha, deusa.

Eu gemia. Apertada, envolta em uma teia de mãos e umidade e do eixo pulsando movendo dentro de mim.



— Minha. — ele disse, apertando a minha mão entrelaçada com a dele, seu pau deslizando contra a minha carne molhada. — Isto é nós juntos. Eu possuo isso. Este corpo é meu brinquedo. Sua dor é minha. Seu orgasmo é meu. Sua fome é minha. Seus pensamentos sujos são meus.

— Eu vou gozar.

— Diga isso.

Eu estava tão perto, mas eu queria dizer isso antes de eu explodir. Me virei para que os meus lábios ficassem perto de seu ouvido. — Eu sou sua. O meu prazer é teu. Minha boceta molhada é sua. Você já me possui, Jonathan. Você é o dono da minha foda.

— Jesus, você é algo a mais.

Ele empurrou seus quadris para frente. Eu me sentei combinando impulso por impulso. Ele moveu a mão entre minhas pernas, minha mão esfregando seu pau e meu clitóris ao mesmo tempo. Foi lindo, imersão, terra, celestial, elétrico. Eu me bati em cima dele, o levando profundamente enquanto eu gemia, moendo meu orgasmo contra a base de seu pênis, dobrando o meu corpo para frente, enrolando como uma mola, e descansando com um grito.

Com alguns balanços suaves, e eu senti suas mãos apertando em meus quadris, agarrando carne e cavando dentro. Ele tinha feito isso. Ele tinha encontrado o lugar que eu não estava ferida e machucada, me movendo para cima e para baixo contra ele, com a diminuição da gentileza.

Ele gemeu, e com um impulso final para frente, ele puxou meus quadris para baixo, gozando dentro de mim enquanto sussurrava: — Monica, Monica, Monica.

Capítulo Onze

Jonathan

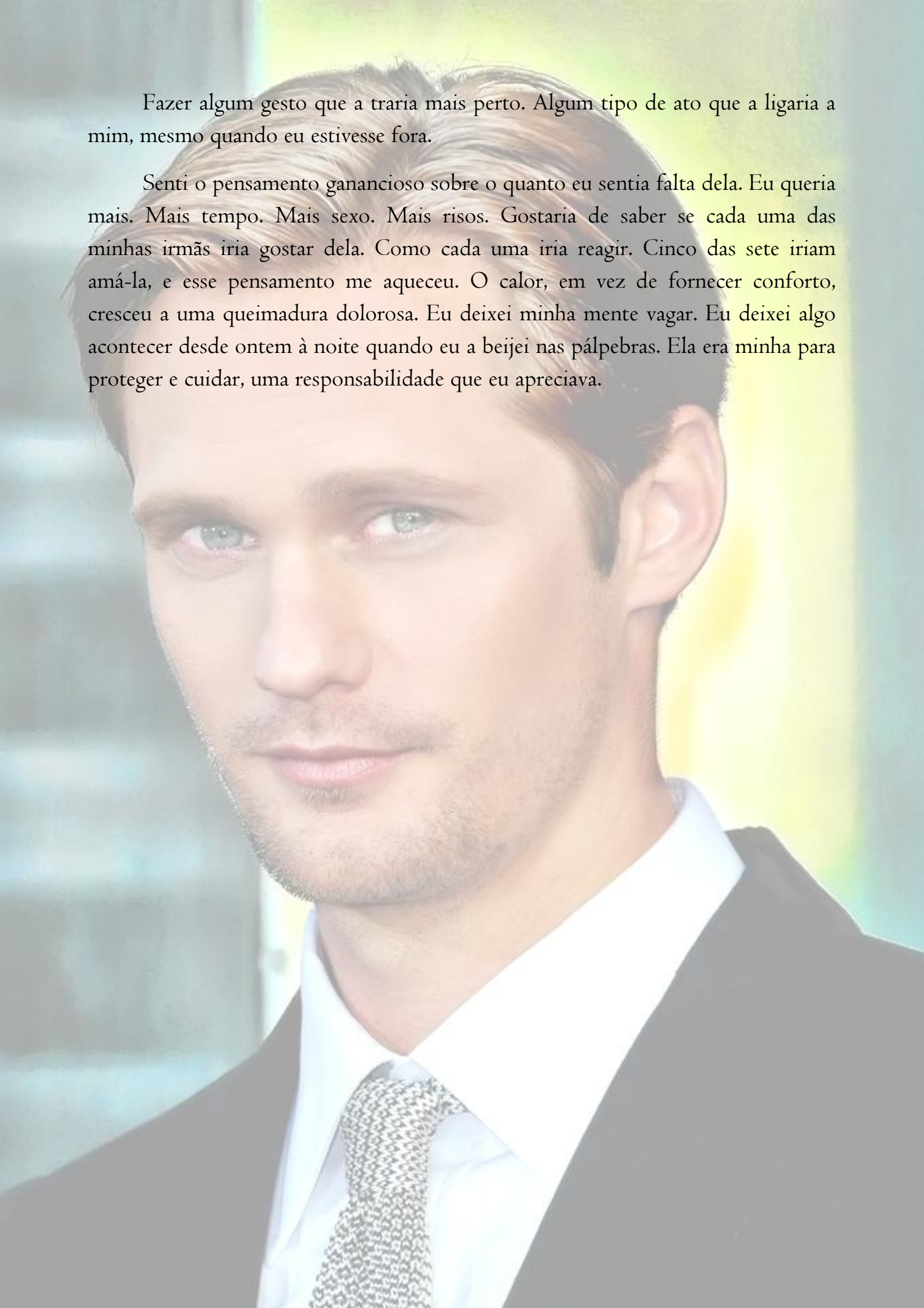
Eu tive uma inquietação me afundando.

Não era necessariamente sobre deixá-la para ir a DC. Era sobre a frequência que eu viajava e fica fora. Eu confiava em suas intenções, mas eu não confiava em sua capacidade de tomar decisões inteligentes. Ela basicamente tinha admitido que Kevin tinha pensamentos vingativos sobre ela, e o dispensou como parte de seu processo artístico.

Eu me perguntei se ela tinha sido mordida por um rato de casa suja. Se ela esperava que Darren fosse protegê-la, ela estava tremendamente fora de sua liga. Ele era uma mãe galinha. Ele a coloca na cama e a alimenta com sopa se ela ficar doente, mas se o cara começasse a fazer a merda revoltante que eu vi nestes desenhos, Darren era tão bom quanto inútil.

Eu não me sinto muito mais útil.

Principalmente porque assim que eu cheguei a rodovia 101 e fiquei muito longe dela para voltar, eu comecei a planejar a próxima vez que eu a veria. Nada entre as visitas ocupava a minha mente. Eu já queria saboreá-la novamente, sentir suas pernas em volta da minha cintura, e ouvir seus suspiros. Eu queria tomar uma atitude. Fazer alguma coisa.



Fazer algum gesto que a traria mais perto. Algum tipo de ato que a ligaria a mim, mesmo quando eu estivesse fora.

Senti o pensamento ganancioso sobre o quanto eu sentia falta dela. Eu queria mais. Mais tempo. Mais sexo. Mais risos. Gostaria de saber se cada uma das minhas irmãs iria gostar dela. Como cada uma iria reagir. Cinco das sete iriam amá-la, e esse pensamento me aqueceu. O calor, em vez de fornecer conforto, cresceu a uma queimadura dolorosa. Eu deixei minha mente vagar. Eu deixei algo acontecer desde ontem à noite quando eu a beijei nas pálpebras. Ela era minha para proteger e cuidar, uma responsabilidade que eu apreciava.

Capítulo Doze

Monica

Jonathan tinha me deixado a apenas

algumas horas atrás, e eu tinha voltado para a cama. Um estrondo na garagem me acordou às oito horas. Parecia uma tuba peidando sendo tocada dentro de um armário. Olhei para fora da janela. Uma picape Ford, enquanto um ônibus parado na minha garagem, bloqueando o meu carro.

Eu joguei as roupas da noite passada e corri para a varanda. Ele estava, obviamente, na garagem errada. Ele estava bem na minha porta quando eu a abri. Um metro e noventa. Uma parede sólida de músculos com um rosto para correspondendo e cabelos loiros que parecia como se ele já havia feito um trabalho de um dia inteiro.

— Dr. Thorensen fica ao lado. — eu disse.

— Essa aqui é a residência Faulkner?

Olhei para a camisa polo. O logotipo no peito, dizia The Foundation Guys, bem como o nome DAVE estava bordado por cima. Jonathan disse que tinha caras.

— Eu não estava esperando por você para fazer isso tão breve. — eu disse.

— Sim, bem, tem sido devagar recentemente. De qualquer forma, vim para verificar. Posso obter uma espécie de pérola sobre a situação?

— Sim, bem, eu tenho que me arrumar para trabalhar. Você precisa de mim?

— Não, apenas seu forro. Você tem um cachorro ou outro animal? Que vá me morder?

— Não, mas eu vou morder você, se eu ficar atrasada para o trabalho. Eu tenho que tirar o Honda para fora.

Ele riu e correu para o caminhão, e eu me fechei atrás de porta para ficar pronta. Quando saí do banho, ouvi briga no quarto de Gabby. Na ponta dos pés até a porta, encontrei Darren empilhando e arrumando pilhas do *Hollywood Reporters*.

— Mon. — ele disse, indicando a toalha enrolada em volta de mim, — Eu ainda sou um homem, ok?

— Você poderia bater.

— Eu poderia, se eu quisesse me sentar em sua varanda durante meia hora.

— Sério. Eu tenho um namorado, e você poderia entrar e ver Deus sabe o quê.

— Ah, certo. Continue pervertida, Monica. Continue bizarra. — ele disse, sorrindo. Eu arranquei a toalha enrolada na minha cabeça e a joguei nele. — Novo truque?

Eu o chicoteei novamente, e ele a agarrou. Eu não poderia obtê-la de volta porque eu precisava manter a outra toalha em mim com a minha mão livre.

— Você pode se vestir, por favor? — Darren jogou a toalha.

Corri para o meu quarto e o ouvi através da parede enquanto eu me colocava em jeans e uma camisa. Quando voltei para o quarto de Gabby, ele estava arrumando os envelopes pardos distraidamente, como se decidindo o que fazer com toda a pilha ao invés de querer ou não manter qualquer arquivo individual.

— O que está acontecendo essas equipes de trabalho? — Ele perguntou.

— Minha fundação está caindo, ou na verdade, *caiu*.

— De verdade? Como você vai pagar para consertar isso?

Quando eu não respondi, ele acenou com a mão, olhando como se ele estivesse segurando uma torrente de recriminações.

— Nós podemos fazer essa luta? — Eu disse.

— Que luta? Quem está brigando? A coisa no estacionamento?

— Sim.

— Eu pensei que fossem preliminares. — Apesar de suas palavras serem uma piada, sua voz assumiu um timbre grave.

Senti um arrepio que virou para aquecer nas minhas bochechas. Eu não queria que ele soubesse. Eu não queria que ninguém soubesse. Ele deve ter imaginado eu amarrada e amordaçada, como a garota suspensa no bar com as calcinhas molhadas e esperma escorrendo de sua boca. Será que ele vai evitar fazer contato visual comigo? Será que eu sempre acho que ele pensou menos de mim?

Mudei de assunto, indicando as pilhas de papéis e envelopes. — Nós devemos apenas jogar tudo fora ou ficar com tudo. Passar por isso só vai te deixar triste.

— Ela passou tanto tempo com essas coisas. Me sinto mal de acabar com isso.

— Não se sinta mal. — eu disse. — Isso é muito fácil. É, como um trem rápido a se arrepender.

— Barato. Como tudo iria se parecer barato.

— Não é o mesmo que jogar isso fora. — Eu ordenei através das pilhas, realmente não pensando. Alguns envelopes eram mais grossos do que outros. Alguns tinham árvores e teias de marcados a lápis sobre eles. Alguns eram tão finos que não poderia ter sido mais do que uma ideia. — Eu sinto falta dela. Penso nela o tempo todo. Eu deveria ter ligado quando o local foi alterado. Eu não deveria ter

feito isso do corte zero sem ela. Sinto muito, Darren. Sinto muito. Eu sinto que levei sua irmã de você. — Eu não conseguia olhar para ele, só para a pilha interminável de envelopes deixados para trás como seu legado.

— Não foi culpa sua, Monica. Foi um acidente estúpido.

— Não, não foi. Pare de me defender. Ela se suicidou porque estava sendo cortada. Você sabe disso, e eu sei disso.

— Não, *você não*. — ele disse com um dedo apontado e a voz elevada. — Você tem dois possíveis cenários, e você acredita no que faz de você a responsável? Desculpe, não. Você quer apanhar durante o sexo, tudo bem, mas este masoquismo emocional é bobagem.

— Ela cometeu suicídio eu assumindo a responsabilidade ou não. — eu gritei de volta.

— Não. Ela. Não fez isso. — Darren rangeu os dentes. Se eu assumi a responsabilidade, ele teria também. Por não ser babá, para não assistir mais de perto, para não contar os remédios. Ele poderia continuar e continuar em círculos de auto-culpa sempre em expansão.

— Tudo bem. — eu disse. — Foi um acidente. Eu ainda sinto muito.

— Eu também.

Concordando com tudo e nada, nós olhamos através dos envelopes como se estivéssemos fazendo mais do que tocar o que ela havia tocado para que pudéssemos comungar com nossas memórias.

— Eu posso ter tudo de volta para o meu apartamento; — ele disse. — Limpar isso para fora deste quarto. Você precisa de uma nova companheira de casa.

Eu não tinha visto um momento de reflexão. Eu pago as contas como um robô. Uma vez que elas sempre saiam de minha conta corrente de qualquer maneira, não sinto que havia mudado. Mas essa conta não me faria mais um mês sem ajuda.

Eu percebi que eu não queria o quarto limpo. Eu não quero mais ninguém morando aqui. Não havia ninguém da família. Eu não queria um ponto removido até que eu estivesse bem e pronta, e eu ainda não estava. — Quanto você está pagando por aquele apartamento na esquina?

— Não muito. Por quê? Você quer mudar?

— More aqui. Comigo.

— Aqui? Neste quarto?

— Você pode ter o meu quarto. Ou sala de estar. Eu posso limpar a garagem. — Parecia a coisa mais sensata do mundo. Gostaríamos de ficar juntos, o que eu queria muito, então uma faca de ansiedade passou por meu peito.

Ele classificava através dos arquivos como se ele não quisesse olhar para mim. — O que o seu novo namorado diria?

— Eu não me importo.

— Pergunte primeiro.

— Eu não tenho que pedir permissão para viver a minha vida, Darren.

— Não é permissão. É cortesia. Sério. — Ele olhou para mim. — Você e eu éramos íntimos, caso tenha esquecido. As pessoas tem um problema com esse tipo de coisa. Confie em mim. Eu gostaria de mudar, mas não à custa de tudo o que você tem com ele. Não que eu entenda.

— Tudo bem. — Eu estendi minha mão, percebendo tarde demais que meus pulsos estavam preto e azul do esforço contra sacolas plásticas amarradas aos meus armários de cozinha.

— Jesus, Monica. — ele sussurrou.

Antes que eu pudesse sequer pensar nisso, eu as escondi nas minhas costas. Estúpida. Eu era a causa da minha própria vergonha. — Não é um grande negócio.

Ele estendeu as mãos. — Posso ver?

— Não.

— Por favor? Eu não vou lhe dar um tempo difícil. — Quando não me mexi, ele disse, — Prometo.

Eu coloquei minhas mãos nas dele. Ele virou as mãos, avaliando os danos. Eu não conseguia olhar para ele. Eu sabia o que estava em seu rosto e o que estava em sua cabeça. Não seria muito longe da verdade. Eu, nua no chão. Joelhos para cima. Mãos atadas, me esforçando. Adicione a escuridão que estava na imaginação de Darren, e eu estou ficando sufocada, um tapa, punhos... o ato, ele decidiu que estava doente demais para realizar, muito perturbado para sequer pensar, tinha uma forma e uma voz e parecia e soava como eu.

— Não temos um problema? — Eu perguntei.

Ele soltou minhas mãos. — Não é um problema para mim se não for para você.

— Você tem certeza?

— Certeza? Não. Mas perto o suficiente.

Coloquei meus braços ao redor de seus ombros e segurei sua preciosa vida. Ele me balançou para trás e para frente e me deu um beijo grande e duro na bochecha. Ouvi outra batida na porta e me afastou para ir responder. Eu verifiquei para fora da janela e vi uma mulher sólida na casa dos cinquenta anos carregando um estojo de couro surrado.

— Oi. — eu disse quando eu abri a porta. — Você deve ser a chaveira.

— Claro que sou. Benita é o meu nome.

Eu deixei entrar — Ok, bem, essa trava não está colocada direito, então se você puder corrigir isso.

Ela brincou com o bloqueio. — Uh, me disseram para substituir todas as fechaduras com Kleigs.

Meu rosto endureceu. Eu não podia pagar Kleigs, naturalmente, mas eu concordei. — Eu tenho três portas. Atrás, frente e lado.

— Concluindo. Verificar as janelas, também.

Houve alguma coisa que adiantava discutir? Ela estava apenas fazendo seu trabalho.

— Tudo bem. Eu estou indo para o trabalho. Você não precisa de mim aqui, não é?

— Não, apenas a sua chave. Eu vou deixá-la e as novas em uma caixa na frente. Código é 987. Tudo o que você precisa saber. — Ela me deu o seu cartão, e vi seus olhos se arregalaram quando ela viu meus pulsos.

Eu agradei e corri para o meu quarto. Avistei meus pulsos quando eu coloquei as pulseiras. Isso não iria funcionar. Olhei como se eu estivesse em uma situação de reféns. Eu pus braceletes para cobrir os hematomas. Eu precisava de um par mais sólido que não escorregasse tanto. Sempre que eu levantasse uma bandeja, as pulseiras iriam escorregar e revelar as atividades do meu fim de semana.

O que foi exatamente o que aconteceu. Eu estava no trabalho a 30 minutos quando Debbie notou. Ela sacudiu as pulseiras, então olhou para mim quando eu voltei para o serviço de bar.

— Como você está indo? — Ela perguntou. Eu sabia exatamente o que ela queria dizer.

— Muito bem, obrigada. — Eu tinha certeza que eu corei quando eu coloquei os copos vazios na bandeja. Ela sorriu para mim e desapareceu lá embaixo.

Eu atendi algumas mesas, joguei comentários sarcásticos para trás com Robert, e usei um sorriso ridículo que foi provavelmente o oposto exato do serviço de sorriso cliente que eu costumo utilizar. Debbie me pegou em uma corrida para o banheiro e me entregou um saco de veludo preto com uma fita.

— Coloque isso. — Ela tirou como se ela tivesse coisas mais importantes a fazer do que explicar.

Quando cheguei ao banheiro, abri a bolsa. Dentro havia duas pulseiras que eram mais como algemas de metal em prata martelada. Dois centímetros de largura, com pedras vermelhas definidas nelas, eles pareciam pesadas, mas não

eram. Quando eu as coloquei, elas permaneceram paradas quando eu movia meu braço.

— Bem, há uma dica que eu posso dar. — eu disse a Debbie quando a vi.

— Eu não posso ter clientes pensando que a amarro no porão.

— Obrigada.

— Você está feliz? — Ela indicou as pulseiras, mas eu sabia que ela queria dizer os hematomas debaixo deles. — Isso está bom para você?

Debbie sabia sobre Jonathan, e sua voz, muitas vezes me dizia que ela era uma espécie de dominante. Eu sabia que ela sabia, se não os detalhes, os traços largos. “Inadequado” era uma palavra muito branda para descrever e falar com ela sobre a minha relação com Jonathan.

— Quando eu estou no meio disso, é muito confortável. Mas se eu pensar nisso de outra forma, eu começo a me sentir como se eu devesse estar envergonhada. Como mulher. Me desculpe, eu estou... — Eu tinha ido longe demais.

— Não se desculpe. Você é o que você é. Você não tem que pedir desculpas por isso, para mim ou para qualquer um. Sobretudo a você mesma. E não é feminismo também. Isso vai poder ser muito bom contanto que você faça o que quiser em privado. Agora, decore o recinto.

— Tudo bem. — Eu corri de volta para fazer o meu trabalho.

Quando cheguei em casa naquela tarde, a rua estava cheia de carros estacionados, e o cara da fundação ainda estava na minha garagem. Eu estava presa. Encontrei em um lugar a baixo do bloco e subi a colina, desejando que eu estivesse usando tênis. Atravessei a rua da minha casa ao lado de uma minivan verde. Eu vivia em um pequeno bloco e conhecia a maioria dos carros, mas às vezes havia alguns carros estranhos estacionado nas proximidades, quando o estacionamento da cafeteria ficava lotado. O motorista da minivan não deve ter levantado uma sobrancelha ou a penugem do pescoço. Eu olhei para ele de qualquer maneira. Basta um olhar. Eu vi um círculo de vidro preto maior escondido atrás da janela do lado do motorista, perto do retrovisor.

Deve ser um truque da luz da noite. Por que uma lente da câmera estaria apontada na minha porta da frente?

Olhei para dentro do carro. Um cabo estava no olho da câmera, o que parecia ser uma webcam, e uma luz vermelha piscou na parte inferior do cabo.

Isso não era bom.

O que ele estava tentando fazer? Se certificando que eu não foderia com o cara fundação? Verificando se Kevin veio ao redor? Eu invadi outro lado da rua, ficando mais louca a cada passo. A câmera não estava protegendo minha saúde e felicidade. Foi assustador, assediador e uma besteira. Eu peguei minhas novas chaves fora da caixa de segurança, depois me lembrei de quem pagou por elas.

Caralho. Ele teria conseguido as chaves de Benita. Eu teria que ligar para ela para que ela pudesse levar suas coisas para que eu pudesse ter outro serralheiro, que eu contratasse, para colocar outra fechadura. Pé no saco.

Peguei o chantilly do meu freezer.

Idiota.

Eu não conseguia nem pensar direito. Eu estava quente e com fúria na ponta dos meus dedos quando eu pisei para o outro lado da rua e pulverizei chantilly por toda a janela do lado do motorista da minivan.

Vamos ver o que ele vê por isso. Filho da puta.

Enquanto eu cruzava de volta para minha casa, eu mandei uma mensagem para ele.

- WTF⁴ que você pensa que está fazendo com essa besteira de
perseguição? -

Dave, o cara fundação, me parou na calçada, empunhado de uma prancheta. — Senhorita Faulkner? Eu tenho uma estimativa. — Eu peguei a prancheta. O número era insano. — Sua casa está caindo para morro abaixo. Precisamos içá-la e transferi-la. A coisa toda. Então ela tem que ser aparafusada. É um grande trabalho.

⁴ WTF - (What The Fuck?) Que porra é essa?

Olhei para a lista de trabalho, então a linha na parte inferior para uma assinatura. — Eu não sou a dona da casa. É a casa da minha mãe.

— Oh.

— Eu suponho que você não pode continuar sem a assinatura da dona da casa?

Ele parecia desapontado. O cara precisava de trabalho, e eu não quero estragar isso. Eu li a estimativa novamente. Eu não poderia arcar com o trabalho, mas desde que eu descobri que a casa do Dr. Thorensen iria conhecer a minha casa no dia do “grande problema”, não resolver isso me tornaria irresponsável.

— Eu vou levar isso para a minha mãe assinar e deixo você saber.

Ele se iluminou. Eu não sabia se eu estava mentindo ou não. Talvez a minha mãe iria desembolsar o dinheiro para proteger sua propriedade. Eu poderia enviar-lhe as licenças para assinar. Ou fax. Ou pombo-correio. Qualquer coisa para evitar Castaic.

Mas, como Deus era minha testemunha, eu não deixaria um cara que não podia confiar em mim, e que colocou câmeras em mim, pagar para consertar a minha fundação ou mudar meus cabelos. Oh, foda.

Meu telefone tocou. Jonathan. Acenei para Dave, e ele caminhou até seu caminhão. Eu atendi o telefone furiosa. — Eu não posso fazer isso. — eu disse.

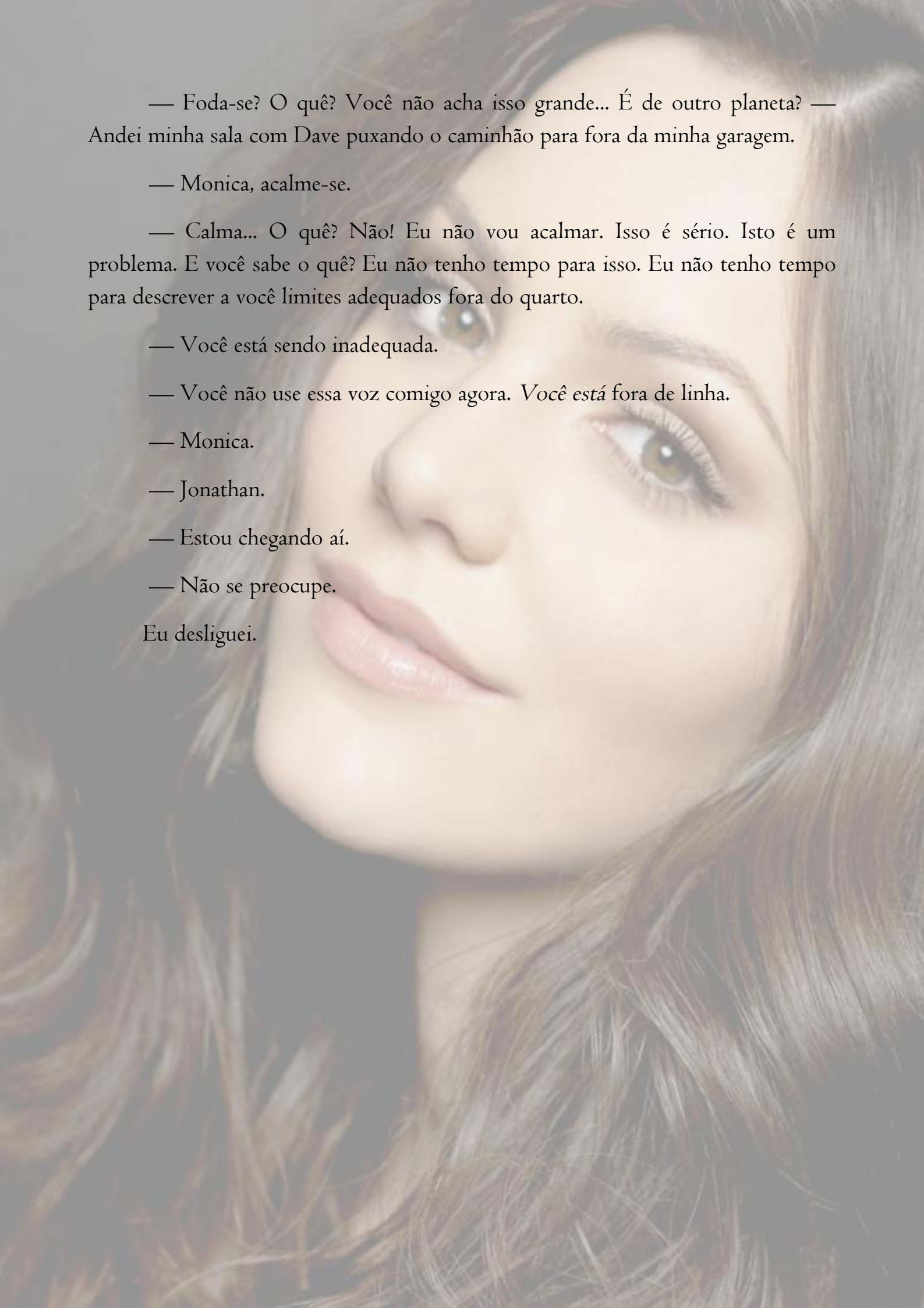
— O que aconteceu? O que você está falando? — Ele estava em um lugar lotado cheio de vozes gritando. Na minha mente, eu o vi apertando o dedo para o outro ouvido.

— Eu não preciso ser vigiada. Eu não preciso de você, se você não pode confiar em mim. — Ele não respondeu. — Diga alguma coisa.

— Eu só quero ter certeza de que está tudo bem com você.

— Eu estou. Tudo. Bem. — Minha voz era pura intenção apertada e firme em cada sílaba.

— Eu não acho que foi um grande negócio.



— Foda-se? O quê? Você não acha isso grande... É de outro planeta? —
Andei minha sala com Dave puxando o caminhão para fora da minha garagem.

— Monica, acalme-se.

— Calma... O quê? Não! Eu não vou acalmar. Isso é sério. Isto é um problema. E você sabe o quê? Eu não tenho tempo para isso. Eu não tenho tempo para descrever a você limites adequados fora do quarto.

— Você está sendo inadequada.

— Você não use essa voz comigo agora. *Você está* fora de linha.

— Monica.

— Jonathan.

— Estou chegando aí.

— Não se preocupe.

Eu desliguei.

Capítulo Treze

Monica

Eu queria correr. Eu queria de alguma forma frustrar o seu plano estúpido para vir e acalmar o senso comum de dentro de mim. Mas eu tinha que tomar banho e me trocar para tocar no Frontage. Rhee e eu tínhamos concordado em continuar com o teste, e eu queria estar no meu melhor, nem tudo era besteira. Quando saí do banho, meu telefone estava tocando. Eu peguei sem olhar, pensando que era Jonathan.

— Minhas portas estão trancadas.

— Tudo bem?

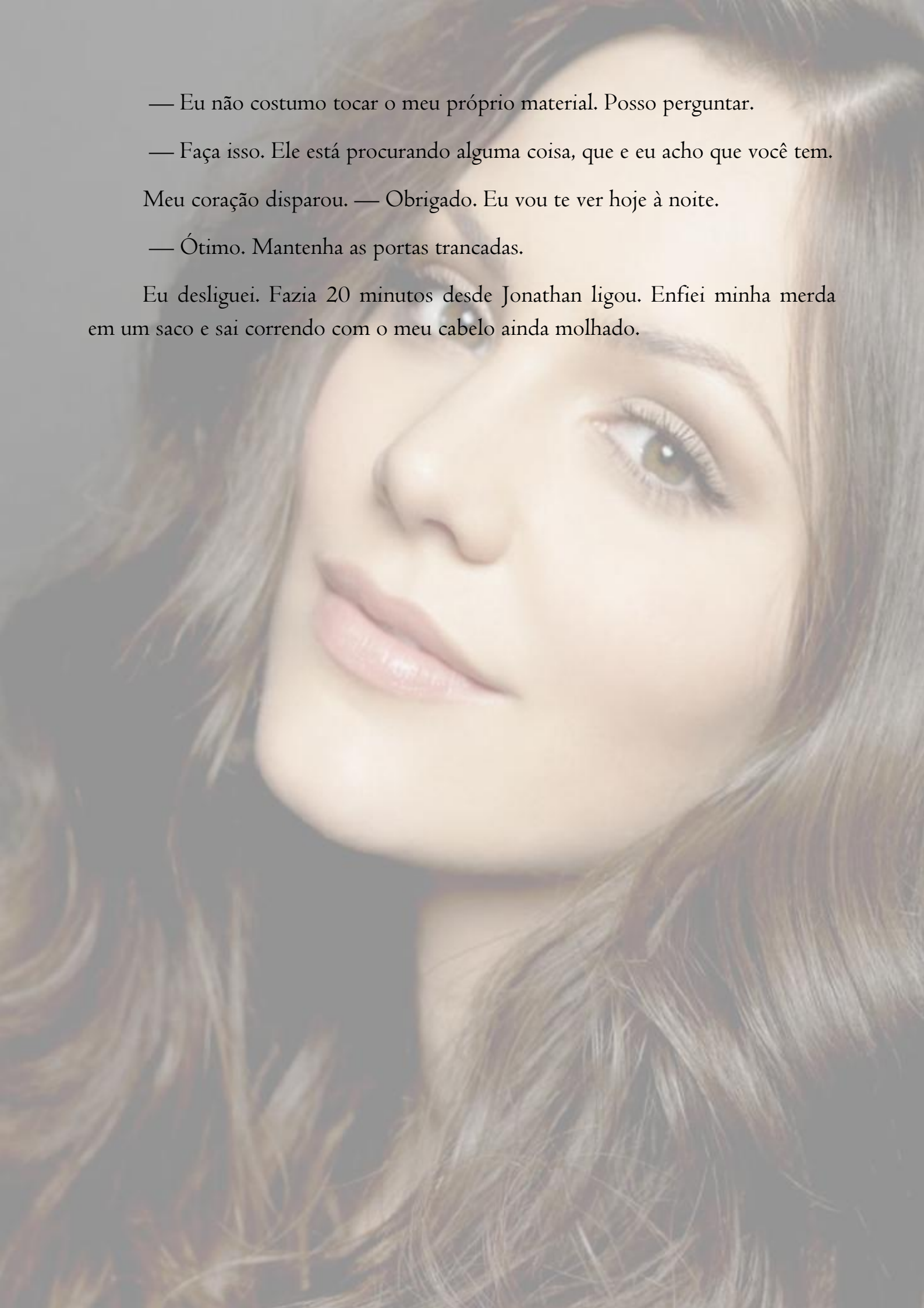
Foda-se, não era Jonathan. O identificador de chamadas identificou a chamada como Jerry, o produtor que eu tinha feito um corte zero há duas semanas atrás.

— Oi, me desculpe. Pensei que fosse outra pessoa. Como está indo?

— Bom, eu estou tomando uns drinks com Eddie Milpas esta noite. Ele é uma das nossas aquisições caras. Você toca no jantar do clube, hoje?

— No Frontage, sim.

— Você tocaria a nossa música do corte?



— Eu não costumo tocar o meu próprio material. Posso perguntar.

— Faça isso. Ele está procurando alguma coisa, que e eu acho que você tem.

Meu coração disparou. — Obrigado. Eu vou te ver hoje à noite.

— Ótimo. Mantenha as portas trancadas.

Eu desliguei. Fazia 20 minutos desde Jonathan ligou. Enfiei minha merda em um saco e sai correndo com o meu cabelo ainda molhado.

Capítulo Catorze

Jonathan

— Lil. — Bati na janela. —

Esqueça Sheila. Me leve ao Echo Park.

— Sim, senhor.

Virando para voltar não era pouca coisa. Ela teve que rastejar para fora da saída I34, rastejando na volta, para entrar no tráfego da hora do rush. Jantar com a minha irmã favorita e as crianças estava oficialmente cancelado.

Quando cheguei à casa de Monica, ela e seu carro tinham saído. Eu fiquei na varanda calculando o meu próximo passo. Ela disse algo sobre um show no Frontage, e eu estava tentado a ir para lá. Vi Dave puxando para cima a colina em sua dually⁵.

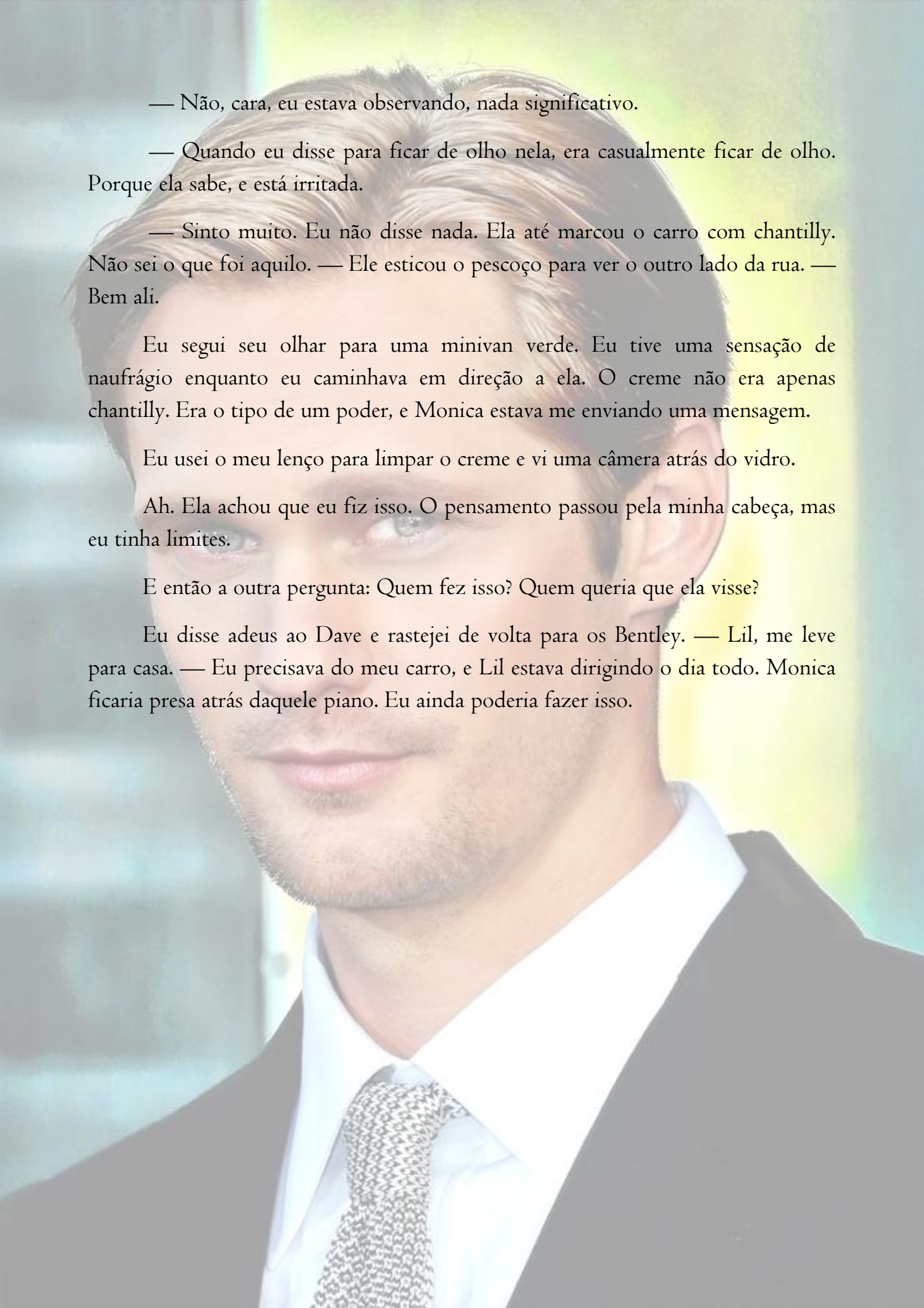
— Ei, Jon. A dona da casa está? Tenho mais algumas permissões para pegar.

— Não... O que aconteceu hoje?

Ele se inclinou para fora da janela e me ofereceu uma batata frita de um saco do McDonald, que eu recusei. — O que você quer dizer?

— Você disse algo sobre vigia-la?

⁵ Picape com rodas duplas.



— Não, cara, eu estava observando, nada significativo.

— Quando eu disse para ficar de olho nela, era casualmente ficar de olho. Porque ela sabe, e está irritada.

— Sinto muito. Eu não disse nada. Ela até marcou o carro com chantilly. Não sei o que foi aquilo. — Ele esticou o pescoço para ver o outro lado da rua. — Bem ali.

Eu segui seu olhar para uma minivan verde. Eu tive uma sensação de naufrágio enquanto eu caminhava em direção a ela. O creme não era apenas chantilly. Era o tipo de um poder, e Monica estava me enviando uma mensagem.

Eu usei o meu lenço para limpar o creme e vi uma câmera atrás do vidro.

Ah. Ela achou que eu fiz isso. O pensamento passou pela minha cabeça, mas eu tinha limites.

E então a outra pergunta: Quem fez isso? Quem queria que ela visse?

Eu disse adeus ao Dave e rastejei de volta para os Bentley. — Lil, me leve para casa. — Eu precisava do meu carro, e Lil estava dirigindo o dia todo. Monica ficaria presa atrás daquele piano. Eu ainda poderia fazer isso.

Capítulo Quinze

Monica

— U ma canção. — eu disse

a Rhee. — O resto pode ser o mesmo que sempre fizemos.

Ela mordeu o interior de seu lábio, olhando ao redor do salão. Já estava ficando lotado. — Como isso soa?

— Como uma mulher no piano. — eu disse. — Aqui estão as letras.

Pedir permissão para cantar minhas próprias músicas não era algo que eu teria aceitado um mês atrás, mas tanta coisa aconteceu, e eu dependia do trabalho no Frontage para manter viva a memória de Gabby.

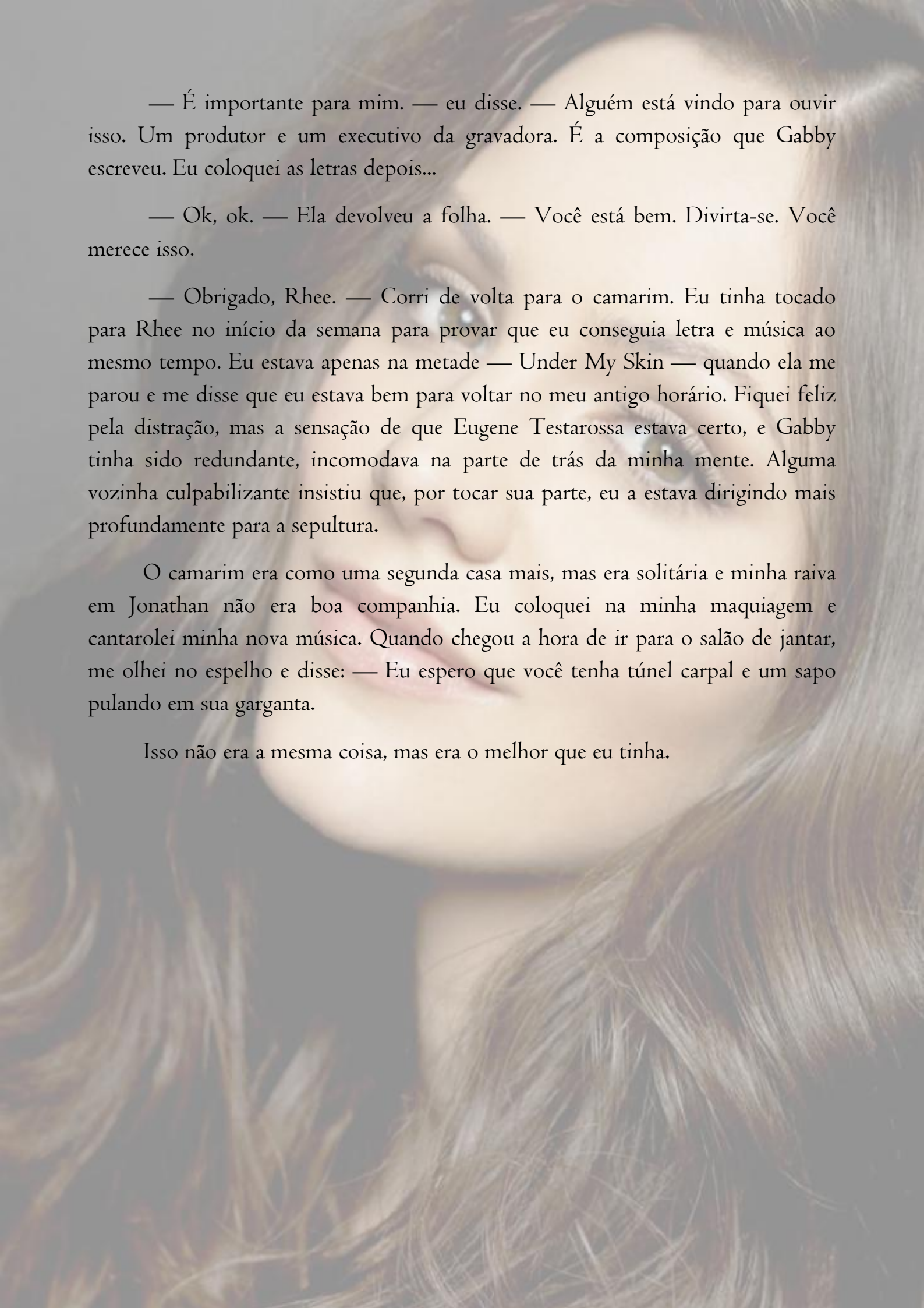
As letras me deixavam nervosa, mas eu tinha que fazer isso, apenas uma vez. Se eu não aproveitar as oportunidades quando elas se apresentam, elas secam.

— Um pouco delicado, doce. — Rhee disse. — Collar? Lambendo o chão?

— É metafórico.

— Eu imaginei isso.

Claro que ela imaginou. Que mulher colocaria isso para um homem literalmente?



— É importante para mim. — eu disse. — Alguém está vindo para ouvir isso. Um produtor e um executivo da gravadora. É a composição que Gabby escreveu. Eu coloquei as letras depois...

— Ok, ok. — Ela devolveu a folha. — Você está bem. Divirta-se. Você merece isso.

— Obrigado, Rhee. — Corri de volta para o camarim. Eu tinha tocado para Rhee no início da semana para provar que eu conseguia letra e música ao mesmo tempo. Eu estava apenas na metade — Under My Skin — quando ela me parou e me disse que eu estava bem para voltar no meu antigo horário. Fiquei feliz pela distração, mas a sensação de que Eugene Testarossa estava certo, e Gabby tinha sido redundante, incomodava na parte de trás da minha mente. Alguma vozinha culpabilizante insistiu que, por tocar sua parte, eu a estava dirigindo mais profundamente para a sepultura.

O camarim era como uma segunda casa mais, mas era solitária e minha raiva em Jonathan não era boa companhia. Eu coloquei na minha maquiagem e cantarolei minha nova música. Quando chegou a hora de ir para o salão de jantar, me olhei no espelho e disse: — Eu espero que você tenha túnel carpal e um sapo pulando em sua garganta.

Isso não era a mesma coisa, mas era o melhor que eu tinha.

Capítulo Dezesseis

Jonathan

Nada se movia. O Jag foi pego entre um

ônibus e um SUV prata. Eu deveria ter trazido a moto. Eu poderia ter ido entre as pistas e já estaria lá. Mesmo que eu soubesse que ela não ia a lugar nenhum, eu queria ver Monica imediatamente. Tinha que fazer isso. Primeiro, ela estava com raiva de mim, e esse fato fez um buraco através de mim. Quanto mais eu pensava nisso, mais eu queria correr para ela. Em segundo lugar, o equipamento de vigilância na rua acabou de fazer a conexão na minha preocupação. O equipamento não era uma piada. Alguém estava vigiando ela. Eu não sei por que, ou quem, mas eu poderia comprar essas respostas com tempo e dinheiro. Um, eu tinha muito. O outro, eu teria de fabricar.

— Margie. — eu disse quando minha irmã mais velha pegou o telefone. Ela era 15 anos mais velha que eu e tinha sido mais como uma tia para mim. Seu escritório de advocacia tinha uma enorme divisão de processo criminal e faturava milhares de horas evitando celebridades de ir para a cadeia.

— Jonny, você nunca mais ligou.

— Porque eu não tive nenhum problema.

— Mas hoje à noite? Você tem um problema?

— Você está sentada? — Western Avenue abriu como eu tive de desligar e virar para baixo no Santa Monica Boulevard. Pena que todo o dinheiro do mundo não teria me comprado um carro de merda que voasse.

— Claro, eu estou sentado.

— Há uma mulher.

— Você só me deu uma enxaqueca. Aquela pobre garota. O que você fez com ela?

Tinha me contorcido quando ela litigiou meu divórcio e eu tinha que dizer a ela que era sobre sexo, que tipo de sexo e como eu tinha sido rejeitado. Ela precisava de detalhes e recebeu só depois de eu ter bebido meia garrafa de uísque.

— Nada disso. — eu disse. — Ela e eu estamos bem. É outra coisa.

— Onde se encontra uma mulher que goste disso.

— Chega. — Eu conhecia todas as piadas já. — Eu não estou de bom humor, Margie. Eu encontrei uma câmara fora de seu lugar. Vigilância temporária dentro de um carro. Preciso de sua casa varrida. Eu acho que você pode conhecer alguém que possa fazer isso.

— Você tem acesso?

— Não, e ironia das ironias, eu tinha acabado de colocar novos bloqueios dentro da casa.

— Você não está fazendo aquela coisa de controle outra vez, está Jonny?

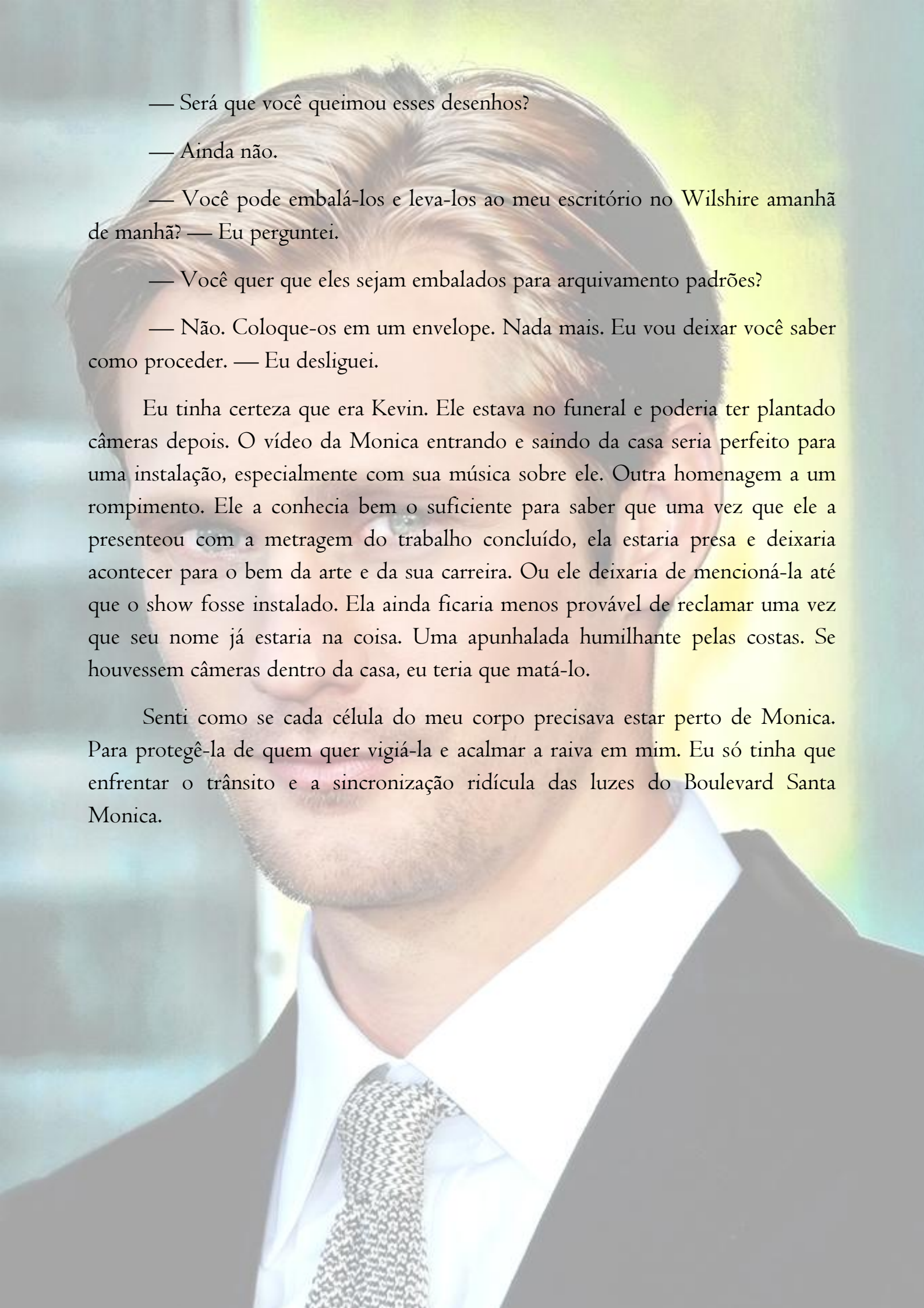
— Apenas pessoas ao redor e eu vou te dar acesso. Ok?

— Ela pode gostar quando você está no comando...

Eu desliguei. Minhas irmãs, sabendo que eu tinha um traço bizarro não era fácil. Outra coisa que eu poderia agradecer a Jessica.

Eu tenho Hank no telefone na próxima luz vermelha.

— Jaydee.



— Será que você queimou esses desenhos?

— Ainda não.

— Você pode embalá-los e leva-los ao meu escritório no Wilshire amanhã de manhã? — Eu perguntei.

— Você quer que eles sejam embalados para arquivamento padrões?

— Não. Coloque-os em um envelope. Nada mais. Eu vou deixar você saber como proceder. — Eu desliguei.

Eu tinha certeza que era Kevin. Ele estava no funeral e poderia ter plantado câmeras depois. O vídeo da Monica entrando e saindo da casa seria perfeito para uma instalação, especialmente com sua música sobre ele. Outra homenagem a um rompimento. Ele a conhecia bem o suficiente para saber que uma vez que ele a presenteou com a metragem do trabalho concluído, ela estaria presa e deixaria acontecer para o bem da arte e da sua carreira. Ou ele deixaria de mencioná-la até que o show fosse instalado. Ela ainda ficaria menos provável de reclamar uma vez que seu nome já estaria na coisa. Uma apunhalada humilhante pelas costas. Se houvessem câmeras dentro da casa, eu teria que matá-lo.

Senti como se cada célula do meu corpo precisava estar perto de Monica. Para protegê-la de quem quer vigiá-la e acalmar a raiva em mim. Eu só tinha que enfrentar o trânsito e a sincronização ridícula das luzes do Boulevard Santa Monica.

Capítulo Dezesete

Monica

Com Gabby morrendo e a máquina promocional paralisada, a contagem de corpos do ambiente voltou ao normal. Era o público da primeira noite que nós tínhamos tocado: Apenas mesas e algumas pessoas à espera no bar. Qualquer zumbido que tivemos sobre nossos shows morreu com Gabby. Basicamente, eu estava começando a partir do zero, o que era bom. Eu não acho que eu poderia ter muito mais do que isso, sem ela me apoiando.

A mesa do caloroso locutor tinha uma placa RESERVADA. Jerry e Eddie foram colocados para sentarem lá, se eles chegassem a tempo. Olá eu disse para alguns casais na frente e perguntei se eles tinham algum pedido, que eu tocaria se eu soubesse. Um grupo de meninos de fraternidade tinham ouvido falar de mim e vieram jantar. Eles já estavam meio bêbados, e seus aperitivos ainda não tinham chegado, então eu não fiquei. Fiz uma última varredura visual ao redor do salão e lancei os olhos para Rhee. Ela estava levando duas mulheres para uma mesa no canto. Eu reconheci as duas. Uma era a irmã de Jonathan, Deirdre. A outra era sua ex esposa.

Minha pele irrompeu em formigamento e minha garganta fechou. Eu não conseguia sentir minhas mãos. Então eu me lembrei que eu estava tocando uma

essa canção. A canção de Jonathan. Eu não tinha mostrado para ele ou lhe contado ainda, sobre ela. Jessica iria ouvi-la. E ela saberia.

Ela saberia.

Eu não tinha vergonha do que eu estava fazendo com o Jonathan, mas deixá-la ouvir os meus medos como se eu tivesse sussurrando-os em seu ouvido era doentiamente íntimo. Um fio de frio de pesar correu pelas minhas costas. Eu nunca deveria ter feito essa coisa, nunca escrevi baixo, nunca marquei como uma música de Gabby. Embora eu não estivesse escondendo isso de Jonathan, no mínimo, eu deveria ter mostrado a ele antes de jogá-lo publicamente. Eu ainda não tinha pensado nisso.

Me sentei ao piano e toquei nas teclas. Não, eu ia ignorá-la. Tocar outra coisa. Jerry não estava lá, então ninguém seria o mais sábio. Rhee realmente não me importava. Eu comecei a tocar. Sim, eu me esconderia atrás de Irving Berlin, em seguida, Cole Porter. Eu ficaria segura. Eu ainda ia pintá-las com as cores de Jonathan. Eu ainda ia alimentá-las com o seu desejo, seu toque, sua voz. Mas Jessica nunca iria ouvi-la porque estava protegida por letras de mortos.

Eu estava indo de “Someone to Watch Over Me”, no meio do meu set, quando eu vi Jerry com dois homens no bar. Ele acenou com o copo para mim. Eles não estavam sentados à mesa. Interromperia, talvez? Bem, merda. Eu tenho que tocar.

Com as luzes no meu rosto, a metade do salão cegando, Jessica não pairava tão grande. Após o aquecimento com as normas que eu conhecia tão bem e se escondendo por trás dessa brilhante, bebê grande, eu não me sentia tão vulnerável. Eu poderia tocar aquela música.

Eu poderia fazer isso. Eu poderia bater isso para fora. Foda-se ela. Foda-se ela no domingo. Foda-se ela com as luzes acesas. Foda-se foder com ela. Era o meu salão. Minha música. Meu público. Minhas regras.

Regra número um? Foda-se ela.

Eu bati as teclas, possuindo-as, e me lancei na música de Jonathan como se ele estivesse nu e eu estivesse cavalgando nele.

Nós tecemos palavras sob as árvores de Picolé,
O teto a céu aberto,
E você quer me possuir
Com sua graça fatal e palavras encantadas.
Tudo o que tenho é um punhado de estrelas
Amarraados a um saco de bolas de gude que transforma

Oh, seus ouvidos se queimam com a menção de árvores de Picolé e um teto a céu aberto para as estrelas, mas adivinhem?

Foda-se ela.

Minhas perguntas e medos estavam gravadas com saudade aquecida, um desejo de respostas encorajadoras, implorando por apaziguamento. Minha lista de comportamentos aceitáveis e não aceitáveis tornou-se uma lista de possibilidades emocionantes.

Você vai me chamar de prostituta?
Me destruir,
Me fazer lamber o chão,
Me torcer em nós,
Me transformar em um animal?
Será que vou ser um instrumento para você?
Dividir expondo nossa caixa de mentira
Através de uma pequena porta para os nossos
Desejos e deveres.
Escolha as coisas que você não precisa,

Não há momentos de descuido, não há mistério.

E você não precisa de nada.

Minha versão anterior desistiu de ser alimentada.

E só para chamá-la, só porque ela tinha me machucado, e só porque eu posso, eu mudei o último refrão sobre voar, transformando perguntas em declarações.

Eu te possuo.

Amarrei você.

Usarei coleira em você

Te machucarei,

Te prenderei e tomarei você.

Você vai ser um instrumento para mim.

Por toda a minha ferocidade interior, a música tinha completado o resto do set, então eu não gritei ou chorei. Eu não atingi o topo do meu limite, mas a emoção irregular estava lá quando eu bati a última nota baixa, o volume de jantar. Um sussurro mesmo. Eu me mudei para a direita em “Stormy Weather”. As luzes escureceram por meio segundo. Jerry e seus amigos estavam saindo, bloqueando o lugar. Senti um núcleo de alívio. Eu não acho que eu poderia lidar com a gestão deles e Jessica.

Eu terminei meu set, agradei o meu público, observando os humildes aplausos, e caminhei de volta para o camarim com meu queixo erguido. Eu não comecei a tremer até que eu tive a porta fechada e trancada. Minha respiração tornou-se irregular e meus olhos se encheram. Jesus, foda-se, o que ela estava fazendo lá? Com Deirdre? Que estava indo para o ouro nos Jogos Olímpicos de família, pelo amor de Deus? Caramba. Quem mentiu na entrada? Que bomba iria cair? Gostaria de ficar no camarim. Eu diria a Rhee que eu estava muito chateada com Gabby para fazer as despedidas, e eu ficaria lá até o bar fechar.

Isso, na verdade, parecia um plano viável, mas quando eu rolei através dos meus contatos para que eu pudesse mandar um sms para Rhee, para um pedido de desculpas, eu deslizei passando pelo número de Debbie. Suas palavras voltaram para mim como se sussurrando em meu ouvido.

Seja uma mulher generosa.

Sim.

Talvez fosse hora de crescer. Talvez se eu soubesse que não estava fazendo nada de errado e se eu estava ao meu direito de estar com alguém que eu gostava, eu não tinha um motivo para me esconder em um camarim imundo.

Eu mandei uma mensagem para Rhee.

- Estou um pouco chateada por Gabby -

Ela respondeu de volta com um Bloop.

- Posso fazer alguma coisa? -

-Se você pudesse trazer dois Jameson? Um shot e um on the rocks para os meus nervos? E eu estarei fora a direita após-

- Claro, doce -

Arrumei meu vestido, limpei a mascara sob os meus olhos, e reapliquei meu batom. A garçonete veio. Eu abri a porta para agradecê-la para as bebidas e removê-los de sua bandeja.

Uma vez que a porta se fechou, eu bati de volta o shot. O outro foi o meu apoio. Olhei no espelho e tentei o meu sorriso de serviço ao cliente. Incrível. Eu estava quebrando. E foda-se ela.

Eu saí para fazer o meu trabalho. Entrei no salão e disse algumas saudações, sorrindo e graciosamente aceitando elogios. Deirdre estava no bar. Jessica estava sozinha na mesa, metade prestando atenção ao seu telefone e meio fingindo que não me via.

Fui ao bar e me espremi ao lado de Deirdre. — Oi, eu acho que nós já nos conhecemos. — eu disse.

Ela foi mais educada do que antes e assentiu com a cabeça, um sorriso evasivo jogando em seus lábios. — Yeah. Bela canção. — Ela colocou uma mecha de cachos atrás da orelha. Elas saltaram direto para fora.

— Obrigada. Eu, uh, eu não quero cair dentro e ser rude, mas eu não pude deixar de notar, você veio com alguém?

— Yeah. Ela é da família. Ela queria te ver. Eu sabia onde estava, então... — Ela terminou com um encolher de ombros.

— Ela está em uma linha tênue maligna.

— Ela é a esposa do meu irmão.

— Não mais.

— Você tem muito o que aprender. — Ela tentou colocar o cabelo atrás da orelha de novo, mas ele saltou na frente de seus olhos.

Eu tomei uma respiração profunda. Ela era uma das sete, e eu estava alienando-a. — Sinto muito. Eu só não entendo.

Ela me considera profundamente. Havia algo sobre ela, alguma tristeza, um toque de melancolia. Ela tinha uma fonte profunda de tristeza. Eu vi nos olhos dela e da forma como ela lutou uma batalha perdida com a mecha de cabelo que não se dobra atrás da orelha. — Como eu disse. Família. Um homem é feito para se casar com uma mulher. Uma vida, uma esposa.

Eu me perguntava por um segundo se Deirdre vive no século vinte e um, então eu vi o colar de crucifixo. Eu tenho isso, então. Ela estava salvando a alma de Jonathan, servindo Jessica.

— Tudo bem. — eu disse. — Eu vou dizer Olá. Você passeia por aí?

— Em um minuto. — Ela sorriu para mim. Eu não podia ler. Além da fonte de tristeza, eu não conseguia ler Deirdre em tudo.

Jessica fingiu me ver pela primeira vez quando eu estava a meio caminho dela. Sufocando uma onda de ódio que, certamente, superava até mesmo o poder do meu sorriso de serviço ao cliente, sentei-me na borda de seu estande. Estávamos iguais. Eu não iria ficar em cima dela como se fosse sua garçonete.

— É bom ver você de novo. — eu menti.

— Digo o mesmo, — ela mentiu de volta. — Você toca muito bem.

— Obrigada.

— E sua voz é celestial. Você é uma artista.

Eu coloquei meus cotovelos sobre a mesa e acariciei o meu copo de uísque. — Existe algo que você queira? Estando aqui? Porque eu acredito em coincidência estranha, mas não esta. — Eu era toda sorrisos. Se Rhee me viu, ela assumiu que eu estava fazendo amizade com uma cliente.

Jessica olhou para sua própria bebida, meio vazia, uma coisa marrom com a soda e limão. — Você tocou uma música no meio que eu não reconheci. Quero dizer, deixe-me me corrigir. Eu a reconheci. Perguntei a mim mesma muitas das mesmas questões.

— Você foi mais honesta com você mesma do que foi comigo?

Um sorriso tocou-lhe os lábios. — Eu mereço isso.

Eu poderia ter atacado, mas não fiz. Ela não estava ali para apanhar. Ela não estava lá para pedir desculpas, e ela certamente não veio para me ver cantar. Ela veio para ter Jonathan de volta. Tanto quanto eu estava preocupada, eu estava chateada como o inferno com ele, mas eu não tinha decidido se eu tinha terminado com ele. Então eu fiquei em silêncio, esperando por ela para explicar. Ela não moveu um músculo desnecessariamente. Seu rosto não me deu nada. Ela não se contorceu ou acariciou um copo como eu fiz, e ela não teve um serviço de sorriso ao cliente. Ela tinha uma expressão mais profunda. Era mais prática, mais enraizada. Ela tinha a generosidade que Debbie tentou incutir em mim. Em espadas.

— Virá um dia em que você irá querer falar com alguém. — Ela enfiou a mão na bolsa e tirou um cartão. — Alguém que sabe mais sobre com quem você

está envolvida. Se você puder perdoar a brincadeira que eu joguei em você, você pode entrar em contato comigo. Nós podemos conversar.

Ela deslizou o cartão para mim. Era um cartão branco fosco com o seu nome, número e um endereço na parte industrial de Culver City.

Era tão descontroladamente elegante que eu me resenti toda outra vez. Coloquei-o no bolso do meu vestido. — Se eu tiver algo a perguntar, eu posso simplesmente ir até Jonathan, você não acha?

Ela tomou um gole de bebida. — Ele te contou sobre Rachel?

— Sim.

— Tudo?

— Eu não posso provar a negativa. Nem você. E se você acha que eu vou repetir o que ele me disse para que você possa cruzá-lo... bem, isso diz mais sobre você do que sobre mim, não é?

— Sua hostilidade faz o mesmo. — Eu me senti como se tivesse tomado um tapa, e eu não deveria ter. Ela mal mexia um músculo ou mudou sua expressão, somando-se aos meus sentimentos de inadequação. — Há uma grande quantidade de peças móveis aqui, e se eu posso ser honesta, você está fora de sua profundidade.

Revirei o copo entre as palmas das mãos, resfriando-o, pensando no pórtico de Jonathan na nossa primeira noite juntos e como ele usou o copo e o gelo. O shot tinha me soltado, reduzido o meu stress e inibições. Eu andei em campos minados com Jessica antes. Infelizmente, eu sempre esquecia o meu mapa. — Então o que você está me dizendo é que você quer me ajudar a ficar longe de seu ex-marido, cujo coração você partiu? Não, eu não penso assim.

— Não é tão simples assim.

— Oh, sim, é.

— As coisas têm sido postas em movimento. Eu queria te avisar para ir para longe, para você não se machucar.

Eu não gosto de ameaças, especialmente as vagas. Eles implicam na pessoa que ameaça, não me respeitam o suficiente para explicar, e que foi garantida a

torcer minhas calcinhas em um nó. Eu tentei manter meu rosto no jogo. — Eu entendo se você apenas o quiser de volta, mas você quer algo mais.

— Agora mesmo, eu estou tentando tirar você de um caminho perigoso. Eu vou ficar feliz em explicar, mas não aqui.

Oh, isso foi um truque sorrateiro. Eu não iria jogar isso. Não acreditaria. Por que ela tem meus melhores interesses no coração? Eu me empurro para a frente. Ela não hesitou. — Ele tem um pau, e ele só pode estar dentro de uma mulher por vez. Nada que você diga vai me parar ou me tirar do limite, somente quando ele coloca aquele surpreendente pau em mim. Se você sente falta do corpo dele, se você imaginar o seu novo homem em cima de você, se você pensar sobre isso quando você está sozinha com as mãos debaixo dos lençóis, eu entendo completamente. Ele é um monstro fodendo, Sra. Drazen, e você vai ter que passar por mim para tê-lo de volta.

Através do ligeiro sorriso se espalhando por seu rosto, ela praticamente sussurrou: — Você é um ato da classe. — Eu tentei não reagir. Eu tentei ser implacável e fria, e eu sabia que, tão certa como nunca nevaria em Los Angeles, que eu falhei. Meu rosto estava limão gelatina sustentado por palitos. Jessica empurrou a taça para longe e se levantou.

— Tenho certeza que o seu refinamento irá manter o surpreendente cavalheiro voltando para mais.

Limão gelatina se transformaria em cereja, e se houvesse uma sombra mais profunda de vermelho para transformar, eu não tinha ideia de que sabor seria. Ela olhou por cima da minha cabeça e sorriu. — Jon, como você está?

Sua voz veio de cima do meu ombro como um agasalho quente, fresco do secador em uma noite fria. — Tudo bem, Jessica.

Meu plano tinha ido pela via férrea para ele, para jogar raiva em seu caminho. Para deixar que eu soubesse que não podia ter me vigiado. Eu tinha limites, mesmo que ele não o fizesse, e eu não gosto de ser perseguida. Mas quando ele colocou a mão na parte de trás do meu pescoço como se ele me pertencesse, eu fiquei inundada de gratidão. Foi o melhor retorno possível para socar Jessica sobre a minha falta de refinamento, e eu não tive que dizer uma palavra.

Jessica disse: — Eu estava tendo uma conversa com Mônica sobre sua música. Isso me fez pensar em você. Deirdre, querida, você está bem?

Deirdre tinha entrado no círculo, ainda colocando sua onda vermelha teimosa atrás da orelha. — Yeah. — Ela se virou para Jonathan e deu um soco no braço. — Ei, cara.

— Eu espero que você receba uma carona para casa, Dee. Monica e eu estamos saindo. — Ele olhou para sua ex-esposa. — Jess, eu não sei o que você estava fazendo aqui, mas eu estou dispensando todas as sutilezas e dizendo adeus. — Ele apertou o meu pescoço e olhou para mim. — Você está pronta?

— Meu material está no camarim.

— Vamos lá, então. — Ele estendeu a mão e eu a peguei, deslizando da cabine quando ele me ajudou a levantar.

Eu andei para trás sem dizer adeus, puxando-o junto. Eu não comecei a tremer até que nós dois estávamos atrás da porta do camarim. Antes que eu pudesse acender levemente a luz, ele me empurrou contra a parede, sua boca na minha, apertando minha cabeça contra o gesso.

— Jonathan. — eu gaguejei. Não quero gritar com ele? Eu não estava brava com alguma coisa? Eu sabia que tinha coisas a dizer.

Ele beijou meu pescoço e acariciou meus seios através do meu vestido. — A câmera. Não é minha. Pedi a Dave para manter um olho em você e isso é tudo. — Ele pressionou o pau contra mim.

Foda-se. Foda-se suas explicações. Foda-se as fronteiras. Tudo o que ele disse foi bom o suficiente para mim, se ele me tomar logo em seguida.

Com as duas mãos debaixo da minha saia, ele amassou a minha bunda quando ele me beijou. Seu dedo lançando e minha virilha da minha extravagante calcinha Bordelle e a arrancando. Puxei uma perna, e ele a colocou sobre seu quadril, me abrindo para ele. Ele puxou meu mamilo através do meu vestido, tirando o polegar contra ele antes de colocar toda a sua mão sobre meu peito.

Eu desfiz as calças dele e a soltei. Ele colocou uma mão no meu peito, se inclinando para mim, e ele usou a outra para se orientar em mim, o que fez com um o impulso duro e rápido.

Pálpebras a meio-mastro com prazer, ele empurrou de novo, ainda mais duro. Eu chiei quando seu pau bateu no meu fim. Ele colocou minha outra perna sobre seu quadril, então eu estava ao redor dele. Ele aproveitou seu corpo contra a parede, um ponto de apoio, onde se juntou, sendo a base de tudo o que nos mantinha juntos.

Eu coloquei minhas mãos em seu rosto, e ele levou-os fora, segurando-os para baixo.

— Você está pronta, deusa?

— Leve-me.

Ele resmungou quando ele empurrou duro, ficando tão profundo que doía. Sem um momento de hesitação, ele me bateu de novo, me forçando contra a parede, como se quisesse dar um soco por isso. Uma e outra vez ele me levou, duro e rápido, empurrando para um calor de formigamento, forçando prazer de corrente através de mim, a base de seu pau batendo em meu clitóris mais e mais.

— Olhe para mim, — ele exigiu com a voz rouca. Eu, apesar de meu cabelo estar caindo nos meus olhos. Minha respiração estava programada para seus impulsos. — Você fala comigo, você entendeu?

— Sim, senhor. — Eu mal conseguia me entender.

— Nunca se afaste de mim.

— Nunca. Oh, Deus. Jonathan. Meu rei.

— Não goze, Monica. — Ele abrandou, inclinando-se de forma diferente, eu o senti dentro de mim, profundo, duro, deliberado. — Não deixe que suas emoções obtenham o melhor de você. Converse. Comigo. — Ele empurrou com todas as palavras, enviando-me em um lugar onde a verbalização era quase impossível.

— Sim.

— O que você quer dizer? — Ele perguntou.

— Deixe-me gozar?

— Não. O que mais? — Ele bateu em mim e moendo contra mim, empurrando todo o caminho, com o rosto no meu, seu cheiro de couro e terra e roupa lavada me ultrapassando. — Por que você me excluiu?

— Eu estou com medo. Você me assusta.

Ele segurou meu rosto. — Por quê?

O camarim não estava bem iluminado, mas eu vi o verde em seus olhos, onde as luzes do estacionamento cortavam as cortinas da janela. — Você pode me machucar, Jonathan. Você pode fazer estragos.

Ele acariciou meu lábio inferior com o polegar. — Sua honestidade é linda. — Ele puxou e empurrou para dentro de mim de novo, empurrando-se contra o meu sexo escancarado.

— Mais uma vez, por favor. — eu implorei.

Ele empurrou para dentro de mim novamente. E, novamente, até que eu pensei que eu iria explodir a partir da virilha em um spray de gritos. Minha respiração ficou rouca e difícil, meu peito doía com o esforço para movimentar o ar através do meu corpo quando eu queria parar de respirar completamente. Ele colocou a mão sobre minha boca e me levou rápido e duro. Eu vim, gritando na palma da mão. Ele colocou seu peito ao meu, seu rosto contra o meu rosto, e com um longo gemido, ele encheu-me, puxando e balançando. Senti seu hálito quente no meu pescoço, sua mão deslizando pelo meu rosto revestido de suor, sussurrando meu nome. Nós nos inclinamos um contra o outro por um minuto, respirando juntos, até que ele beijou minha bochecha.

— Você vai ficar comigo esta noite, pelo menos? — ele disse em voz baixa.

— Por quê?

Ele beijou minha boca novamente e disse: — Sua casa e seu carro precisam ser varridos das câmeras. Eu não posso deixar você ir para lá, até que esteja limpo.

— E se quem colocou estivesse realmente atrás de você? Como você sabe que a sua casa não está cheia de câmeras?

— Está sendo verificada agora.

Nós nos beijamos quando ele tirou de mim. Ele deixou as minhas pernas para baixo. Eu ainda estava com falta de ar, ainda sensível entre as minhas coxas. Meus lábios machucados de seu pescoço com barba já despontando tinha me esfregado, e minha coluna doía de ser empurrada contra uma parede. Como de costume, eu me senti como se tivesse sido espancada até perto da morte por um idiota de merda.

Jonathan se ajoelhou diante de mim e me ajudou a colocar minha calcinha rendada de volta, beijando uma trilha até a minha perna. Quando ele ajeitou meu vestido, ele me beijou.

— Temos que conversar. — eu disse.

— Sobre Jessica. O que ela disse?

— Sobre isso, e...

Houve uma batida forte na porta. A maçaneta balançou. — Monica, — Rhee chamou — você está aí?

— Sim.

— Bernie está aqui. — Bernie era o cara que tocava depois de mim.

— Saio em um segundo.

Levantei minha bolsa. Jonathan correu os dedos pelos cabelos e a tomou de mim. Chegamos do lado de fora rápido, era noite de outono. O manobrista foi para o carro de Jonathan. Mina estava estacionada na rua. Ele me levou até ela, os nossos dedos entrelaçados. — As pessoas estão esperando em sua casa para varrê-la das câmeras e microfones.

— Isso é tão estranho.

Ele segurou meu queixo quando paramos no carro. — Provavelmente não é nada. Precisamos ir para lá para que você possa deixá-los entrar — Ele colocou



seus braços em volta da minha cintura. — Você, querida, reunirá roupas e coisas. Então vou te trazer de volta para a minha cama, e eu vou ter você de novo. E talvez novamente.

— Nós temos que ter uma conversa desagradável.

— Você acredita que eu não estou te espionando?

— Sim.

— Será que você fodeu alguém?

— Deus, não!

— Você está me deixando porque eu interrompi o seu trabalho?

— Não.

— Você está me deixando absolutamente?

— Não, Jonathan, realmente...

— Então eu não vejo a urgência. Vamos cuidar dos negócios e deixar o desagrado cuidar de si mesmo.

Capítulo Dezoito

Jonathan

Eu não queria ouvir uma palavra sobre o

que minha ex-esposa disse. Eu não queria navegar em seu labirinto de mentiras e meias-verdades, e eu não queria explicar nada a Monica, enquanto minha mente estava em Kevin e nas câmeras. Precisávamos entregar as chaves, arrumá-la para a noite, e levá-la para a minha cama. Então gostaria de explicar ou foder fora do que Jessica disse. Jessica estava se complicando. Eu não poderia lidar com sua merda por mais um minuto. Seu pior pesadelo foi me ver feliz, aparentemente, porque eu não a tinha visto tanto no semestre passado, como eu a tinha visto no mês passado.

Eu cheguei a Echo Park primeiro e estacionei em frente à casa de Monica. A minivan verde desapareceu, substituída por uma van preta. Caras de Margie. Eu andei até o portão de correntes. Um homem me cumprimentou. Vinte e tantos anos. Terno e gravata. Anel no dedo mindinho. Meus olhos se adaptou e eu vi dois outros agitando os arbustos.

— Jonathan Drazen? — Disse ele, estendendo a mão.

— Ele mesmo. — O cumprimentei.

— Meu nome é Will Santon. Você parece exatamente como Margie.

— Diga a ela que ela parece mais jovem.

Ele sorriu para mim. — Esta casa é sua?

— Namorada.

— Nós encontramos uma minicamera wireless na varanda. Não era a melhor, mas boa o suficiente. Trabalho de classe média.

A varanda. O que nós fizemos na varanda? Alguma coisa? Minha mente estava em branco. Eu estava cego pelas luzes de um Honda preto rasgando o morro e na calçada.

— Não diga a ela. — eu disse. — Deixe-me cuidar disso.

Monica saiu, toda pernas e cabelos, parecendo uma força da natureza, um animal selvagem com direito à sua própria soberania. Sua sexualidade não era tímida ou bonita. Ela não era atrevida, ela era selvagem. Sua própria presença na terra mexia comigo.

— Oi. — ela disse, sorrindo.

Santon sorriu de volta para ela. — Senhorita, esta é sua casa?

— Eu moro aqui.

— Sou Will Santon. Eu sou um investigador particular licenciado no estado da Califórnia. — Ele mostrou-lhe um cartão de identificação. Ela olhou para ele, para mim, e de volta para o cartão. — Fui contratado pelo escritório de advocacia de Bode, Drazen, e Weinstein para verificar a sua casa para os dispositivos de vigilância. Tenho sua permissão para entrar?

Ela olhou para mim. Eu balancei a cabeça.

— Sim. — Ela jogou as chaves e se dirigiu para dentro. Nós a seguimos, uma linha de quatro naipes. Os outros dois se espalharam, olhando para tudo, enquanto Santon deu a Monica papéis para assinar. Eu estava atrás dela e rezei para quem a observava fizesse apenas do lado de fora. Se eles estivessem lá dentro, eu teria o forte desejo de queimar o lugar para baixo.

Terminando com Santon, Monica se virou para mim e sussurrou: — Estou desconfortável.

Eu beijei sua testa. — Vá buscar sua escova de dentes e tudo mais, e nós vamos sair daqui.



Capítulo Dezenove

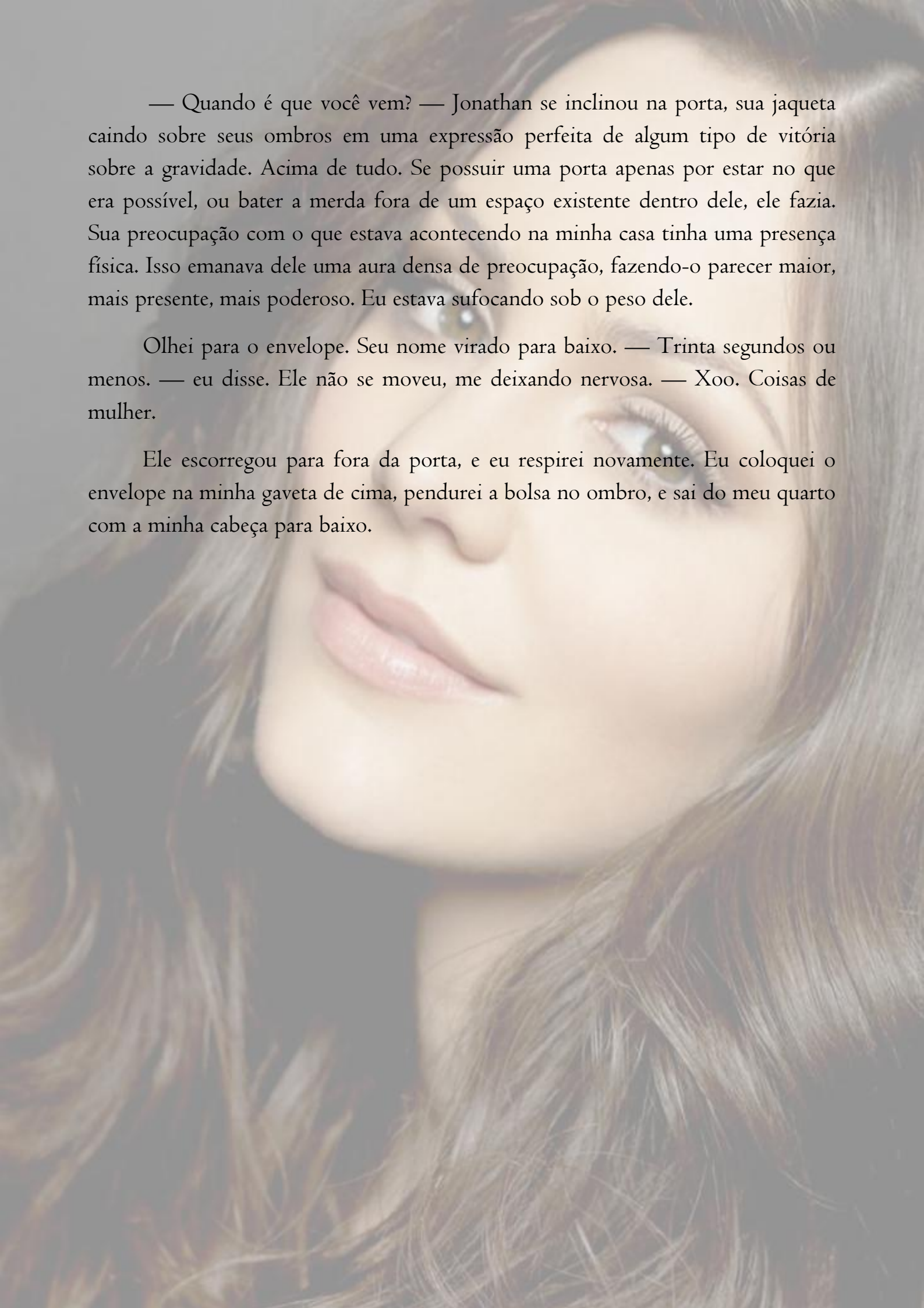
Monica

Eu encontrei uma mochila no armário e

atirei na cama. Minhas gavetas estavam uma bagunça. Meu armário estava ainda pior. Peguei o que eu toquei primeiro e joguei em cima da mochila. Eu precisava de roupas para trabalhar e roupas para depois do trabalho. Sapatos. Roupas íntimas. Rendas e Jonathan pareciam uma merda absurda. Será que o seu reinado ainda honra? Cintas-ligas e meias fizeram eu me sentir frívola e ridícula com os homens em minha casa à procura de câmeras e microfones.

Eu joguei as duas opções na mochila. Do banheiro, eu peguei maquiagem, uma escova de cabelo, laços para as tranças, e minha escova de dentes. Eu tinha certeza que eu estava esquecendo alguma coisa, mas eu queria sair de lá. Eu ia comprar tudo aquilo que eu precisasse.

Enfiei tudo na mochila e a peguei. Ela havia coberto uma coisa: um envelope etiquetado com *Jonathan S Drazen III* em Sharpie. Um dos arquivos de Gabby. Darren deve tê-lo encontrado e o deixou para mim. Eu o peguei. Não era suficiente pesado, mas não era tão grande quanto os envelopes que ela criou para as pessoas na indústria da música. Vinte páginas, no máximo. Provavelmente, um grupo de amigos em destaque na laranja e família em amarelo. Jessica em rosa. Os cantos estavam enrolados e a cor desbotada. Eu quase o coloquei na bolsa. Mas não, eu não iria levar isso para sua casa. Isso era uma loucura.



— Quando é que você vem? — Jonathan se inclinou na porta, sua jaqueta caindo sobre seus ombros em uma expressão perfeita de algum tipo de vitória sobre a gravidade. Acima de tudo. Se possuir uma porta apenas por estar no que era possível, ou bater a merda fora de um espaço existente dentro dele, ele fazia. Sua preocupação com o que estava acontecendo na minha casa tinha uma presença física. Isso emanava dele uma aura densa de preocupação, fazendo-o parecer maior, mais presente, mais poderoso. Eu estava sufocando sob o peso dele.

Olhei para o envelope. Seu nome virado para baixo. — Trinta segundos ou menos. — eu disse. Ele não se moveu, me deixando nervosa. — Xoo. Coisas de mulher.

Ele escorregou para fora da porta, e eu respirei novamente. Eu coloquei o envelope na minha gaveta de cima, pendurei a bolsa no ombro, e sai do meu quarto com a minha cabeça para baixo.

Capítulo vinte

Monica

Dizer a ele sobre a minha conversa com

Jessica, e a canção, pesava sobre mim. Eu não conseguia pensar em muito mais. Eu não poderia fazê-lo em um espaço neutro. Eu não podia simplesmente dizer a ele e sair. Já era tarde. Minha casa foi invadida.

Jonathan colocou a mão na minha coxa enquanto a outra mão repousava sobre o volante. — Eles vão estar fora de lá essa noite ainda.

— Yeah. É uma casa pequena. A sua levou quanto tempo?

— Algumas horas.

Eu olhei para fora da janela. Eu ainda me sentia invadida. — Se não houver nada lá, você está em apuros por fazer uma grande coisa sobre isso.

— Nós vamos trabalhar uma punição adequada. — Ele não parecia como se ele deveria ser punido, porém. Ele olhou como se ele estivesse me acalmando. Eu não ligo para isso. Eu teria dado qualquer coisa para que ainda fosse ontem novamente.

Esperamos que o portão se abrisse. Pareceu levar uma eternidade, estrondo e batida em uma maneira que eu não me lembro ter feito antes. Quando Jonathan

pegou minha mão e me olhou, ele parecia cansado. Lindo e poderoso como sempre, mas esgotado.

— Eu não quero que você se preocupe. — ele disse.

Eu apertei sua mão. — Eu estou bem.

— Mas eu quero que você pense sobre quem poderia ter feito isso.

— Algo me diz que você tem uma ideia.

Ele não disse, mas eu sabia que ele pensou que era Kevin. O fato de que Kevin não tinha nada a ganhar em me observar, não obstante, nada de mal na minha vida, e me perseguindo era verdadeiramente mal, poderia ser apenas responsabilidade de uma pessoa. Carreira vai mal? Kevin. Mostra de arte atinge um obstáculo? Kevin. Mau dia no trabalho?

Kevin. Câmera treinada na minha varanda? Kevin.

Quando chegamos lá dentro, ele deixou cair minha bolsa e colocou os braços em volta de mim. Eu descansei minha cabeça em seu ombro. Nós balançamos juntos, entrelaçados, se encaixando como peças de um quebra-cabeça. Ele beijou meu rosto, meu queixo. Um formigamento de calor combinado entre as minhas pernas. Eu olhei para cima, dando-lhe acesso ao meu pescoço. Ele ia me levar de novo, e seria lento, doce e generoso. Suas mãos trabalharam nas minhas costas, e eu coloquei meus dedos em seu cabelo enquanto ele beijava meu ombro.

Meu corpo gritava para ele. Apenas uma vez. Antes de lhe dizer alguma coisa sobre Frontage. Apenas um pouco de conforto. Só para me envolver dentro dele. Eu não precisava de uma foda. Eu precisava fazer amor, e do jeito que ele me tocou me mostrou que ele entendeu.

— Jonathan.

— Monica.

— Espere.

— Não.

— Por favor.

— Você é minha.

— Tangerina.

Ele parou e ficou para trás, me olhando nos olhos. Seu cabelo estava despenteado, e seus olhos com o capuz do calor. — Ok, pequena deusa. O que é isso?

— Eu tenho coisas para contar para você. Eu não posso adiar mais.

— Tudo bem. Vamos pegar um pouco de ar fresco. — Ele pegou minha mão e me levou para o quintal.

Nós nos sentamos no sofá ao ar livre, no próximo escuro, que apreciaram. Eu não queria uma luz brilhando em nossa conversa. Suas mãos ficaram em mim, acariciando minha mão, minha coxa, me acalmando.

— Então, você viu Jessica essa noite. — eu disse. — Eu não tenho que te contar essa parte.

— Sim.

— E você viu a gente conversando.

— Sim.

— Ela me deu o seu cartão e se ofereceu para me dizer tudo sobre você. — Sua expressão não se alterou. — Eu disse “não, obrigada, se eu precisar saber sobre Jonathan, eu vou perguntar a ele”.

Ele apertou minha mão. — Você é perfeita.

— Bem, talvez não. Ela perguntou se você me contou sobre Rachel, e eu disse que sim. Ela perguntou se você me disse tudo, e eu meio que sai sobre isso.

— Sério?

— Eu lhe disse que não sabia o que ela queria, mas ela não poderia tê-lo de volta porque você era muito bom na cama.

Ele riu bom e duro, jogando a cabeça para trás e mostrando o céu noturno em seu rosto. Sua risada encheu o quintal enorme, e até sorri um pouco, porque, na

verdade, o homem poderia ficar chateado com isso? Eu queria terminar a conversa ali mesmo. Se eu me arrastasse para o colo dele, ele colocasse seus braços em volta de mim, me levaria lá em cima, e nós faríamos amor tão docemente. Apenas o pensamento que eu tive me deu um arrepio nos braços.

— Eu ainda não concluí as coisas realmente desconfortáveis.

Ele enxugou as lágrimas de seus olhos e recostou-se, sorrindo, totalmente relaxado, seu braço sobre o encosto do sofá. — Vá em frente, então.

— Você realmente é bom de cama, você sabe.

— Obrigado. Para isso, são necessários dois.

— Certo. Okay. Há uma canção. — Eu disse a última frase como se eu tivesse saltado de um penhasco. Há uma canção. Três palavras, e eu estava comprometida com acabamento. Olhei para o meu colo. Eu não conseguia olhar para ele. — Jessica ouviu. — Eu limpei minha garganta. — Eu a escrevi depois que você me chamou de submissa e antes que eu lhe desse a lista. — Eu olhei para ele. Seu sorriso se foi. — Eu gravei como um corte zero, o que é algo que passou em torno da indústria como um exemplo. Eu não tinha escrito uma canção em há algum tempo, e isso era tudo que eu tinha. Então, ela saiu bem. Um dos caras de aquisições a ouviu e queria me ouvir cantar. Eles vieram hoje à noite.

— Qual era o nome dele? O cara da aquisição?

— Algo Eddie. — Os olhos de Jonathan se fecharam lentamente, e sua boca bem fechada. — O quê? — Eu perguntei.

— Vamos ouvi-la.

— Ouvi o quê?

— A merda da música.

Meu coração batia tão forte que parecia que minhas costelas iam quebrar. Meus pulmões tremeram, preenchidos, e pareceu esvaziar em um modo parcial. Eu não tinha um instrumento para me esconder atrás ou um pedaço de papel com os meus requisitos para ele ler. Eu só tinha dois minutos de puro, crua, porra vulnerabilidade em seu quintal enquanto ele ponderava não só o que ele achava da

música, mas de mim, o que ele sentia por mim, o que sua ex-esposa ouviu, e o que ela pensava.

— Ela não tem um título ainda.

— A música, Monica. — Sua voz era como um tijolo, franca e dura, sem nuance. Ele esperou. Eu não sabia o que ele estava pensando, mas eu percebi quanto mais tempo eu levasse para começar, mais lixo seria executado por meio de sua cabeça, e talvez isso não fosse uma coisa boa.

Eu cantei na minha voz suave de jazz. Eu não olhei para ele, porque eu não queria ver a reação dele. Eu só queria passar por isso. Eu comecei a rachar na última parte, onde eu me perguntei se eu faria as coisas de que ele fez para mim, porque as questões não eram sobre sexo mais. A canção revelou muito. Foda-se. Eu odiava a música certa, então, quando eu cantei a última linha. Eu desejei que ele nunca tivesse ouvido uma nota.

Seu rosto estava em suas mãos, e os cotovelos estavam de joelhos. — O que você estava pensando?

— Sobre você.

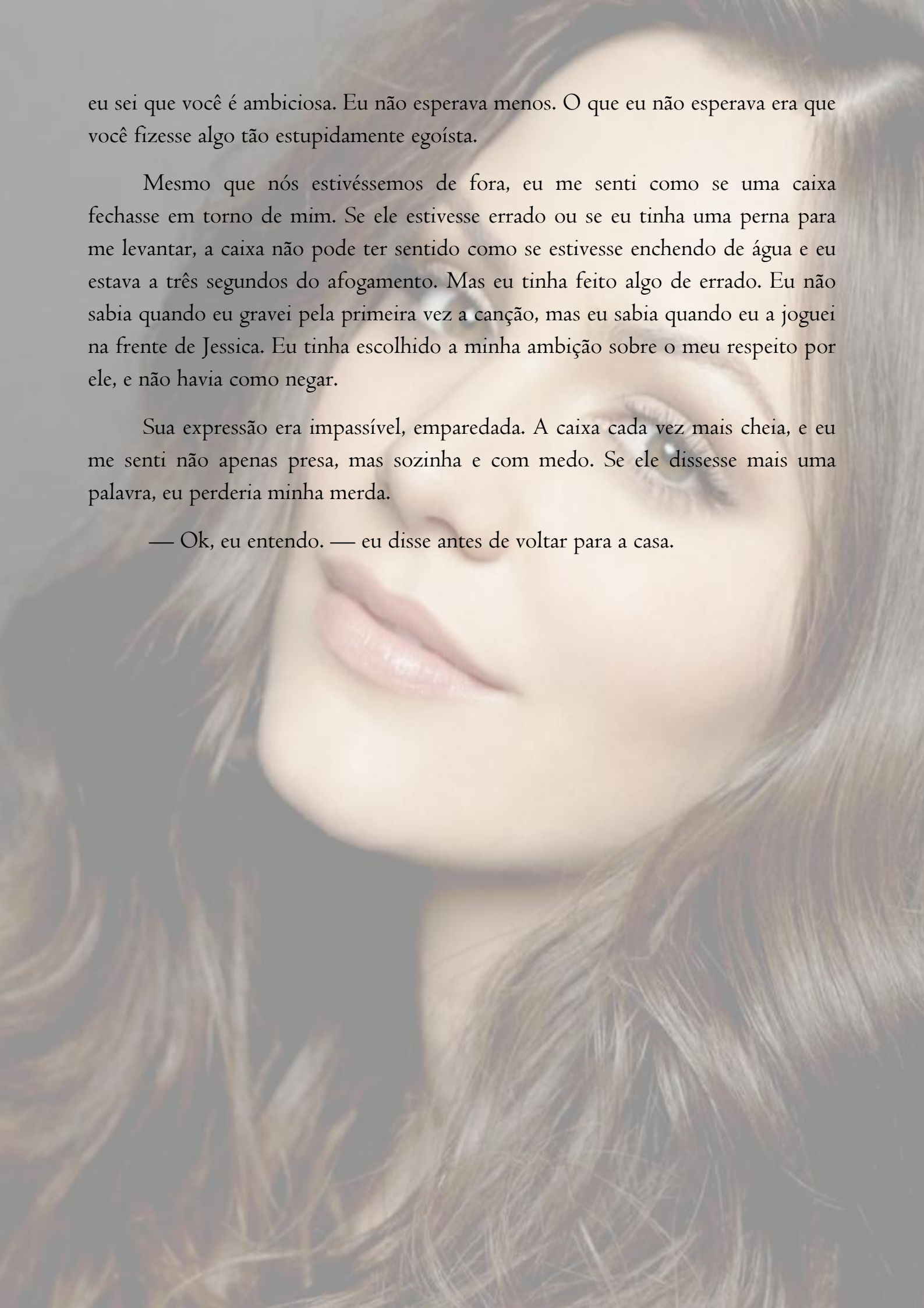
Ele olhou para cima. — Quando você gravou? Que diabos você estava pensando?

Eu não podia responder. Eu estava pensando em mim. Que poderia ser uma oportunidade. Que era uma boa música, e uma vez que era uma música, era minha, não importa do que se tratava.

Mesmo no escuro, seu rosto me assustou. Eu tinha visto essa expressão antes. Em meu pai, pouco antes de ele jogar algo ou rasgar as cortinas da sala de estar.

— Sinto muito. — eu sussurrei.

— Estou feliz que você esteja arrependida. Mas o que você sente muito? Exatamente? Você está arrependida, pois você tinha algo para me dizer ou muito que você foi tão egoísta, em primeiro lugar? Porque não é sobre você. É sobre nós, e nós não somos um grande segredo. A menos que nós nos dividimos amanhã, essa música é sobre mim e vai me acompanhar aonde quer que eu vá. Foda-se. Monica,



eu sei que você é ambiciosa. Eu não esperava menos. O que eu não esperava era que você fizesse algo tão estupidamente egoísta.

Mesmo que nós estivéssemos de fora, eu me senti como se uma caixa fechasse em torno de mim. Se ele estivesse errado ou se eu tinha uma perna para me levantar, a caixa não pode ter sentido como se estivesse enchendo de água e eu estava a três segundos do afogamento. Mas eu tinha feito algo de errado. Eu não sabia quando eu gravei pela primeira vez a canção, mas eu sabia quando eu a joguei na frente de Jessica. Eu tinha escolhido a minha ambição sobre o meu respeito por ele, e não havia como negar.

Sua expressão era impassível, emparedada. A caixa cada vez mais cheia, e eu me senti não apenas presa, mas sozinha e com medo. Se ele dissesse mais uma palavra, eu perderia minha merda.

— Ok, eu entendo. — eu disse antes de voltar para a casa.

Capítulo Vinte e Um

Jonathan

Quando a porta de tela bateu atrás dela,

eu chutei em cima da mesa de café com tampo de vidro. Ela quebrou. Eu considerei fazer mais violência para os móveis, mas eu não estava zangado com o mobiliário. Eu estava com raiva de mim mesmo. Eu não tive nenhuma sensação de negócio que eu sentia por Monica. Eu tinha nenhum negócio que envolvia um relacionamento pervertido, emocionalmente carregado com uma submissa inexperiente. Estúpido. Isso, eu tinha ganho.

Quando eu tinha segurado as mãos de Jessica para baixo durante o sexo, ela disse a todos que eu queria estuprá-la. Um tapa na bunda, e eu era um abusador. Doeu muito quando ela me chamou dessas coisas na minha cara. Quando ela fez isso nas minhas costas, foi pior. Mais tarde, percebi que ela tinha tido um momento difícil com os homens diante de mim. Eu deveria ter sido mais compreensivo, mas não era como se eu não tivesse minha própria merda.

Quando Monica cantou sua canção na sua voz rouca de um anjo caído, eu sabia que suas intenções eram puras. Eu também sabia que os resultados iriam chupar. Parte de nosso círculo social que já me odiava. Quem sabia o que ou quem seu desempenho afetaria. O meu negócio? Minha família? As possíveis repercussões veio em chamadas de cenas de desprezo e escárnio. Perder negócios. Jantares desconfortáveis, vêm aqui as mulheres erradas, costelas machucadas de cotovelos

jocosos de homens pensantes que Monica era minha puta, ou pior, disponível para partilhar.

Jessica tinha adicionado humilhação para minha confusão por confiar em todo o nosso círculo social e suficiente da minha família para fazer o jantar de Páscoa um pesadelo. Eu nunca cavei fora dele, e a música só poderia me enterrar ainda mais em uma reputação e eu não ganharia e não queria. Eu não queria uma vida inteira de servidão. Eu não queria os clubes ou as fantasias. Eu queria ser normal, exceto quando eu não era. Mais uma vez, eu estaria marcado.

Eu andei ao redor da piscina. Monica tinha que ir. Ela e sua canção e seu Deus e suas malditas aspirações artísticas tinham que serem cortadas fora antes de me infectar. Eu tinha que fazê-la rapidamente e seguir em frente. Tive que ignorar todo e qualquer pedido de perdão. Eu tive que esquecer os meus sentimentos, quando ela se enrolasse em volta de mim, como ela tinha me encantado e me desarmado. Eu precisava chocá-la para fora do meu sistema.

Parei, e como o chamado de uma sereia, a piscina me convidou. Tirei meus sapatos e mergulhei dentro. A água estava fria e pesada, e minhas roupas só fez me afundar mais. Eu nadei para a superfície, e o esforço me trouxe de volta à minha cabeça. O pânico e a preocupação voltou, mas em um grau inferior. O material de costume, não o material que tudo consome.

Eu nadei até a borda da piscina. Eu estava com medo de sair, porque eu iria congelar pra caramba, mas principalmente, eu estava com medo de lidar com a mulher na varanda, se ela ainda estivesse lá. Eu inclinei meu rosto no meu braço e disse: — Monica, Monica, você foi perfeita.

Fiquei triste de perdê-la, mas eu não podia ser visto com ela se ela estava cantando essa canção, e ela deixou claro que não iria interromper o trabalho. Eu sabia que a minha pequena série de tristeza iria crescer em um novelo de lã. Eu sabia o quanto eu a queria, e por que, e como. Depois de a conhecer apenas há seis semanas, eu sentia falta dela.

Meu telefone tocou. Ele tinha estado na mesa de vidro que eu esmaguei e aparentemente sobreviveu. Eu puxei-me para fora da piscina e pinguei meu caminho até lá, minha perna da calça aderida.

Era Will Santon.

— Oi, Will.

— Descobrimos cinco, com microfones, por toda a casa. Elas estavam em wireless, e elas estão desconectadas. Provavelmente depois que ela pulverizou o carro do lado de fora.

— Vamos precisar de você para trabalhar em descobrir quem fez isso. — Eu não deveria me importar mais, mas eu me encontrei falando como se eu me importasse.

— Alguma ideia?

— Ela está trabalhando com um artista, Kevin Wainwright. Eles têm uma história.

— Estamos tratando disso. — disse Santon.

— Envie a minha irmã a conta.

— É isso aí.

Eu estava prestes a desligar. — Santon?

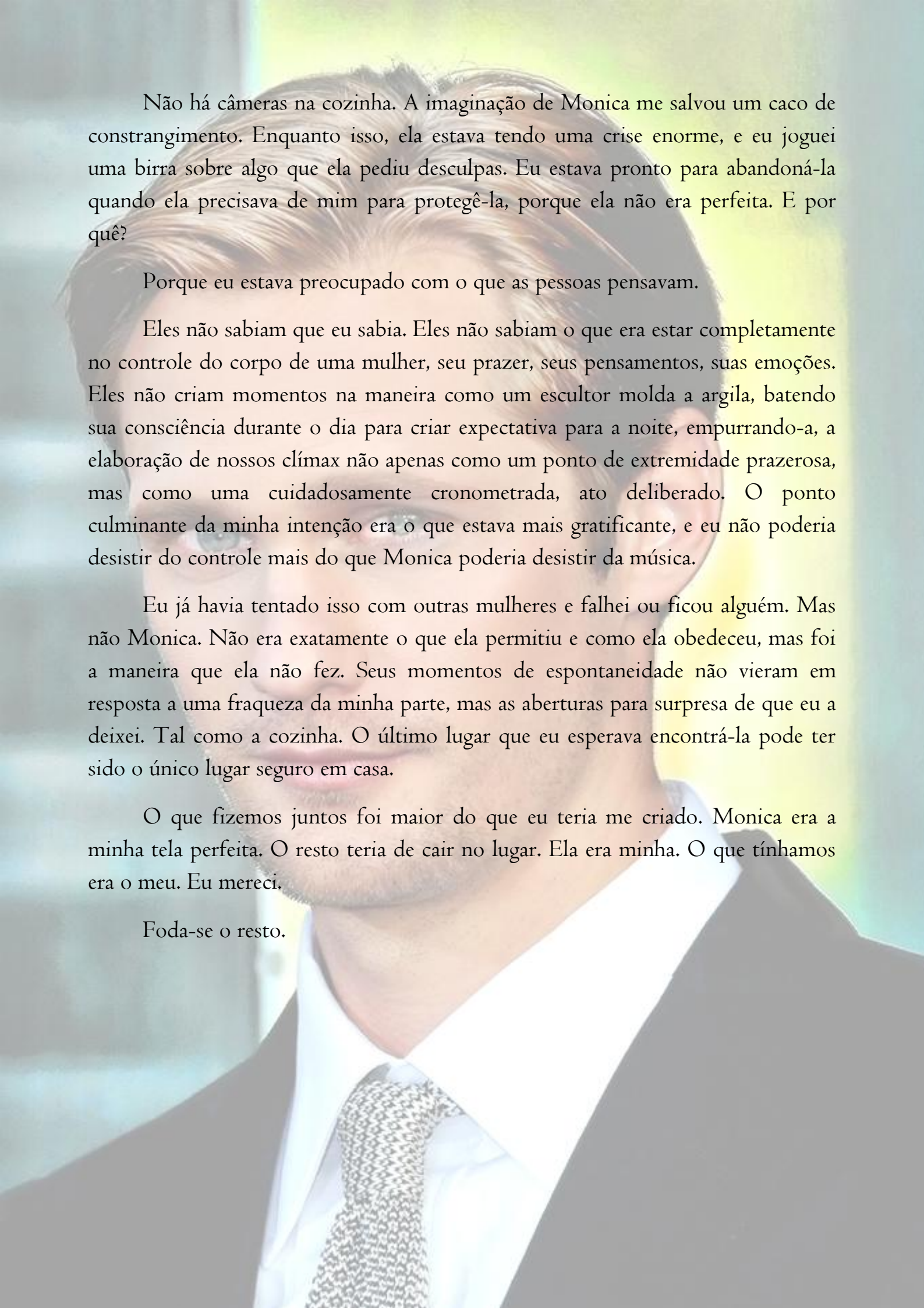
— Sim?

— Tinha na cozinha?

— Não.

— Obrigado. — eu disse suavemente e desliguei. Meu alívio pingava com a água fria. Nenhuma na cozinha. O que fizemos no quarto? Eu beijei-lhe as pálpebras. Não o melhor, certamente. Definitivamente um problema a ser resolvido, pois o fato de que tinha chegado do interior em todos foi uma má notícia, mas nada excêntrico em vídeo. Pelo menos se a minha vida privada era toda um zumbido, a sua dignidade poderia ser salva.

Eu não sei quanto tempo eu fiquei ali segurando meu telefone, mas quando os meus dentes bateram, eu entrei.



Não há câmeras na cozinha. A imaginação de Monica me salvou um caco de constrangimento. Enquanto isso, ela estava tendo uma crise enorme, e eu joguei uma birra sobre algo que ela pediu desculpas. Eu estava pronto para abandoná-la quando ela precisava de mim para protegê-la, porque ela não era perfeita. E por quê?

Porque eu estava preocupado com o que as pessoas pensavam.

Eles não sabiam que eu sabia. Eles não sabiam o que era estar completamente no controle do corpo de uma mulher, seu prazer, seus pensamentos, suas emoções. Eles não criam momentos na maneira como um escultor molda a argila, batendo sua consciência durante o dia para criar expectativa para a noite, empurrando-a, a elaboração de nossos clímax não apenas como um ponto de extremidade prazerosa, mas como uma cuidadosamente cronometrada, ato deliberado. O ponto culminante da minha intenção era o que estava mais gratificante, e eu não poderia desistir do controle mais do que Monica poderia desistir da música.

Eu já havia tentado isso com outras mulheres e falhei ou ficou alguém. Mas não Monica. Não era exatamente o que ela permitiu e como ela obedeceu, mas foi a maneira que ela não fez. Seus momentos de espontaneidade não vieram em resposta a uma fraqueza da minha parte, mas as aberturas para surpresa de que eu a deixei. Tal como a cozinha. O último lugar que eu esperava encontrá-la pode ter sido o único lugar seguro em casa.

O que fizemos juntos foi maior do que eu teria me criado. Monica era a minha tela perfeita. O resto teria de cair no lugar. Ela era minha. O que tínhamos era o meu. Eu mereci.

Foda-se o resto.

Capítulo Vinte e Dois

Monica



cobertor que eu tinha enrolado

cheirava ao velho Jonathan. Folhas secas. Névoa. Jessica tinha escolhido para ele, mas eu enterrei meu rosto de qualquer maneira. Olhei para o portão aberto. Um táxi estava a caminho. Se ele não aparecesse antes do táxi, gostaria apenas de me dobrar de volta para o mundo e nunca vê-lo novamente. Não poderia ser mais difícil do que o que eu tinha feito antes.

Senti o cheiro dele antes de ouvi-lo. Jonathan, couro e serragem. Olhei para dentro e o vi de pé atrás da cadeira mais próxima da porta. Seu cabelo estava molhado, mas suas roupas estavam secas. Ele usava a máscara de marca registrada de diversão implacável.

— Você esperou.

— Cab está vindo.

Ele se sentou na cadeira. — Me desculpe, eu sai de você.

— Está tudo bem.

— Eu sinto que eu deveria explicar.

— Olha, você ficou louco. Eu sei porque. — eu disse.

— Não, você não sabe. — Ele se recostou na cadeira e cruzou um tornozelo sobre o joelho. — Quando me casei com Jessica, eu era um cara bom de baunilha. Tivemos muito sexo, e nós pensamos que estávamos bem. Nós estávamos. Só que eu sempre tive esse lugar escuro por causa do que aconteceu com Raquel. Eu era muito jovem e não estava pronto. E meu pai... bem, eu não conseguia olhar para ele. Eu ainda não podia. Eu nunca disse a ninguém. Ninguém sabia sobre isso, exceto Jessica. Ela sabendo me fez feliz, e ficar feliz, bem, eu comecei a receber ideias sobre como seria bom foder um pouco mais duro. Segurar as mãos para baixo. Dizer a ela quando gozar. Palmadas na bunda dela.

Ele fez uma pausa, como se lembrasse de algum incidente específico. — Não fui mais além. Eu não sabia como parar, e ela não sabia como se calar. Todos os seus amigos estavam convencidos de que eu saía espancando ela. Elas disseram a seus maridos, e antes deles me conhecerem...

— Ninguém falou com você no show Eclipse.

— Certo. E eu a perdi. Quando você se divorcia, você não desiste da pessoa, você desiste de todos os sonhos que você teve com essa pessoa. Aqueles que são mais difíceis de deixar irem. — Ele descruzou o tornozelo e colocou os cotovelos sobre os joelhos. — Agora estou com outra pessoa, e ela é linda comigo. Mas ela canta essa música, e todo mundo vai ouvi-la e achar que estou tentando estuprar e abusar dela. Tudo voltou.

— Eu não posso te dizer como estou arrependida.

— Você deve cancelar o táxi.

— Eu realmente quero ir para casa.

— Você não está indo para casa hoje à noite. Eles descobriram as câmeras.

— Oh, Deus. — Meu peito sentiu como se um pico passasse por isso. Essa era a minha casa. Ela sempre tinha sido a minha casa. Senti-me quebrar e eu tive que moer os dentes para mantê-los juntos.

— Está limpo agora. E não havia nenhuma na cozinha.

Eu ri com alívio. O episódio no chão da cozinha foi a primeira coisa que eu tinha me preocupado e a única coisa que eu tentei não considerar como uma possibilidade.

— Nós precisamos descobrir quem fez isso. E agora eu realmente quero ter você observada.

Eu balancei minha cabeça. — Eu vou ficar com Darren.

— Isso não é uma solução a longo prazo.

Fiquei irritada. Ele tinha levado a conversa e fez o sua própria. — Jonathan, pare com isso. Soluções de longo prazo é o meu problema.

— Como é isso?

Eu tomei uma respiração profunda. Eu sabia o que eu queria dizer, mas depois de descobrir sobre a minha casa, e sua história, eu não sabia se eu tinha a força. Eu me enrolei mais profundo no cobertor. — Sinto muito, Jonathan. O que eu fiz com a música estava errado. Vou fazer o controle de danos que puder. Eu vou gravar alguma coisa e começar com Jerry. Eu não posso fazer Jessica esquecer isso, mas não é como se ela não soubesse sobre as suas preferências.

— Eu sei que Eddie do Carnival Records, pelo caminho. Você o conheceu no Loft Club. Amigo do...

— Penn. Certo. Sinto muito. Eu não posso fazê-lo não ouvir o que ele quer. Talvez ele vá pensar que você é uma merda quente agora?

Ele deu de ombros e balançou as pernas sobre o braço da cadeira. Ele parecia muito relaxado para um cara que parecia prestes a correr em vinte minutos.

— Eu fui descuidada com seus sentimentos. — eu continuei. — Eu deveria ter cantado a música para você em primeiro lugar. Porque é sua vida, e você não pode querer a sua merda bizarra em tudo. Quero dizer, é tudo, mas você não precisa de sua amante para confirmar. Eu pensei sobre isso, e eu não quero que essa merda toda também. Eu conseguiria tocar isso fora como metáfora, mas seus meios significam que eu não posso. Então, nós nos tornamos um casal e ninguém entenderia o que falamos porque o fazemos rir.

Ele riu um pouco de um riso amargo, como se soubesse exatamente o que eu estava falando. Ele fez. Eu estava apenas repetindo a história para ele. Eu seria a segunda mulher a deixá-lo, porque ele era dominante. Antes dele vir para fora, eu me consolava com o fato de que ele não me amava e não me conhecia a muito tempo. Isso pareceu falso, porém. Eu estava indo para machucá-lo, e eu era impotente para detê-lo.

— Então, — eu continuei — foi aí que eu percebi que se eu vou estar com você, eu não posso falar com ninguém. Eu tenho que manter toda uma parte de minha vida trancada ou as pessoas vão olhar para mim. Eu sou a submissa aqui. Eu sou a otária ficando com sua bunda espancada. Eu sou a única andando com hematomas em meus pulsos. Você é o mestre, e eu estou em você. Quero dizer, o que diabos eu estou fazendo? Eu não me importo com minha vida e minha carreira? Como é que eu vou levantar uma perna em uma reunião quando o cara do outro lado da mesa está me imaginando com uma mordaca de bola? Como posso ser vista como um músico que pode se entregar na frente de uma multidão, se eles pensam que eu sou escrava de um homem?

O táxi parou na calçada em um piscar de faróis.

— Vou mandá-lo de volta. — Jonathan balançou as pernas retas.

Eu me desembrulhei do cobertor e me levantei. — Não, eu vou. O que temos não é o que eu quero. É muito. Eu nunca encontrei um homem como você, e se Deus quiser, nunca mais, porque eu não acho que eu poderia levá-lo. Eu já não consigo me imaginar com mais ninguém.

Ele olhou para mim. — Você não vai me deixar, Monica. — Ele pegou minhas mãos. As suas estavam frias, e a tentação para aquecê-las entre as minhas era insuportável.

Eu disse: — Eu queria que você soubesse, antes de eu ir, que *eu te amo*. Eu pensei que eu não queria amar alguém de novo, e talvez eu não quisesse. Quero dizer, o que o pacote traz incluído, certo? Quanto mais eu me apaixonar por você, mais difícil fica deixá-lo. É a coisa mais difícil que eu já fiz.

Quando ele se levantou, ele parecia mais alto, mais perto, mais sólido. — Você não vai.

— Eu vou.

— Não. Você não vê como somos perfeitos? O que você está quebrando não é algo insignificativo, um engate. Nós não somos uma foda casual, e nós nunca seremos. Não desde a primeira noite. Não desde a primeira vez que eu coloquei os olhos em você. Você foi feita para mim. Neguei isso enquanto pude, mas estávamos destinados a ficar juntos. Você é o mar sob o meu céu. Estamos ligados no horizonte.

— Por favor, não faça isso pior. — Minha voz falhou. Eu funguei. Deus. Droga. Aquelas porras de lágrimas.

Ele se levantou e colocou os braços em volta de mim, me engolindo. Como é que ele se encaixa. Como o seu toque parecia perfeito para mim. Como eu queria que ele beijasse meu rosto e pescoço e soprasse meu nome. — Não vá. — ele disse em voz baixa. — Eu quero você, pequena deusa. Sempre. Por favor. Diga-me o que você quer. Diga-me o que tenho que fazer.

O motorista buzinou.

— Deixe-me *ir*, Jonathan.

— Não.

Eu o empurrei com toda a força que eu tinha, e ainda assim ele me segurou. — Deixe-me *ir*.

Ele me apertou com mais força. — Nós não terminamos.

Eu queria cair nele, o aceitar completamente. Ceder ao seu abraço e seu toque, deixando-me levar lá em cima, teria sido tão fácil. Aquela noite teria sido bela e terna, mas o que aconteceria no dia seguinte, e na semana seguinte, e no próximo mês?

Quando eu o empurrei de novo, ele me soltou. Dei um passo para trás, quase caindo. Ele estendeu a mão para me ajudar, mas eu o evitei.

— Adeus. Sinto muito. — eu disse.

— Não se desculpe. — Ele ficou em linha reta, o queixo orgulhoso e os ombros relaxados. — Isso não é o fim.

Eu queria dizer a ele que eu o amava mais, mas teria feito mais mal do que bem. Desci correndo as escadas. O taxi estava prestes a sair sem mim, mas eu agarrei a maçaneta da porta e a abri. O motorista parou, e eu entrei.

Com um último olhar para trás, vi Jonathan iluminado por traz nessa magnífica varanda, de pé, como se tivesse total controle da situação, cada centímetro de um rei.

Continua em
Burn...

